



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Sol Marins Cortez de Mendonça

Pelas veredas de Stella Maris Rezende: um olhar para

A mocinha do Mercado Central

Rio de Janeiro

2023

Sol Marins Cortez de Mendonça

**Pelas veredas de Stella Maris Rezende: um olhar para
*A mocinha do Mercado Central***

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Regina Silva Michelli Perim

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

R467	Mendonça, Sol Marins Cortez de. Pelas veredas de Stella Maris Rezende: um olhar para A mocinha do Mercado Central / Sol Marins Cortez de Mendonça. – 2023. 127 f.: il. Orientadora: Regina Silva Michelli Perim. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 1. Rezende, Stela Maris, 1950- – Crítica e interpretação – Teses. 2. Rezende, Stela Maris, 1950-. A mocinha do Mercado Central – Teses. 3. Literatura infanto-juvenil brasileira - História e crítica – Teses. 4. Literatura infanto-juvenil brasileira – Censura – Teses. I. Michelli, Regina. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título. CDU 869.0(81)-95
------	--

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Sol Marins Cortez de Mendonça

**Pelas veredas de Stella Maris Rezende: um olhar para
*A mocinha do Mercado Central***

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 27 de abril de 2023.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Regina Silva Michelli Perim (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Angélica de Oliveira Castilho Pereira
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ

Prof^a. Dra. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos
Universidade Estadual de Montes Claros

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Bernardo, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai, Virgínia e Bernardo, por me armarem com livros desde sempre.

A Antônio R. Viégas de Mendonça, Marina S. de Mendonça Ferraz e Luciana Viégas, com quem eu enredo as melhores tramas.

Aos meus sobrinhos Vicente, Inácio e Cecília, por me inundarem de amor, alegria e ânimo para perseverar.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por ter recebido com bons olhos o meu projeto.

A Kamilla Loivos, Marcus Santos, Caio Carvalho e a todos da equipe querida do IFHT/UERJ, pela parceria profissional e amizade que fizeram toda a diferença nesses três anos de mestrado. Muito, muito obrigada. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa equipe.

Aos amigos do NELIJ-UERJ, especialmente Flávia Côrtes, que me recebeu na minha pré-candidatura ao mestrado e iluminou o caminho. E aos amigos Alexandre de Castro Gomes, Beatriz Féres, Luiza B., Karen Schüller, Anabel de Paula, Ana Paula Macri, Renata Anná, Elen Lima, Jenny Fernandez, Juliana Félix, Felipe Campos, Sevy Amorim e Cláudia Marapodi, por serem exemplo para mim e se tornarem pessoas fundamentais nessa trajetória. “É tudo nosso”.

A todos os colegas do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, especialmente às queridas Thaisa Menezes e Júlia Sereno, companheiras de jornada que representam tantos outros que eu admiro.

À professora Terezinha Féres-Carneiro, da PUC-RJ, por dedicar seu tempo e sua imensa experiência às vésperas da minha qualificação e sempre.

À minha analista, Andrea Seixas Magalhães, pelas palavras e escuta maravilhosas nesses 20 anos de convivência.

A Nicole Alvarenga e Sueli Santos, minhas estrelas-guias em Belo Horizonte e Dolores do Indaiá, que abriram portas e foram companhias perfeitas na minha viagem para Minas durante a pandemia. Ao povo dorense, obrigada especialmente a seu Oswaldo e Liliane, do Hotel Central, a Nailson, diretor da Escola Municipal Irmã Luiza de Marillac, a dona Gelma, Emiliani e Viviane e à dona Rosa, pelas prosas, portas abertas e delicadezas comigo.

A Claudia Miranda, Luciana Figueiredo e Rachel Vieira Pithan, amigas que foram a minha inspiração para a vida acadêmica; e a todos os amigos da vida inteira, especialmente Daniela Féres, Tiago Carneiro, Alice Romeiro, Sabrina Romeiro, Rachel Delgado, Christiane

Brito, Jacqueline Barbosa, Renata Rodrigues, Pedro Palmeiro, Cintia Borges, Flávia Dantas, Camila Luz, Lúcia Moraes, Alice Passos, Celina Côrtes, Pedro Miranda, Luciana Peralva e Marília Pirillo, por serem Sol na minha vida.

Aos médicos que cuidaram de mim em 2022, Dra. Angélica Baamonde, Dr. Leonardo e Dra. Denise Vaks, pela escuta atenta e sensível e pela escrita atenciosa de laudos precisos para que eu pudesse finalizar o trabalho.

A Stella Maris Rezende, pela disponibilidade, pelas palavras escritas nos livros e pelas palavras de apoio em tantos momentos.

A Ale Rosalba, pelo trabalho competente de formatação e pelas dicas a qualquer hora, fosse dia ou noite.

Às professoras Angélica Castilho e Rita de Cássia, por aceitarem compor minha banca e dedicarem um olhar atencioso, respeitoso e refinado à minha pesquisa.

E, finalmente, à minha orientadora Regina Michelli, por ter sido orientadora no sentido mais precioso da palavra, meu agradecimento profundo pela escuta e paciência. Pela parceria incansável. Por construir junto comigo o percurso desta pesquisa, me apoiando em meus delírios, nas dúvidas, nas angústias, sendo generosa com minha inexperiência acadêmica, compreensiva nos desafios, sempre respeitando o meu tempo. Obrigada por tanto.

A todos os que me apoiaram, com ações, indiretamente e com palavras, sou grata.

Para ela, escrever desembesta, faz a pessoa deixar de ser besta, arreda, arreda, vira redemoinho, tira as coisas do lugar.

Stella Maris Rezende

RESUMO

MENDONÇA, Sol Marins Cortez de. *Pelas veredas de Stella Maris Rezende: um olhar para A mocinha do Mercado Central*. 2023. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Foram muitos recomeços até que se desse a escrita final desta dissertação. Foram muitas rotas traçadas, tombos e até fraturas (literais e simbólicas) até que se chegasse ao objetivo de apresentar uma leitura sobre o romance *A mocinha do Mercado Central*, de Stella Maris Rezende, iluminando aspectos do estilo original e de temas relevantes da escritora. Stella Maris Rezende tem uma obra dedicada às crianças e aos jovens, cujas possíveis experiências aborda sem rodeios, mostrando a vida como pode ser, através de seus personagens intrigantes, uma das principais características de seu trabalho. Stella Maris Rezende tem hoje quase 60 livros publicados, que já despertaram o interesse de pesquisadores, embora ainda haja dezenas de ramificações possíveis para estudá-la. Nesta dissertação, são abordados aspectos de sua vida e obra, o trabalho feito com a linguagem, as mineiridades e os temas fraturantes encontrados frequentemente em sua obra. Finalmente, o terceiro capítulo destaca o romance *A mocinha do Mercado Central*, que a consagrou, em 2012, com o Prêmio Jabuti de Melhor Livro do Ano de 2011. Como embasamento teórico, o trabalho revisita reflexões propostas por Ana Margarida Ramos, Stuart Hall, José Nicolau Gregorin Filho, Gustavo Bernardo, entre outros autores de relevância numa abordagem metodológica comparatista, articulando diferentes campos do saber. Sobretudo, espera-se que o interesse pela obra da escritora não se encerre com esse trabalho, mas que seja somente o início do reconhecimento de Stella Maris Rezende como uma escritora importante para a produção literária no Brasil.

Palavras-chave: Stella Maris Rezende. Literatura juvenil. *A mocinha do Mercado Central*.

Temas fraturantes.

ABSTRACT

MENDONÇA, Sol Marins Cortez de. *Through the path of Stella Maris Rezende: a look at A mocinha do Mercado Central*. 2023. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

There were many new beginnings until the final writing of this dissertation has taken place. There were many routes traced, falls and even fractures (literal and symbolic) until the objective of presenting a reading on the novel *A mocinha do Mercado Central*, by Stella Maris Rezende, was reached, illuminating aspects of the writer's original style and relevant themes. Stella Maris Rezende's writing is dedicated to children and young people, dealing with delicate, even fractured themes, which she discusses bluntly, showing life as it can be, through her thought-provoking characters, one of the main features of her work. Stella Maris Rezende's full publication is on its way to 60 books, and it has already aroused the interest of many researchers, although there are still dozens of possible ways to study it. In this dissertation, aspects of his life and work, the work done with language, the mineiridades and the fractured themes often found in his work will be addressed. Finally, the third chapter highlights the novel *A mocinha do Mercado Central*, which consecrated her, in 2012, with the Jabuti Award for Best Book of the Year 2011. As a theoretical basis, the work revisits reflections proposed by Ana Margarida Ramos, Stuart Hall, José Nicolau Gregorin Filho, Gustavo Bernardo, among other relevant authors in a comparative methodological approach, articulating different fields of knowledge. Especially, it's hoped that the interest in the writer's work doesn't end with this work, but that it's only the beginning of Stella Maris Rezende's acknowledgment as an important writer for literary production in Brazil.

Keywords: Stella Maris Rezende. Youth literature. *A mocinha do Mercado Central*. Fractured themes.

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –	Capa do site	18
Imagem 2 –	Casa onde nasceu Stella Maris Rezende	38
Imagem 3 –	Paisagem do cerrado mineiro	39
Imagem 4 –	Estrada Dores do Indaiá-Belo Horizonte	40
Imagem 5 –	No quintal da casa de Rubem Fiúza, com a viúva do escritor	41
Imagem 6 –	Capa de <i>A mocinha do Mercado Central</i>	56
Quadro 1 –	Identidades da personagem Maria Campos	60
Imagem 7 –	Maria Campos frente ao espelho	67
Quadro 2 –	Prêmios	124

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	STELLA MARIS REZENDE	16
1.1	Na escola, nasce a escritora	17
1.2	Escrever como um ato de sobrevivência	25
1.3	Infância e adolescência na linha de frente	31
1.4	Viagem a Dores do Indaiá Minas Gerais: o cenário como ponto de partida e de chegada	34
2	FRATURA E CENSURA: TEMAS INCONVENIENTES	43
2.1	Temas indesejados para quem?	45
2.2	Quem tem medo do lodo?	52
3	<i>UM OLHAR PARA A MOCINHA DO MERCADO CENTRAL</i>	55
3.1	Apenas Maria Campos	58
3.1.1	<u>Nem feia nem bonita: sonhadora.....</u>	71
3.1.2	<u>A prestimosa e o atencioso</u>	74
3.1.3	<u>Um favor muito importante</u>	75
3.1.4	<u>A filha desejada voa</u>	80
3.1.5	<u>Encontro com o maravilhoso</u>	93
3.1.6	<u>De volta a Dores do Indaiá</u>	95
	CONCLUSÃO	99
	REFERÊNCIAS	102
	ANEXO A – Entrevista com Stella Maris Rezende	108
	ANEXO B – Prêmios	124

INTRODUÇÃO

Começar é muito difícil. Vai ver continuar é muito mais difícil.

Stella Maris Rezende

Foram muitos recomeços até que se desse a escrita final desta dissertação. Foram muitas rotas traçadas até que se chegasse ao objetivo de apresentar nossa leitura sobre o romance *A mocinha do Mercado Central*, de Stella Maris Rezende. E com o olhar voltado para esse livro, pretendemos destacar alguns pontos na estética de Rezende que fazem dela uma escritora aclamada pela crítica especializada, por seus jovens leitores e que está começando também a ser objeto mais frequente de estudos acadêmicos como dissertações de mestrado, as quais são utilizadas como referência neste trabalho, como também é a tese de doutorado de 374 páginas na qual a pesquisadora Daniela Aparecida Francisco (2019), sob orientação do professor João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, analisa 23 romances juvenis de Stella Maris Rezende, preenchendo, desta forma, simultaneamente duas lacunas dos estudos literários – a da literatura infantil e juvenil e a de mulheres escritoras, *algumas delas* obscurecidas ao longo da História.

Desde menina, Stella Maris Rezende soube que seria escritora, incentivada na escola por uma professora, que logo descobriu que a pequena estudante de oito anos de idade tinha fôlego para a escrita. Em seus livros, as mulheres têm protagonismo garantido, assim como os jovens e as crianças interessados nas palavras, caso dos personagens da trilogia infantil composta por *A poesia da primeira vez* (2014b), *A coragem das coisas simples* (2015) e *A fantasia da família distante* (2016). Por terem a escuta atenta em casa e nas ruas, os pequenos protagonistas utilizam a linguagem como aliada nas brincadeiras e descobertas sobre o mundo e as pessoas que os cercam.

A presença de um forte repertório linguístico regional *dorense* colhido de memórias é uma das marcas de Stella Maris Rezende que revelam modos de vida fora do eixo Rio-São Paulo e tornam suas narrativas recheadas de expressões, religiosidade, culinárias e saberes populares. Este fator já gerou estranhamento por parte de editores no início da carreira de Stella Maris Rezende. Por isso, incluímos esta como uma “questão fraturante”. Abordaremos mais adiante essa questão.

A respeito da minha trajetória no mestrado do Programa de Pós-graduação da Universidade do Rio de Janeiro - UERJ, iniciada no cenário da pandemia da covid-19, em

março de 2020, passaram-se dois anos com aulas à distância, como foi possível. Em 22 de agosto de 2021, tomada por necessidade de avançar com a pesquisa e uma ingenuidade quase quixotesca, entrei em um ônibus leito para Belo Horizonte e passei um fim de semana explorando a pé a capital mineira: fui à praça da Liberdade¹, explorei o Mercado Central², almocei no Edifício Malleta³ e, na segunda-feira, viajei para Dolores do Indaiá, em plena pandemia de covid logo após a primeira dose da vacina, que também ainda estava em fase de pesquisa: encontrei o comércio quase todo fechado, os moradores encapsulados em suas casas e pouco afeitos a forasteiros. Nesse trabalho de campo, alguns possíveis entrevistados não quiseram me receber, como a quase centenária Dona Branca, escritora; Dona Ivany Chagas, a rainha perpétua do Congado da festa de Nossa Senhora do Rosário, a mais popular da cidade, assim como Derli (poeta); Carminha; Gutierre; Marcelina; Dona Laura; Dona Lindaura (benzedeira); Dona Veneranda (benzedeira); Dona Zilda (benzedeira), seu Zé Antônio e a esposa dona Maria (quitandeira); e dona Gelma. Não pude conhecer nenhum deles no modo presencial. Um dos meus objetivos com a viagem era me encontrar com antigos moradores, possíveis guardadores do universo de Stella Maris Rezende, mergulhar nos modos mineiros e escrever próxima dos elementos que inspiraram a escritora: encontrar as panelas de pedra fumegantes e as praças derramando expressões da oralidade popular. Como jornalista que sou, de formação, tenho muito interesse por personagens reais e imaginados, por histórias de vida e de ficção. Na academia, como pesquisadora, me interessa não as repetições, as regras, mas o bom combate e o alvorecer das ideias. Uma pesquisa e a escrita de uma dissertação é composta de muitos passos. E cada um deles faz parte da trajetória rumo à linha de chegada e aos resultados.

A escrita de uma dissertação é a travessia de um rio a nado contra uma pesada correnteza. Havia muitas formas de se mergulhar nas águas profundas das histórias contadas por Stella Maris Rezende, que colhe e semeia cada palavra do texto. Voltemos à dissertação.

O título *Pelas veredas de Stella Maris Rezende: um olhar para A mocinha do Mercado Central* sugere o objetivo de se aventurar nos caminhos percorridos pela escritora

¹ A Praça da Liberdade fica no bairro Savassi, no encontro de quatro avenidas: avenida Cristóvão Colombo, avenida João Pinheiro, avenida Brasil e avenida Bias Fortes. É uma das três praças mais importantes da cidade, junto com a praça Raul Soares e a praça Sete de Setembro.

² O Mercado Central é um dos pontos turísticos mais famosos de Belo Horizonte. Falaremos mais sobre sua história e características no capítulo 3.

³ O Edifício Malleta é um edifício histórico localizado no centro de Belo Horizonte, com sebos, livrarias, cabeleireiros, *lan house* e restaurantes que são frequentados por jovens universitários durante os dias de semana e, à noite, recebe em sua varanda, com vista para a rua da Bahia e a avenida. Augusto de Lima, a elite mineira, que vai desfrutar dos bares, cafés, drinkerias e restaurantes. O edifício foi construído sobre o Grande Hotel em 1957 e inaugurado no final de 1961. (Nota da pesquisadora com informações de Portal Belo Horizonte.)

em sua forma de criar. Abordaremos o trabalho com a linguagem, as mineiridades, as temáticas que ela defende com frequência e sem medo de ferir suscetibilidades; e posteriormente o trabalho destacará o romance *A mocinha do Mercado Central*.

No primeiro capítulo apresentamos dados biográficos e bibliográficos da escritora Stella Maris Rezende, uma escritora que, desde que começou a publicar seus livros, há mais de quarenta anos, decidiu seguir sua intuição e desafiar os padrões, ao contrário do que aconselharam as pessoas que ela procurou para apresentar seus primeiros originais. Como já foi narrado por ela em diversas entrevistas, o mercado temia que o público não absorvesse tanta mineiridade e seus editores chegaram a sugerir que ela alterasse a linguagem de seus livros, adaptando-a para o eixo Rio-São Paulo. A escritora, porém, pouco ou nada recuou e faz questão de incluir temáticas sensíveis que exigem disponibilidade, maturidade e senso crítico por parte de seus leitores.

No segundo capítulo trazemos o conceito de temas fraturantes e refletimos sobre sua presença e sua importância na literatura para crianças e jovens da atualidade. Temáticas que, por vezes, são consideradas “difíceis” de serem acessadas e conversadas podendo sofrer resistência por parte do leitor e até pelo possível mediador de leitura, como os pais e as mães, ou professores, que, ao invés de desenrolar o novelo e tecer das narrativas complexas, incentivando o hábito da leitura da boa literatura, conforme define a escritora Flávia Côrtes (2020), preferem evitar as abordagens difíceis. Mas, se pararmos para refletir, qual seria o motivo de tanta resistência? Os antigos já diziam que a literatura é um meio de conhecimento “diferente” do que propõem a filosofia e as ciências. Um texto literário traz um conhecimento sobre o mundo, sobre os sentimentos humanos e suas paixões, como defende Todorov (2009, p. 10), sobre a vida íntima e, também, sobre a vida pública, de forma que é inútil insistir na tentativa de contê-la, de censurá-la. O que pode a literatura? – pergunta Todorov (2009), no título de um dos capítulos do livro *A literatura em perigo* no qual narra dois episódios dramáticos em que a poesia e a prosa livraram pessoas de uma dor e de um sofrimento profundos. De fato, há momentos nos quais nos sentimos em uma canoa à deriva sob tensa tempestade, e a única boia possível para nossa salvação é a leitura de uma história que nos envolva e nos devolva à segurança e ao prumo do juízo. Cada palavra de poesia ou de ficção na hora em que mais precisamos nos revela algo que só a literatura pode entregar. Nunca me esqueci da frase: “E foi aí que todo mundo descobriu que ele não tinha sido um menino maluquinho. Ele tinha sido era um menino feliz” (ZIRALDO, 2012, p. 107), do livro *O menino maluquinho*, uma joia de livro, escrito e ilustrado pelo cartunista e jornalista Ziraldo e publicado em 1980. Hoje, quarenta anos depois, essa frase de um dos personagens mais

conhecidos da nossa geração (sou nascida em 1974) ainda é o conselho que nós precisávamos ouvir sem saber. Não somos nós que temos que entender a literatura, é ela, a literatura, que nos compreende profundamente.

No terceiro capítulo, iremos ao livro eleito para este trabalho entre tantos que Stella Maris Rezende escreve: o romance *A mocinha do Mercado Central* é composto de pouco mais de 100 páginas e foi publicado pela editora Globo, em 2011. Em 2012, foi vencedor do Prêmio *Jabuti* de melhor livro na categoria Juvenil e também eleito o Melhor Livro de Ano publicado no Brasil naquele ano. Escolhemos dividir o terceiro capítulo em subcapítulos, cada um deles relacionando-se a uma das identidades criadas pela protagonista Maria Campos (Zoraida, Teresa, Simone, Miriam, Nídia, Gilda e Selma). Os outros personagens e os subenredos do romance são analisados no respectivo capítulo em que estão inseridos, assim como os espaços e tempos, o narrador e os temas fraturantes. Por fim, nossas reflexões, que encerram esse trabalho, mas podem levar adiante a pesquisa acerca das literaturas infantil e juvenil brasileira, tema de nosso interesse.

Como referenciais teóricos, utilizamos contribuições de Tzevetan Todorov (2009), Antoine Compagnon (2010) e Wolfgang Iser (1999). Para os temas fraturantes e a literatura juvenil, encontramos referências em Ana Margarida Ramos (2019), José Nicolau Gregorin Filho (2011) e Gustavo Bernardo (1999 e 2005). Também consultei Zygmunt Bauman (2021) e Stuart Hall (2006), no que se refere aos conceitos de identidade, entre outros autores de relevância.

Sobretudo, sabemos que o interesse pela produção de Stella Maris Rezende também não se encerrou neste trabalho. Ao contrário, o trabalho apenas evidenciou os muitos caminhos para se estudar essa autora tão rica em linguagem e imaginação. Este é o nosso olhar, em constante reformulação, sobre um dos romances escritos por uma escritora brasileira que poderia enriquecer a bagagem de literatura de qualidade das crianças, dos jovens e de adultos. Um bom leitor não é aquele que lê qualquer livro, mas o que sabe escolher o que quer ler, pode abandonar o que não gosta e dar uma segunda chance ao livro que já o desagradou em outro momento de sua vida. Parafraseando o grego Hipócrates, um mesmo livro não é lido da mesma forma pelo mesmo homem. Para complementar, ao usar o adjetivo “qualidade”, estou me referindo à literatura para crianças e jovens que também pode vir a ser uma leitura prazerosa para o leitor maduro por seus valores estético e ético, pela abordagem de qualquer tema e a resistência a padrões conservadores de qualquer natureza.

A escritora dorense Stella Maris Rezende, com infinita coragem e potência inventiva, evidencia que as fraturas humanas, como todas as formas de preconceito, a violência contra a

mulher, o machismo, o sofrimento e a morte, mesmo complexas, incômodas e indesejáveis, não devem ser ocultadas em obras de literatura infantil e juvenil. Esses temas, ao contrário, devem ser tratados com o devido respeito à capacidade das crianças e dos jovens de ler e de saber diferenciar a ficção e a vida real. Não subestimar a inteligência e a sensibilidade infantis e juvenis deveria ser quesito obrigatório em qualquer escritor.

Neste trabalho, entendemos que os temas fraturantes abrangem tudo o que pode ser considerado sensível ou incômodo, como os temas que já foram mencionados, mas também outras questões. Por essa escolha, citamos, por exemplo, casos de escritores que tiveram livros censurados ou até estiveram presos no período histórico da ditadura militar por serem considerados inadequados pelos governos militares.

Como sugere a escritora argentina María Tereza Andruetto (2012, p. 54), precisamos da literatura para sair de nós e, ao mesmo tempo, para olhar para nós mesmos através de experiências inéditas do outro, deste outro que nos autoriza a vivenciar aquilo que não conhecíamos, em mundos possíveis, mas que não estariam ao nosso alcance não fosse a literatura. Porém, a maneira como um leitor adquire o conhecimento de novos mundos por meio da literatura é como uma digital, nunca haverá duas iguais.

1 STELLA MARIS REZENDE

Meu encanto é com as palavras.

Stella Maris Rezende

Este capítulo tem o objetivo de apresentar a escritora Stella Maris Rezende ao leitor que ainda não teve a oportunidade de enveredar em sua ficção juvenil.

Contar alguma coisa (uma história) é fácil, mas para ser literatura é preciso um *corpo verbal*, um corpo formado por matéria literária que se estrutura a partir do momento em que a invenção se transforma em linguagem por meio das palavras, conforme definido pela professora Nelly Novaes Coelho (2000, p. 66). Na invenção literária, o escritor opera processos para compor que vão desde a ideia, o sentimento, a emoção que vai gerar a história, até a elaboração do texto, usando para isso recursos estilísticos ou estruturais.

No texto da orelha do *As gêmeas da família*, o escritor Luis Rufatto caracteriza Stella Maris Rezende como “uma das mais importantes cultoras da literatura infantojuvenil brasileira”, enfatizando “a construção de uma história que encanta pela trama e seduz pela linguagem”. A escritora tem paixão por palavras, como já afirmou em diversas entrevistas, as histórias que conta não são programadas, mas quase sempre nascem através de uma palavra ou de uma frase que ela escuta e vai ecoar na ficção. É a linguagem que constrói a história, que chama as personagens para construir seu jogo narrativo.

A linguagem narrativa pode ser classificada como realista mimética ou linguagem simbólica. Como nos ensina Coelho, antigamente, quando as ideias, leis e normas de comportamento eram transmitidas oralmente, a linguagem metafórica predominava. Já na ficção contemporânea, surge uma nova forma de linguagem narrativa, uma fusão da linguagem realista com a metafórica, usada pela ficção do Realismo Absurdo ou do Realismo Mágico, no qual o cotidiano comum e o maravilhoso passam a conviver naturalmente. (COELHO, 2000, p. 82). O escritor Biagio D’Angelo, vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil em 2012, sublinha na contracapa de *As gêmeas da família* (REZENDE, 2013) que na ficção de Stella Maris Rezende “as palavras se compõem de memórias e tragédias, de afetos e vidas”. Da matéria vida se compõe a literatura, e a vida se arruma e se desarruma com suas dores agudas e seus sonhos, suas alegrias e angústias. No perfil biográfico de Stella Maris Rezende publicado no livro *A terra dos mais belos desejos* (2002), quando só havia linguagem, é seduzir, brincar, emocionar, sofrer. Nesse jogo fascinante, alegria e angústia

trabalham juntas, desafiando o coração humano, esse coração leitor e escritor” (REZENDE, 2002a, p. 22).

1.1 Na escola, nasce a escritora

Entremeada na trama haveria muitas perguntas.

Stella Maris Rezende

Nas entrevistas que costuma conceder, a escritora Stella Maris se apresenta da seguinte forma, tão sucinta quanto misteriosa.

Nasci ali juntinho da Serra da Saudade
Minas Gerais, Dolores do Indaiá
Meu nome, Stella Maris
Eu sou estrela-do-mar
Estrela do mar de Minas,
Minas de mistérios
Montanhas de histórias pra contar! (REZENDE, 2022b, n.p.).

Essas são, também, praticamente as únicas informações biográficas em seu site www.stellamarisrezende.com. O site é constantemente atualizado assim como seu canal no YouTube, no qual ela costuma dissertar sobre sua literatura, sobre livros que lê de outros autores de literatura infantil e juvenil ou não, e, principalmente, onde diverte-se brincando com o leitor e seu brinquedo preferido: as palavras. “Venha conhecer a fada das palavras, a premiada escritora das letras mágicas” é o convite exposto na capa do site da escritora (Imagem 1), que está dividido em oito páginas: a pequena biografia, a bibliografia, os prêmios, as resenhas, as participações da escritora na mídia (entrevistas concedidas por escrito em áudio e vídeo), os eventos, lançamentos de livros e oficinas ministradas pela escritora (as chamadas *Letras mágicas*), e um canal de comunicação para que seu público-leitor possa se corresponder com ela.

Imagem 1 – Capa do site.



Fonte: REZENDE, 2022c.

O apelido “fada das palavras” decorre de quando residia em Brasília, onde exerceu o magistério e apresentou os programas Carrossel, na TV Brasília/Manchete, e Recreio, na TV Capital/Record, em que interpretava as personagens Fada Estrelazul e Tia Stela, respectivamente. Segundo a professora e pesquisadora Regina Michelli (2013, p. 65), no artigo “Nas trilhas do maravilhoso: a fada”, “o significado etimológico da palavra fada remete ao *fatum* ou fado, o destino. [...] Como as fadas não estão submetidas às leis de contingência física que cerceiam os humanos, não morrem e tudo podem realizar”. E não seria assim também com os escritores e a literatura? Afirma Stella Maris Rezende: “Se todos morrem um dia, a maior magia é a gente se encantar com a vida”. Decidida a divulgar a literatura infantil e juvenil em sua cidade, criou o “Projeto Leitor e Criador”, para incentivar o gosto pela leitura na rede escolar pública, onde dava aulas de literatura, ao mesmo tempo em que tomou a iniciativa de criar um quadro para os programas de televisão, algo inédito na época no Distrito Federal. Em entrevista concedida para esta pesquisa e que está publicada como anexo nesta dissertação, a escritora Stella Maris Rezende descreve:

Foi uma bela experiência na minha vida. Uma bela experiência. No final dos anos 1970, início dos anos 1980, eu vivia a Fada Estrelazul no Programa Carrossel, na TV Brasília, Manchete, naquela época, e depois na TV Record e na TV Cultura, eu era a Tia Stela. No Carrossel, eu entrava vestida de fada, varinha de condão. Hoje eu sou a “fada das palavras”, mas naquela época eu entrava vestida de azul, e era a fada com varinha de condão, contando histórias. Hoje, analisando, depois de tantos anos, foi muito importante, porque os livros eram procurados depois que eu lia as histórias, porque eu mostrava a capa do livro. Tinha uma câmera que me filmava, contando a história. Algumas eu lia em voz alta, outras eu contava, e outra câmera ia mostrando a capa do livro, o nome do autor, o nome da editora. Então esses livros vendiam bastante, a partir dessa divulgação que eu fazia no Programa Carrossel. Já pensou se as televisões, os canais de tevê fizessem mais esse tipo de trabalho?, divulgando a literatura, mostrando livros, lendo trechos dos livros, seria muito

poderoso. Porque essa é uma forma muito poderosa mesmo de divulgar a literatura infantil. (ANEXO A).

“Mas antes havia a mãe [...]” (REZENDE, 2011, p. 15). Stella Maris Rezende nasceu em 1950. Aos quatro meses de idade, foi tirada de Dores do Indaiá, sua terra natal, por motivos do trabalho de seu pai. Portanto, assim como a escritora Clarice Lispector, que veio ao mundo ucraniana, mas afirmava que nunca havia pisado em seu país de origem, Stella Maris Rezende foi levada antes de ficar de pé e só voltou a pisar em Dores do Indaiá como visitante. Em suas veias, porém, corre o puro sangue mineiro: seu pai nasceu e foi criado em Dores do Indaiá. Já sua mãe era natural da cidade vizinha, Morada Nova de Minas, passou a infância em Bom Despacho e, na adolescência, foi residir em Dores do Indaiá, onde viveu um bom tempo até conhecer o pai da escritora e com ele se casar. Segundo a escritora, seu pai era um homem conservador, curtido na cultura patriarcal e machista, de gênio muito forte, frequentemente apresentando verdadeiros colapsos nervosos que assustavam toda a família.

Papai era muito nervoso. O que ele aprontava quando ficava nervoso... Aí o médico falou: “seu Mário, o senhor é muito nervoso, eu vou te receitar um remedinho, o senhor vai ficar bom”. E ele contou pra todo mundo isso em casa, ninguém acreditou. Mas o médico receitou um calmante, um rem, uma florentina da vida. Papai virou outra pessoa. Era um problema químico que ele tinha. Claro, tinha o machismo, isso não tem nada a ver, mas ele tinha que tomar uma medicação para o nervosismo. (ANEXO A).

A partir desse episódio, quando fora diagnosticado e medicado, o pai viria a se tornar uma pessoa de fácil convivência, entretanto as feridas deixadas em sua infância estão presentes em seus romances. A mudança de comportamento do pai também marcou a escritora: “Ele passou a fazer coisas que não fazia. Virou aquele pai amoroso, cantava, carinhoso com a minha mãe. Só porque passou a tomar um calmante.” (ANEXO A).

A família não consta como a grande incentivadora do talento de Stella para a ficção e a poesia. Foi uma professora primária que vislumbrou o futuro da pequena estudante: “Stella, você vai ser escritora”, como ela já contou em muitas entrevistas. Aos oito anos, a partir de um exercício proposto por esta professora, Stella redigiu 20 páginas e, a partir da observação feita pela docente, passou a frequentar bibliotecas e devorar livros.

Seu primeiro livro foi publicado de forma independente, em 1979, quando tinha 29 anos de idade, tendo os adultos como público-alvo. No ano seguinte, publicou seu primeiro texto para crianças e jovens. Seu ritmo de trabalho é constante e incessante durante todo o ano. Escreve todos os dias, preferencialmente pela manhã, e segue uma rotina bem regrada de trabalho, sempre trabalhando em vários livros ao mesmo tempo. Segundo o site da escritora,

consultado em fevereiro de 2023, já são mais de 60 títulos publicados, entre novelas, contos, romances, dramaturgia, poesia e livros para crianças e jovens.

Stella Maris Rezende estudou Letras na Universidade de Brasília (UNB) e frequentou o Curso de Teatro Jayme Barcellos. É também desenhista e pintora, chegou a ser agraciada pela Fundação Cultural do Distrito Federal. cursou Mestrado em Literatura Brasileira também pela UNB e atuou como diretora teatral, dramaturga, compositora e atriz-cantora, na peça teatral *Corpo tenso, voz passiva*, em 1978.

Publicado pela primeira vez em 2002 e relançado 20 anos depois, *Esses livros dentro da gente* é a fonte que revela os segredos de Stella, mas não em forma de carta, como outros já fizeram. Na segunda edição, o título é mudado, retirando-se a palavra “jovem”. O livro reflete o ofício do escritor, tema antes abordado pelo poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade, na crônica “Entre palavras”. Confirmando o que já foi dito anteriormente, toda atenção à palavra é necessária no labirinto por onde caminha o escritor.

Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos. A maioria delas não figura nos dicionários de há trinta anos, ou figura com outras acepções. A todo momento impõe-se tomar conhecimentos de novas palavras e combinações de. Você que me lê, preste atenção. Não deixe passar nenhuma palavra ou locução atual pelo seu ouvido sem registrá-la. Amanhã, talvez, pode precisar dela. E cuidado ao conversar com seu avô, talvez ele também não entenda o que você diz (ANDRADE, 2013, p. 71).

Pergunta Stella Maris Rezende (2022a, p. 56): “Escrever o quê? Por quê? Para quem? De que modo?” A que preço? Com todas as forças? Com quais fraquezas?”. Afinal escrevemos para nós mesmos ou para os outros aprovarem, para nos sentirmos aceitos, para passar lições ou ensinar algo? Como escritora que também sou, essas questões nunca deixaram de pairar na minha mente em muitos momentos em que estava lendo ou criando uma história. O filósofo Roland Barthes, no texto da aula inaugural da cadeira de Simiologia Literária lida no Colégio de França, em 1977, aborda o lugar de liberdade proporcionada pela linguagem através da literatura, enfatizando sua função subversiva, seu pendor a produzir a novidade, a ruptura com o que é usual na língua.

Entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, nas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visio portanto, essencialmente o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto (BARTHES, 2007, p. 16).

É muito interessante essa comparação da literatura com o palco onde há um jogo de cena em que as palavras assumem papéis diferentes. A literatura permite a brincadeira desobediente, o experimentar independente, pois que é o “próprio aflorar da língua” (BARTHES, 2007, p. 17) pelo deslocamento de palavras, pelos enigmas que a literatura proporciona. “A literatura assume muitos saberes [...], faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (BARTHES, 2007, p. 17-18). Ele afirma que se a escola tivesse que deixar de ensinar todas as disciplinas, salvando-se apenas uma delas, esta haveria de ser a Literatura, “pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (BARTHES, 2007, p. 17). Por outro lado, “as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa” (BARTHES, 2007, p. 20). Stella Maris Rezende faz de sua escrita uma festa com sabor de arroz doce, biscoito de queijo do Mercado Central de Belo Horizonte, café com leite e broas de milho fresquinhas servidas em casas com alpendre, locais que fazem parte dos cenários das cidades interioranas de Minas Gerais. O romance *Justamente porque sonhávamos* (2017), publicado em 2017, único que se passa em um município fictício, mas que guarda características semelhantes às verdadeiras, cenário recorrente de outros livros da escritora, retiramos o seguinte trecho, que mostra a personagem transitando pela praça. Ainda hoje é comum que as lojas sejam mais conhecidas pelo nome de seu proprietário do que pelo nome que consta no letreiro (quando há letreiro).

Agenor esperou.

Viu Suzana com a malinha de manicure atravessar a rua do armazém do Mario Coité; a da **farmácia do Alcebiades**, a da **papelaria da Márcia Couto**, a praça da igreja Nossa Senhora do Carmo, a rua Nova Ponte. Depois acelerou a bicicleta, postou-se diante da Suzana, no exato momento e que ela começava a entrar no jardim de begônias (REZENDE, 2017, p. 12-13, grifos nossos).

Neste trecho abaixo, retirado do livro *A sobrinha do poeta*, o narrador utiliza uma interjeição bem característica do linguajar popular mineiro:

Ara mais tá. Ainda mais que ela dizia que adorava dizer o que tinha vontade de dizer. Vai daí, então, as mulheres donas de casa achavam que ela escrevia os livros e ponto-final. Ela escrevia e fazia de conta que não escrevia. Decerto, pra criar uma história. Ela que adorava uma história. (REZENDE, 2012, p. 17, grifos nossos).

Nos diálogos a seguir, observa-se, mais uma vez, um trabalho com a linguagem, que oferece ao leitor a possibilidade de ampliar o vocabulário. Este trecho do livro *A sobrinha do poeta* exemplifica a mineiridade característica da construção das personagens:

Olha só como essa moça é ladina.
 As mulheres na **latomia**:
 — **Ladina** demais da conta!
 — Ela escreve e depois pergunta quem será que escreve.
 — **Sabidências** dela.
 — Tudo isso só pra atiçar a curiosidade da gente...
 — Mas ela pode tirar o **fogo da trempe**!
 — A gente não vai cair nessa conversa de uns benditos escritos! **Ara mais tá.**
 Faltava só essa. **Quem não te assunta a indumentária que te convida pra entrar.**
 (REZENDE, 2012, p. 17, grifo da autora).

Como confirma a professora e doutora em estudos comparados de literatura de língua portuguesa, Vânia Maria Rezende (2016), as heranças mineiras da escritora se convertem em visão e forma de expressão artística. A cultura essencialmente religiosa do povo mineiro está representada na oralidade de alguns personagens: “Por que o caso se espalhava, ia virando o tricô mais tricotado” (REZENDE, 2012, p. 27).

Personagens que se deslocam de um texto a outro, surgem mais velhas, aparecem em páginas de um romance alguns anos depois de terem sido crianças em um conto. Este é o caso das personagens que fizeram parte do conto “Último dia de brincar” (1987) e reaparecem lembrando no romance *A sobrinha do poeta*. Em 1987, no conto “Último dia de brincar”, Stella Maris Rezende já criticava o preconceito contra a mulher que é mãe e cria os filhos sozinha, quando é abandonada pelo marido:

Das Mercês cutucava o chão com um bambu. Cândida comia jambu lambuzando as mãos, o rosto, o **vestido de lese**. Polidora amontoava as panelinhas dentro de uma bacia.
 E Mariinha, revirando as florzinhas do cabelo.
 — Aqui em Dolores do Indaiá tem muita mãe que é largada. A minha não é a única.
 Polidora fitou o rosto de Mariinha, querendo **mudar de prosa**.
 — Esse povo é bobo, sabe, ô, Mariinha, meu tio Niquinho falou que vai me dar uma boneca de louça.
 Mariinha encarou Polidora.
 — Uai, Polidora, resolve logo se hoje é o último dia que vocês estão brincando comigo. (REZENDE, 1987, p. 18)

No trecho destacado abaixo, do romance *A sobrinha do poeta*, as personagens, que eram crianças no conto, no romance são retratadas na juventude. Mariinha revela às amigas sua mágoa pelo preconceito sofrido. Além do sotaque carregado de mineiridade e a presença da cultura interiorana de Minas Gerais nos dois trechos, sublinha-se o posicionamento crítico feminista nas duas fases da escritora, nos anos 1980 e nos anos 2010.

[...] Mesmo quando parecia que não estava se falando dele, o caso dos escritos estava **de pemeio no entremeio** da conversa. Um exemplo:
 — Polidora, eu nunca vou esquecer aquele dia.

- Que dia, Mariinha?
- Aquele dia que você falou que era **o último dia de brincar**.
- Esquece isso, Mariinha.
- **Você mais a Cândida mais a Das Mêrces...** Vocês fizeram o meu coração ficar pequenininho naquele dia.
- Isso já faz um século, viu, Mariinha.
- Um século, pois é. Mas eu sinto como se tivesse sido faz pouca hora. O sentimento é uma coisa muito comandante.
- Só posso pedir desculpa, mais uma vez. Eu fui mesmo uma boba naquele dia. Tudo por causa da minha avó Judite. A minha avó **tinha o vezo** de dizer que a gente não devia brincar com filha de mulher largada do marido. Ela dizia isso pra mim, pra Das Mêrces e pra Cândida.
- A sua avó Judite. Agora ela namora um homem que largou a mulher e os filhos. E está muito feliz não está?
- Está. Virou outra pessoa.
- Gente é bicho muito difícil de se entender, eu não canso de repetir isso. (REZENDE, 2012, p. 18, grifos nossos).

A respeito dos temas que a literatura infantil e juvenil aborda, sabe-se que a literatura é um instrumento de poder e é por isso que “um dos primeiros atos que os poderes autoritários realizam é controlar as formas de utilização da linguagem impressa” (PETIT, 2009, p. 110). Quanto mais critério crítico e espírito questionador tem um leitor, menos ele estará ameaçado de perder a capacidade de fazer escolhas conscientes e autônomas em sua vida. Disserta a escritora e mestre em literatura Flávia Côrtes, na conclusão de sua pesquisa de mestrado, em 2020.

A literatura infantil pode e deve formar leitores, contribuindo não apenas para o aprendizado da língua escrita, para a percepção dos recursos literários presentes no texto, para o prazer estético, como para um posicionamento de reflexão em relação ao mundo em que se vive. Ela é, portanto, importante instrumento como agente formador de um leitor crítico no processo de aprendizagem, o que pode ser estimulado por meio de uma leitura prazerosa e instigante. (CÔRTEZ, 2020, p. 22).

Vale dizer que Stella Maris Rezende não costuma localizar a maioria de suas narrativas em um tempo mais recente ou mais longínquo. O uso de termos vagos, incertos, dificulta essa informação, como em *A fantasia da família distante*. “Nesse enquanto, dali um tempo, muita coisa aconteceu” (REZENDE, 2016, p 10)

Na visão da pesquisadora Daniela Aparecida Francisco,

Em alguns casos, os eventos principais são passíveis de identificação, porém o tempo psicológico da personagem não permite ao leitor fixar-se no tempo presente. Nessas tramas, o tempo é predominantemente psicológico e o leitor é levado ao futuro e ao passado, sem conseguir localizar com exatidão o momento em que há uma alteração dessa cronologia. Tudo se passa pelo viés dos pensamentos e sentimentos da personagem (FRANCISCO, 2017, p. 128)

É o caso de *A fantasia da família distante* (2016), cujo narrador é um cachorro que narra um período não definido em que a rotina em uma casa de sua família é alterada com a

chegada de um casal de tios, para o tratamento de um problema de saúde. O texto não especifica nem o tempo nem o lugar onde se passa a ação. Destacamos os dois trechos a seguir:

No outro dia bem cedo, os tios iriam ao hospital.
Preocupações e exames seriam feitos, antes da operação.
Na pequena cidade distante, onde os tios moravam, não havia recursos, por isso tinham vindo e se hospedado na casa dos sobrinhos, que tomaram as providências necessárias. Portanto, os tios ficariam com os sobrinhos **durante os três dias** de exames e preparações, antes da internação no hospital (REZENDE, 2016, p. 20, grifos nossos).

João e Graciliano ainda faziam os deveres de casa, embora já fosse bem tarde e **no outro dia** tivessem que acordar cedo.
Era mania deles. Só faziam os deveres bem tarde da noite. Não adiantava a Cecília e o Carlos pedirem que fossem mais organizados.
Naquela noite, enquanto cuidavam dos deveres de matemática, português e ciências, Graciliano e João faziam um questionário sobre o assunto (REZENDE, 2016, p. 23)

Em outros livros encontramos pistas para a contextualização da trama, como títulos de livros ou filmes, e outras referências da pós-modernidade, como em *Missão Moleskine*, cuja história concluímos ser ambientada no Rio de Janeiro após 1999, ano de inauguração do centro comercial onde se passa a cena a seguir:

Ela estava zanzando no Botafogo Praia Shopping, coisa que cultivava fazer, andava e olhava as sandálias nas vitrines, pensava, existe mulher que não é doida com sandálias? Ela principalmente no intuito de reparar nas pessoas, imaginar isso ou aquilo de cada criatura que avizinhasse. Ela doutora em avizinhar. (REZENDE, 2014, p. 47)

Podemos encontrar exceções, a exemplo do romance *As gêmeas da família* (2013), que está dividido em três partes cronologicamente marcadas: 1965, 1988 e 1990, acompanhando fases da vida das irmãs Azulfé, Rosade e Verdança.

A mocinha do Mercado Central, por poder ser considerado um romance de formação, explicita a passagem do tempo já que nesse tipo de história “o transcurso de determinado período é necessário”, conforme explica Francisco (2019, p. 128).

Em seguida, trataremos mais do estilo de narrar de Stella Maris Rezende.

1.2 Escrever como um ato de sobrevivência

Você é esse texto simples e ao mesmo tempo intrincado.

Stella Maris Rezende

Em seus primeiros livros, já surge a necessidade de se afirmar identitariamente, defendendo as raízes culturais mineiras, apostando na língua que riscava o chão do cerrado e desenhava o contorno das montanhas das Gerais. No texto em que ela se apresenta em *O demônio do rio*, publicado em 1986, Stella Maris Rezende disserta sobre a influência da paisagem de sua infância, reforçando o quanto esses elementos e essa cultura foram os fundamentos de sua identidade como engenheira das palavras.

Stela Maris significa estrela do mar.

Nasci em terra bem firme, no entanto. Pertinho de uma serra, a serra da Saudade. Dores do Indaiá, Minas Gerais.

Ainda miudinha, fui para Belo Horizonte onde morei até os onze anos. Estou em Brasília desde 1962, mas a realidade e a fantasia mineiras foram muito importantes para mim. As pedras, os rios,, os pássaros, as broinhas do fubá, os fornos no fundo do quintal, os alpendres, os tachos de cobre, as pinguelas: algumas das imagens que permanecem indelévels na minha memória, e quase tudo que escrevo é a tentativa de resgatar a magia desse viver que tanto impressionou minha infância de menina curiosa e “escutadeira de caso”. (REZENDE, 1986, p. 31).

“Escrever tem parecença com viver” (REZENDE, 2021, p. 37), Stella Maris Rezende afirma em *Esses livros dentro da gente*, que foi publicado pela primeira vez em 2002, e cuja nova edição, com ilustrações de Patrícia Melo, foi lançada em julho de 2022, pela editora Imperial Novo Milênio. Ali há algumas pistas de como a escritora tece meticulosamente suas tramas: “não é preconceito, é obsessão pela arte” (REZENDE, 2002b, p. 50).

Na orelha da primeira edição do livro *Esses livros dentro da gente*, a escritora plástica Rita De Blasilis disserta sobre a forma original e livre que Stella Maris Rezende conquistou no decorrer de seu fazer artístico:

Tem receita mineira que não tem medida. Diz-se apenas: põe um punhado disto ou daquilo. Literatura é assim, feito receita mineira, não tem medida. Mas todo mundo cozinha, apesar disso. Porque aprende fazendo.

Não por acaso a Stela Maris é mineira. E menos ainda, que vem de lá com seu livro cheio de um punhado de tanta coisa, que se o céu não existisse com suas estrelas, estaria sendo inventado por ela. No seu entender de mineira, nada pode faltar e tudo pode ser dispensado. E aí fica lançado o seu desafio. O aprendiz de escritor que quer agarrar o seu leitor na prosa vira escritor mesmo somente quando descobre que tem criar sua própria receita. E cria. (BLASIIS, 2002 *apud* REZENDE, 2002b, orelha).

Uma das marcas estéticas mais visíveis no trabalho ficcional da escritora, presente em vários de seus livros, é o fascínio que ela revela pelo mistério da alma humana. Muitos de seus personagens saboreiam o mistério, algo que ela traz como um jogo com seus leitores. Esta característica é enfatizada pelo escritor Miguel Jorge, em resenha publicada no jornal *O popular*, de Goiânia, em 19 de maio de 1980, cujo trecho está reproduzido no site da escritora, na ocasião do lançamento de seu primeiro livro, *Dentro das lamparinas* (1980), do qual vamos falar pouco, não sendo o foco da dissertação.

A linguagem usada por Stela Maris Rezende é simples, direta, às vezes comovente, muitas vezes transparente de poesia. Outras vezes a contista deixa-se perder pelo excesso de realismo, colocando o falar “roceiro” na boca do seu personagem tal qual se ouve por aí, nas regiões carentes de cultura e de outros benefícios materiais. Mas, na maioria das vezes, Stela Maris nos surpreende com a angústia de seu personagem, e então, sua narrativa passa a existir com o clima do monólogo interior, das reflexões da vida e sobre a vida, o relacionamento apressado das grandes cidades, a violência, a falta de solidariedade humana, a disputa pelo sobreviver, marcando também, em outros contos, a cadência descompassada, num ritmo lento, personalizado pelas pessoas que vivem nas cidades-satélites, ou em grupos de casas brotados como cogumelos ao redor das rodovias. Não se pode deixar de mencionar o conto intitulado Pelos Becos Afora, construído inteiramente com diálogos entre Piedade e Antônio. A escritora imprime força, enredo, movimento, coisa difícil para quem está lançando o primeiro livro. Felizmente amadurecido. (JORGE, 1980, s.n.).

Como afirma o professor Antonio Candido (1985), no livro *A personagem de ficção*, no mundo fictício, as personagens obedecem a uma lei própria, seguindo a lógica preestabelecida pelo autor. Mas, segundo Mauriac (1952 *apud* CANDIDO, 1985, p. 67), existe uma relação estreita entre personagem e autor visto que é do segundo que a primeira é tirada, como “realização de virtualidades, que não são projeção de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida” (CANDIDO *et al.*, 1985, p. 67). Em *Esses livros dentro da gente* (REZENDE, 2002b, p. 40), a receita para se encontrar os personagens vêm da observação e da escuta atenta em andanças pelas cidades. Os personagens vêm das palavras.

Convém andar pelas ruas da sua cidade, pelo menos três vezes por semana, de preferência de tarde, para desanuviar a cabeça. Vez-ou-outra, sentar-se num banco. Ou recostar-se a um balcão de padaria, pedir um pingado e um bolo de milho. Observar os passantes. Ouvir a discussão de um casal é ótimo, dá muita inspiração. Mas é preciso ser discreto, garantir um ar de quem está muito longe dali. Isso é fácil, em geral, o escritor tem esse ar de quem vive longe, muito longe, vai ser estranho assim lá na China”. (REZENDE, 2002b, p. 40).

O escritor Miguel Jorge, em sua resenha sobre o livro de contos publicado por Stella Maris Rezende, nota que os personagens

são retirados do comum cotidiano, com o humor do próprio brasileiro frente às suas desgraças. São homens e mulheres facilmente identificáveis pelas ruas de Taguatinga ou Brasília. São tipos humanos daqui e dali, que nada desejam além do mínimo necessário para sobreviverem com dignidade: “À frente do cacete e do revólver Pedro Pinóia vira uma esquina e o carrossel começa a parar, de mansinho, porque acabou uma roda. Outras crianças com bilhetes coloridos nas mãos estão pulando, felizes, aguardando sua vez de brincar”. (“Aguardando Sua Vez de Brincar”, páginas 33 e 34). (JORGE, 1980, n.p.).

Nesse primeiro livro, os personagens não são tão caracterizados com a mineiridade que logo se tornaria a marca registrada da escritora. O trecho escolhido por Jorge localiza os personagens do conto no planalto central (Taguatinga ou Brasília). Para melhor esclarecer, é importante dizer que a escolha das obras apresentadas neste trabalho não obedece a critérios cronológicos ou lineares. A voz da escritora e de seus leitores e críticos será um importante condutor nessas andanças pelas veredas na trajetória de Stella Maris Rezende como ficcionista.

Em 1986, Stella Maris Rezende recebeu o prêmio João de Barro pelo livro *O último dia de brincar*, que levou a crítica e ensaísta Laura Sandroni a dizer que “Stella Maris Rezende é, sem dúvida, a grande revelação de autor para o público jovem dos anos oitenta” (SANDRONI, 1988, n.p.). Sandroni observa que a mineiridade presente no livro *Alegria Pura*, cuja primeira edição se deu em 1988, publicada pela editora Scipione, remete-nos a tempos bem anteriores à década em que o livro foi escrito. Outro destaque apontado é o nome das personagens, segundo ela incomum em jovens das metrópoles (SANDRONI, 1988, s.n.), e para a descrição das casas.

As cinco moças que Maurícia visita têm nome delicioso, mas raro para os leitores citadinos: Liló, Mazé, Isorina, Dileusa, Célida. A descrição das casas e dos ambientes faz-nos voltar a um tempo, aquele de nossos avós. São pés de antúrio e cheiro de pamonha, vasilhões de avenca e compotas caseiras, pés de couve ao lado de tanques de lavar roupa, tufo de cravos e doces de laranja azeda. (SANDRONI, 1988, n.p.).

Ainda em seu texto no livro *Alegria Pura*, a crítica Laura Sandroni ressalta o trabalho com a linguagem e a celeridade estilística, que realça a oralidade.

A linguagem é muito trabalhada e resgata, limpidamente, o dizer regional, pleno de graça em sua simplicidade e precisão. Em todos os detalhes está presente o Brasil interiorano, antigo, parado no tempo, contemporâneo do país urbano e frenético, mas ainda não contaminado por ele. (SANDRONI, 1988, n.p.).

Esse mesmo tipo de descrição realista e detalhista, tanto do exterior quanto do interior das residências mineiras, surge em livros posteriores. *A valentia das personagens secundárias*, romance juvenil publicado em 2019, aborda o encontro de uma família “desunida” no feriado da Festa do Rosário, na casa da matriarca, para um acerto de contas com o passado.

O Fabiano vai andando devagar em direção a um dos banheiros do andar de baixo, vai esquisito devido à dor nos pés, então aproveita para ir à cozinha e tirar fotos. Vejam, tem o guarda-louças, o fogão de lenha, a mesa de madeira, a pedra da pia, as cadeiras, os bancos e os tamboretos. As gamelas e as peneiras. O ladrilho de chão. As janelas viradas para a varanda e o quintal. Os desenhos inventados pelas rachaduras nas paredes. Os panos de prato bordados e com franjas de crochê. As travessas de louça, o avental pendurado num gancho, as coisas que conversam comigo e, se quiserem, conversam com vocês também. A fuligem. O vento irritando a cortina listrada de preto e amarelo. Que aborrecimento, que nada, faço riquezas com a minha máquina e suas lentes poderosas. Cada tigelinha de louça me enche de tanto repasto que chega a empanurrar. (REZENDE, 2019, p. 20).

Stella Maris Rezende já havia ganhado muitas condecorações e distinções, já havia sido indicada ao prêmio *Jabuti*, em 1991, com o livro *Depende dos sonhos* (1991), porém foi com os dois prêmios recebidos, no mesmo ano, em 2012, por *A mocinha do Mercado Central*, que a escritora começou a alcançar uma inédita popularidade. Ela afirmou ter trabalhado nesse texto por cerca de dez anos antes de decidir inscrevê-lo, ainda no prelo, no prêmio *João de Barro*. Concorreu a esse prêmio, que é concedido pela prefeitura de Belo Horizonte, com quase mil outros títulos, e ficou em primeiro lugar. Então, iniciou uma busca efetiva para tentar publicar o livro por uma grande editora, em 2008. Segundo ela, o fato de estar vivendo no Rio de Janeiro há quase um ano fazia com que se sentisse mais próxima do núcleo do mercado editorial mais profícuo, entretanto seu interesse pela cidade abrangia também outros vieses, de um ponto de vista mais pessoal, mais criativo, conforme aclara:

No Rio de Janeiro, me sinto mais próxima de toda a humanidade. É claro que em qualquer lugar a gente está mais próxima se a gente quiser, mas como o Rio atrai gente do mundo inteiro - Brasília também atrai... -, mas, aqui no Rio, sinto melhor este diálogo entre o antigo e o moderno. Aqui tem muito caos também, muita angústia, gosto de estar muito em contato com isso, isso é visceral e é inspirador para mim. Gosto do mar. Sou apaixonada pelo mar. Sempre brinco que como sou estrela do mar, tenho que morar perto do mar. Então, assim, essa felicidade de morar de frente para o mar também me dá mais alegria de viver, mais empolgação, daí escrevo mais. E como estou mais feliz, acabo escrevendo de uma maneira mais fortalecida. Foi quando comecei a ganhar os prêmios mais importantes da minha carreira.

[...] tudo no Rio e em São Paulo ganha mais visibilidade. Você pode ganhar todos os prêmios em Brasília e talvez você não tenha o reconhecimento devido. O fato de morar no Rio também dá mais visibilidade. Não deveria ser assim, né? Qualquer lugar do mundo, a sua aldeia é o mundo inteiro, mas morar perto de editoras,

participar de encontros, de saraus, de lançamentos, de autores que já são mais conhecidos, acho que isso tudo influencia. Ganhei mais visibilidade e mais alegria de viver aqui no Rio: pela arquitetura, por encontrar amigas e amigos mais antenados e mais próximos, de encontros, de trocas de ideias e de mais oportunidades. Eu, por exemplo, sempre tive vontade de conhecer a Lúcia Riff, que agora já é minha agente há dez anos. Aqui é muito fácil ver a Lúcia Riff, em qualquer evento posso encontrá-la. Então há 10 anos ela me agencia, e eu já estava aqui no Rio quando a gente assinou contrato pra ela me representar. O Rio me dá sorte! (ANEXO A).

Foi já residindo no Rio de Janeiro que Stella Maris Rezende escreveu o romance juvenil *Justamente porque sonhávamos* (2012), ambientado na cidade fictícia de Ponta Escura. Nesse livro, além da diversidade bem caracterizada dos protagonistas, todos jovens, e da dupla narração que se alterna, destacam-se outros pontos: a referência a um período histórico e suas consequências nefastas; a relação dos jovens com o teatro; e algumas referências literárias (Lygia Fagundes Telles, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade). Nas palavras da escritora Dag Bandeira (2017), retiradas da seção *Resenhas* no site de Stella Maris Rezende, a história possui uma atmosfera de mistério, aventura, certezas e incertezas sobre certo lugar estúrdio em algum recanto das Minas Gerais (BANDEIRA, 2017, n.p.).

As primeiras três partes (ou capítulos) têm início com um verso do poema “Verdade”, de Carlos Drummond de Andrade. O projeto gráfico marca com preto a abertura de cada capítulo. Iremos exemplificar, mas antes é válido relembrar as estrofes do poema que integram o livro *Corpo*, de Drummond.

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil da meia verdade,
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil
E os meios perfis não coincidiam. (ANDRADE, 1984, p. 41).

O primeiro capítulo, “As pedras de ponta escura”, inicia com o primeiro verso do poema: “A porta da verdade estava aberta, mas naquela época não imaginávamos que o drama do nosso Frederico era muito maior, muito mais difícil e complicado” (REZENDE, 2017, p. 7).

O segundo capítulo, “O sol e as nuvens”, inicia assim: “A porta da verdade estava aberta, mas só deixava passar meia pessoa de cada vez. Passaram os dias hibernosos” (REZENDE, 2017, p. 52).

O terceiro, “O vento no corredor escuro”, inicia assim: “Assim não era possível atingir toda a verdade, porque a meia pessoa que entrava só trazia o perfil de meia verdade” (REZENDE, 2017, p. 81).

A presença desses trechos do poema de Carlos Drummond de Andrade apresenta um enigma que pode ou não conduzir o leitor à poesia drummondiana. O segundo recurso intertextual se dá através do romance *Ciranda de pedra*, de Lygia Fagundes Telles, que está sendo lido por uma das protagonistas. A história protagonizada por jovens aborda o desaparecimento dos presos políticos e o drama de crianças criadas sem pais, que foram exilados ou mortos pelo regime (ditadura) militar brasileiro. A escritora Stella Maris Rezende esclarece a respeito desse romance:

Justamente porque sonhávamos é um romance também muito cheio de mistério, a história se passa na década de 1960, a cidade ainda vive a época da ditadura militar, os anos não passaram para essa cidade, Ponta Escura. Lá eles estão vivendo ainda sem nenhuma liberdade, há torturas, há muita perseguição política, então é uma história que trata de um tema que me impressiona muito, que me angustia muito, que é a ditadura, que é tortura, que é a ausência de liberdade (ANEXO A).

Os livros, a escrita e a leitura aparecem em *A sobrinha do poeta* (2012), *Missão Moleskine* (2014) e *A casa mágica* (2022), que compartilham temática ligada a questões familiares, outra matéria recorrentemente presente nas tramas criadas por Stella Maris Rezende. Em *A casa mágica*, uma jovem vai à cidade vizinha, no Alto São Francisco, no oeste de Minas Gerais, cidade que hoje chama-se Morada Nova, vizinha de Dolores do Indaiá, em busca de um caderno de recordações que poderá elucidar um segredo sobre sua família. “Ela é a sobrinha que matou a tia. Ela gosta de mexer com o sentimento das coisas. Ela é a viajante dos compromissos mágicos”. (REZENDE, 2022, p. 9). A frase inicial mescla a linguagem da realidade com a linguagem simbólica. São várias as referências contemporâneas neste romance, que, como elucida a escritora Eliana Alves Cruz⁴ na orelha do livro:

Um livro para o leitor jovem no século XXI é ciência complexa, pois fala com um público hiperconectado e, ao contrário do que podem imaginar, exigente. Jovens

⁴ Eliana Alves Cruz é uma jornalista e escritora brasileira, autora de romances como “Água de Barrela” e “O crime do cais do Valongo”, destaca-se na produção da literatura afro-brasileira contemporânea, tendo recebido o Prêmio Jabuti 2022 na categoria Conto. (LITERAFRO, 2022).

expostos ao “mal das águas represadas” do excesso de informação e que podem encontrar nos livros uma forma para dar vazão a tanto acúmulo. Jovens de todas as idades que, por intermédio da leitura, podem exercitar o amor à arte de contar e ouvir essa contação de histórias [...] (REZENDE, 2011, orelha).

Mais uma vez, a escrita está na temática central, ao lado de temas densos como o racismo estrutural social, mulheres apagadas da história da literatura, nazismo no Brasil, mas também com leves ondas de humor, fantasia e leveza.

Olímpia do Jacinto da Vicentina do Pedro guardava esse caderno histórico. Essas palavras que precisam ser lidas e comentadas, pensa Rosalina, fitando a estrada pela janela do ônibus. Todo mundo precisa ler esse caderno. “Principalmente a gente que é mulher.” Essa frase de Maria de Fátima, uma das sete, da pousada Sete Marias, volta sempre à mente.

A monografia no curso de Letras terá como escopo uma análise da linguagem utilizada por Engrácia Maria do Rosário, a senhora do mantô bonina. A mulher da estrela torta no rosto.

Rosalina agora se lembra da casa mágica. Lá estão os livros finalmente livres do mal de águas represadas. Os armários envidraçados têm muitos livros raros. Um deles é Úrsula, o primeiro romance escrito no Brasil. Uma mulher negra, Maria Firmina dos Reis, de São Luiz do Maranhão, é a autora do primeiro romance escrito no Brasil.

Rosalina não se conforma com o fato de as mulheres negras terem mais dificuldade para publicar. Para as brancas também não é fácil, mas para as negras os empecilhos são sempre maiores e mais injustos (REZENDE, 2022, p. 137).

Como notifica Daniela Aparecida Francisco, as mulheres têm papel de destaque nas tramas criadas por Stella Maris Rezende, podendo até desempenhar papéis como cuidadoras de lares e de filhos, mas sem deixar de ser donas de suas vozes e de seus destinos. “Em muitas dessas [histórias], os homens são mencionados como aqueles que abandonaram a casa, que deixaram a família, que sumiram sem razão aparente” (FRANCISCO, 2019, p. 18).

1.3 Infância e adolescência na linha de frente

Lidar com as mortes, com os cortes, eis a matéria-prima,
o sentido da vida de quem nasceu para escrever
Stella Maris Rezende

Nem sempre a literatura para crianças e jovens foi um campo de protagonismo para seus leitores. No Brasil, Monteiro Lobato foi o primeiro autor a pensar personagens e histórias para elas que considerassem sua competência intelectual, sua inteligência, seu ponto de vista,

e, por isso, sua obra ainda é um marco, mesmo sendo alvo de discussões e debates acerca de sua forma de abordar, por exemplo, os negros. Lobato foi um defensor das crianças, confiando plenamente que, com sua consciência crítica, elas poderiam mudar o mundo e fazendo delas suas “interlocutoras privilegiadas”, nas palavras da crítica Laura Sandroni (1998, p.14). O que ele, de fato, faz é livrar as crianças das amarras que até então existiam para dar-lhes liberdade para entender o mundo e a si mesmas através da literatura. Para isso, inverte a forma com que eram escritas as histórias infantis, investindo em uma linguagem muito mais palatável e próxima aos jovens leitores. Em relação às temáticas abordadas, Monteiro Lobato tratou pela primeira vez temas que até aquele momento da história não estavam presentes nem nos livros nem nas conversas entre os adultos e as crianças, como as guerras e o petróleo. Segundo Sandroni (1998, p. 16), ele foi um autor engajado e comprometido com o tempo em que vivia e que influenciou os que vieram depois, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado.

Se em Lobato, a realidade era iluminada pelo faz-de-conta, desde os anos 1980, já se enxerga em Stella Maris Rezende essa herança. Segundo a pesquisadora Nelly Novaes Coelho, em seu *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil*, no verbete Stella Maris Rezende, sobre o livro “O último dia de brincar”, publicado em 1987, ela diz:

Quatro breves contos arraigados no cotidiano raso, repetitivo e incolor, próprio dos lugarejos interioranos, estes têm como personagens meninas que entram na adolescência e que, presas num mundo sem perspectivas, encontram na imaginação, nos sonhos e nas brincadeiras as emoções que a realidade não lhes dá (COELHO, 1995, p. 1040)

Nesse conto, em meio às brincadeiras de cozinhar “guisadinho”, as meninas protagonistas se posicionam contra o racismo e o preconceito contra a mulher/mãe solteira. A escritora e crítica literária Tatiana Belinky resume o contexto do livro, em artigo intitulado “Literatura temperada com emoção”, publicado no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, em 20 de fevereiro de 1988.

O último dia de brincar, do título, é o dia em que Mariinha é proibida, pela avó, de brincar com a amiguinha Polidora, por ser esta “filha de mãe largada”. E Mariinha lembra, no seu gostoso “mineirês”, que a mãe dela, Mariinha, também não queria que ela brincasse com Polidora: “Ô Mariinha, eu acho uma coisa estúrdia você andar com a Polidora, porque, coitadinha, ela é tão pretinha...” As duas garotinhas resolvem não obedecer: “Mariinha pensava assim: gente é bicho muito difícil da gente entender, cruz-credo”. A mensagem antipreconceituosa “passa” natural, sem dedo em riste, embutida na história, e é assim que deve ser (BELINKY, 1988, n.p.).

A jovem Elvira Guiomar Alves Ribeiro, protagonista de *Missão moleskine*, “desde menininha, decidiu que viveria de poesia, tanto quanto de arroz, feijão, carne, verduras, chocolate, bolo, café com leite, água de coco, sorvete, macarrão” (REZENDE, 2014, p. 30). Ela cultiva a poesia cotidiana, do que acontece todos os dias, pois, para ela, “fazer poesia é café da manhã, é prato, é almoço e janta, é tortura, é sonho, é ingresia, é embondo” (REZENDE, 2014, p. 29). E para defender seu direito à escrita, é válido assumir o egoísmo e se esconder de sua família e até de seu namorado.

A poesia da primeira vez (2014b) tem a palavra e o protagonismo infantil no centro da narrativa. Pequeninha é uma menina de sete anos de idade que adora brincar de estátua, uma brincadeira bem antiga, mas que ganha nova roupagem na adaptação da menina.

Junto com brincar de estátua, Pequeninha adorava brincar de primeira vez.
Por exemplo, sempre que ouvia uma palavra pela primeira vez, virava estátua.
Aos poucos, essa brincadeira foi virando a preferida (2014b, p. 8).

É através da referência a uma brincadeira infantil, e não a um ensinamento formal dado por um adulto, que a criança vai qualificando sua forma de comunicação através da linguagem com a qual poderá se expressar. Atenta a tudo o que está acontecendo à sua volta, Pequeninha conhecerá seu destino ouvindo uma conversa dos pai. “Achavam que ela estava dormindo, mas, na verdade, estava no corredor da casa e ouvia muito bem o que eles conversavam na cozinha” (REZENDE, 2014, p. 17). Dessa forma, Stella Maris Rezende, demonstra sua confiança na perspicácia das crianças e dá a elas o protagonismo em suas histórias.

A mãe e o pai olharam para Pequeninha, espantados.
Eles tinham virado estátuas.
A menina já sabia qual era o assunto e pela primeira vez chamava o pai de Joel.
Pequeninha sorriu, movida pela poesia da primeira vez (REZENDE, 2014b, p. 26).

Pequeninha, de *A poesia da primeira vez* (2014b), está atenta às novas palavras que ouve, enquanto Arlindo, também conhecido como Queridinho, de *A coragem das coisas simples* (2015) coleciona expressões que ouve repetida e cotidianamente, tanto em casa como na escola. Mas, mais do que ler palavras, o pequeno observa que a personalidade de seus interlocutores tem relação com a forma como comunicam.

Vamos Que Vamos de pele negra, olhar franco e brinquinhos de ouro, a menina mais inteligente e mais falante. Em matéria de fazer valer uma ideia, ela era doutora. Convencia todo mundo. Qualquer ideia que julgasse boa sabia defender e espalhar.
Ao fim de cada ideia que sugeria, esfregava as mãos uma na outra e dizia sempre:
— Vamos que vamos!

Todo mundo esfregava as mãos uma na outra.
 Todo mundo se animava.
 Todo mundo a seguia.
 Vamos que vamos!
 Ela era a menina espalhadeira de ideias (REZENDE, 2015, p. 24).

A tia menina Nenenzinha, protagonista de *A guardiã dos segredos de família*, tem 11 anos de idade, é muito sensível e esperta e, ao descobrir um segredo de sua irmã mais velha, Delminda, que maltrata as crianças à sua volta, sem contar a ela exatamente o que sabe, salva a família e transforma a vida destrocada de seus sobrinhos órfãos, de quem passa a cuidar com muito afeto e responsabilidade.

Em seus livros, Stella Maris Rezende remexe as emoções complexas e profundas vivenciadas por todos nós. Como bem sintetiza a escritora Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*,

sempre existiu também uma outra linha de livros em que a realidade cotidiana estava presente e carregada de emoções. Como se de alguma forma fosse necessário lembrar às pessoas que as experiências intensas que dão significado à vida não precisam necessariamente se passar longe de casa e que cada pessoa pode viver uma situação de enorme complexidade psicológica, cada família pode guardar um drama de muita intensidade, cada cidade está cheia de tragédias sociais, cada rua é atravessada todo dia por gente, afinal de contas (MACHADO, 2002, p. 102).

Em *A mocinha do Mercado Central*, num primeiro momento, Maria não sente vontade nem mesmo de entrar, mas acaba concordando em visitar o Real Gabinete de Leitura. Embora Marta insista que Maria entre no quarto-biblioteca, convite a que ela resiste, é sozinha que ela tira suas próprias conclusões a respeito dos livros. Voltaremos a falar deste livro no capítulo 3 desta dissertação.

1.4 Viagem a Dores do Indaiá | Minas Gerais: o cenário como ponto de partida e de chegada

Convém arrumar um lugar agradável para escrever.

Stella Maris Rezende

Menos do que o também escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade, que viveu a infância e a adolescência em sua cidade-natal Itabira para onde regressou algumas vezes,

retratando-a em seus poemas e tornando-a paisagem íntima de seu leitor, a escritora Stella Maris Rezende veio ao mundo no centro-oeste de Minas Gerais, mas sua família logo se mudou de lá, quando ela tinha quatro meses de idade. Primeiro viveram em Belo Horizonte, depois, foram transferidos para Brasília e, já adulta, Stella deixou o planalto central para residir no Rio de Janeiro.

A Dorés do Indaiá ela retornava na infância, para visitar os avós e tios, de quem colhia narrativas diversas, atenta não só ao conteúdo, mas ao modo com o que cada palavra era emitida, razão pela qual construiu um imaginário rico povoando Dorés do Indaiá em sua ficção. A cidade que fez muitos escritores nem sempre celebrados no restante do país, como o poeta Emílio Moura, influenciou em sua escrita? Não tendo exatamente vivido naquela terra, o que a faz querer tanto pertencer e ser reconhecida como dorense, por meio de seus livros? Como anota Maussaud Moisés (1985, p. 90) em seu livro *A análise literária*, o ficcionista “inventa um mundo com base na observação, na memória e na imaginação”, que ao leitor convém aceitar, ou que abandone a ficção e vá procurar ler notícias em jornais.

Dorés do Indaiá e sua vizinha Morada Nova receberam a escritora em escolas da rede municipal locais, que trabalharam alguns de seus livros com os estudantes. Porém, depois de adulta, segundo ela, só teria voltado à cidade poucas vezes. De onde, então, ela tira tantas Dorés? Sendo assim, a cidade por onde ela chegou ao mundo, mas de onde saiu ainda de colo, tornou-se uma morada para suas histórias. Que Dorés é essa que é povoada por suas personagens, na maioria protagonistas de voz feminina forte? Dorés e suas vozes, sabores, alpendres, segredos, tragédias anunciadas, paisagens...

Relembro Benjamin (1987, p. 198) que diz em seu famoso texto que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” e Stella Maris Rezende parece que faz o oposto do que fazem os narradores de Benjamin: ela, o marujo, volta à sua aldeia, inspira-se colhendo histórias do passado de sua família e as reconta aperfeiçoadas pelo que produz a imaginação.

O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazido para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1987, p. 199).

Sobre o poeta dorense Emílio Moura, o historiador e seu conterrâneo Rubens Fiúza, que escreveu diversos livros sobre a cidade, relatou:

Emílio Guimarães Moura era trineto de Sousa Coelho, tetraneto de Juca de Sousa, fundador de Dorés do Indaiá, responsável pela formação de inusitada tradição cultural dorense. [...] Embora menos marginalizado do que sua prima Carminha, Emílio continua no limbo do esquecimento, ignorado pelos críticos literários, pelos historiadores e antologistas da poesia brasileira. No entanto, na bem documentada e abalizada opinião do poeta, tradutor e crítico literário austríaco Curt Lazon-Meyer, que verteu para o alemão poemas de 15 poetas brasileiros, “Emílio Moura não poderá deixar de figurar no rol dos 10 maiores poetas brasileiros de todos os tempos” (FIÚZA, 1988, p. 15).

No dia 23 de agosto de 2021, uma segunda-feira de inverno ensolarado, desembarquei às 10h45min no terminal rodoviário de Dorés do Indaiá, um município de 15 mil habitantes no centro-oeste de Minas Gerais, cidade localizada a 236 quilômetros da capital, em uma região outrora conhecida como MISF (Metopotâmia – Indaiá – São Francisco) e cuja fundação é atribuída a Juca de Sousa entre os anos 1798 e 1802, cidade onde nasceu a escritora Stella Maris Rezende.

Uma pesquisa de mestrado começa em um ponto e passa por muitas fases. Cursei todas as disciplinas remotamente em razão da pandemia da covid-19, que abalou as estruturas do mundo todo, e no Brasil, àquela altura, tudo estava muito difícil e, me sentindo culpada e distante do objeto da minha pesquisa (e estava mesmo há muitos quilômetros), julguei oportuno fazer as malas com poucas roupas e muitos livros e viajar até a cidade da autora que eu estava estudando. A motivação para a viagem foi a curiosidade, a busca por algo que fosse determinante para a escrita e, principalmente, a necessidade de abraçar a pesquisa em plena pandemia de saúde pública. Dorés do Indaiá tem uma aura de mistério que a envolve. Para começar, era uma cidade que tinha uma vocação para as artes e para a educação (tem uma Escola Normal, que forma professores). Aliás, o que não falta a Dorés são escolas. Entretanto a cidade perdeu prestígio, decaiu. É o que dizem seus moradores. Alguns relatos revelam que os índices de depressão e casos de suicídio, por exemplo, são altos. Os motivos para a decadência não são bem explicados - ou o tempo que passei lá não foi o suficiente para desfazer alguns mal-entendidos. As cidades do interior falam à boca miúda e o relógio não obedece ao tempo. O que podemos concluir a partir desta viagem é que a aura misteriosa e sinistra de Dorés do Indaiá (até o nome dói) está presente na obra de Stella Maris Rezende. De qualquer forma, toda pesquisa é uma viagem por referências e a narração desta viagem me parece ser um guia para as escolhas feitas neste trabalho, ainda que neste momento não estejam cem por cento claras. A viagem fez parte como um trabalho de campo possível, uma busca por algo que certamente não estaria lá, mas dentro de mim.

O filósofo Antoine Compagnon, em seu livro *O demônio da teoria*, cita Paul Ricoeur que, por sua vez, em sua trilogia *Temps et Récit (Tempo e Narrativa)*, define a mimesis como imitação criadora, não como “duplicação de presença” (COMPAGNON, 2010 p. 126.) Ricoeur, 1983-1985, *apud* COMPAGNON, 2010, p. 126). Ele quer que a *mimèsis* seja ligação com o mundo. Nas palavras de Compagnon,

Ele distingue, pois, na *mimèsis*-criação, que ele chama de *mimèsis II*, um alto e um baixo: de um lado, uma referência ao real, de outro, a percepção do espectador ou do leitor, por mais esparsos que esses aspectos se apresentem na *Poética*. Em torno da *mimèsis* como configuração poética e como função de mediação, o real permanece presente nos dois aspectos (COMPAGNON, 2010, p. 127).

Conforme o entendimento de Compagnon, o aprendizado mimético está ligado ao reconhecimento que é construído na obra e experimentado pelo leitor. Por outro lado, o pesquisador diz que para haver referência é necessário existir a referência. Diz ele que “a referência deve existir para que a linguagem possa se referir a ela.” (COMPAGNON, 2010, p. 130). Na ficção, a palavra é uma referência, ela cria uma ilusão de Prealidade, ela imita as propriedades referenciais da linguagem comum.

A literatura explora as propriedades referenciais da linguagem, seus atos de linguagem são fictícios, mas uma vez que entramos na literatura, que nos instalamos nela, o funcionamento dos atos de linguagem fictícios é exatamente o mesmo que o dos atos de linguagem reais fora da literatura (COMPAGNON, 2010, p. 130).

Ainda na visão do pesquisador citado (2010, p. 133), a ficção usa o mesmo mecanismo referencial da linguagem de não ficção para referir-se a mundos ficcionais considerados como mundos possíveis. “Os leitores são colocados no mundo de ficção e, enquanto dura o jogo, eles julgam estar no mundo real, até que algo extremamente surreal os façam romper o contrato de leitura, a famosa “suspensão voluntária da incredulidade” (COMPAGNON, 2010, p. 133).

Imagem 2 – Casa onde nasceu Stella Maris Rezende.



Fonte: Acervo de Sol Mendonça, 2021.

De Belo Horizonte para Dolores do Indaiá, nos dias de semana, só saem dois ônibus por dia da viação Santa Maria. De manhãzinha, às seis horas da manhã, ou à tarde, às três horas. Uma leitora dolorense de Stella, a engenheira e fotógrafa Sueli Santos, faz as honras da casa de quem chega à cidade da escritora. A viagem da capital até o cerrado mineiro dura quatro horas, ou seja, do Rio a Dolores são mais de 10 horas, para quem vai direto, percorrendo trechos ora totalmente descampados, ora banhados com rios e árvores que moça criada em cidade não conhece o nome, exceto os ipês amarelos, brilhantes feito quindins.

Imagem 3 – Paisagem do cerrado mineiro.



Fonte: Acervo de Sol Mendonça, 2021.

O Hotel Central, um dos dois que hospeda os forasteiros e trabalhadores de passagem pela cidade nos dias de semana, está localizado na rua que reúne o comércio de Dolores. Já hospedou o pai de Stella Maris Rezende e, também, celebridades que vão à cidade para algum evento ou homenagem. O outro hotel da cidade é o hotel Regina, único que serve refeições preparadas pela proprietária, que é dona também de um restaurante.

Quando decidi ir a Dolores do Indaiá, soube que Stella estivera poucas vezes em sua cidade-natal depois de adulta. Saiu de lá bebê, mas Dolores foi ficando nela. Dolores que são não só de Indaiá (um rio que não existe mais, secou), mas do mundo fictício. Na, as dolores estão lá, vivíssimas, queimando e ardendo, como o Sol naquela tarde em que cheguei.

Os olhares cruzam os meus, inquirindo. Os doloreses são afetuosos, recebem os forasteiros também com curiosidade. Embora nem todos desconheçam a escritora conterrânea que me levou até lá, com exceção de Sueli e do diretor da escola, ninguém leu *A mocinha do Mercado Central* ou outro livro. Tampouco seu Osvaldo, o proprietário do hotel Central, faz ideia de quem seja Stella Maris Rezende. “Ninguém lê aqui na cidade”, ele dispara.

O Sol de agosto no centro-oeste mineiro é tórrido. Viajo olhando os morros e relendo a primeira edição do livro *Esses livros dentro da gente*.

Imagem 4 – Estrada Dores do Indaiá-Belo Horizonte.



Fonte: Acervo de Sol Mendonça, 2021.

Em Dores do Indaiá, a biblioteca Emílio Moura fica ao lado da casa em que nasceu a escritora. A bibliotecária relata que o tetravô de Emílio Moura, Juca de Sousa, é fundador de Arraial de Boa Vista da Serra da Saudade, a matriz pré-urbana do que, em 2021, é Dores. Juca de Sousa fundou tal localidade entre 1798 e 1802. Segundo Rubens Fiúza,

Marginalizaram Juca de Sousa e o excluíram das páginas da história convencional certamente por ser judeu ostensivo, em tempos de Inquisição ainda meio recente; por ser maçom, em um período intensamente antimaçônico como o da monarquia brasileira do II Império, por ser urbano e hipercivilizado e não rural e barbaresco, como seus pares, sesmeiros e fazendeiros da Mesopotâmia Indaiá-São Francisco; por ser liberal e antiautoritário, e não autoritário e conservador como os historiadores dorenses que o ignoram 100 anos depois, por ser antiescravista numa sociedade brutalmente escravista como a de sua época; por ter feito uma espécie de reforma agrária particular e em uma escala local, distribuindo terras entre os seus escravos, em meio a uma sociedade pesada e inabordavelmente latifundiária; [...] (FIÚZA, 1988, p. 16).

No segundo dia, somos apresentados a uma mulher que se intitula a “guardiã dos segredos de sua família”. As referências estão nas fachadas das ruas, nas prosas entreouvadas,

no gosto do pão e do café, no interior das prosas de fim de tarde. O tempo parece que parou em Dorés do Indaiá.

Imagem 5 – No quintal da casa de Rubem Fiúza, com a viúva do escritor.



Fonte: Acervo de Sol Mendonça, 2021.

Chego ao hotel Central, o mais antigo do centro comercial de Dorés do Indaiá, o ar está extremamente seco e abafado. O hotel lembra um pensionato. A porta está aberta, a recepção está às moscas. Nós nos dirigimos à calçada, onde conversam duas mulheres em tom de prosa à toa, uma delas se chama Maria. Em cidades de interior, a calçada não é só passagem de pedestres apressados como nas grandes metrópoles, mas também é um meio social de interação e comunicação. As pessoas se cumprimentam, sabem notícias, desejam melhoras aos parentes, se dão “até logo mais”, porque sabem que logo irão se reencontrar.

A fotógrafa e engenheira Sueli Santos entra para procurar o responsável pelo *check in* dos novos hóspedes. Enquanto ela não volta, puxo assunto na calçada, e pergunto à Maria se conhece ou se já leu os livros de Stella Maris Rezende, ao que ela responde não, quase assustada com minha pergunta. Em seguida, me olha desconfiada, mas ao saber que a escritora em questão é dorense, ela diz que sua família é de artistas e me informa que “Dorés é cheia de artistas”. Sua mãe é pintora, e ela própria sabe tocar vários instrumentos musicais. Conforme observa Daniela Francisco, Dorés do Indaiá é “pano de fundo para parcela considerável de suas obras e correntemente é citada por alguma personagem com

reminiscências do local” (FRANCISCO, 2019, p. 129). Porém, como delimita Wolfgang Iser (1999), estudioso da teoria da recepção em seu livro *O ato da leitura*, o mundo representado no texto possui atos selecionados, sendo, portanto, diverso do mundo do contexto. “O mundo representado no texto não designa um mundo existente, por isso seu hábito designativo apenas funciona como a condição de uma referência” (ISER, 1999, p. 45).

No capítulo seguinte, abordaremos os temas fraturantes de uma forma geral e dentro da obra de Stella Maris Rezende, temas estes que podem ser considerados inadequados [para crianças e jovens](#) e que podem estar no âmbito político, social, racial, sexual, abordando questões das quais, durante muito tempo, os jovens foram poupados (RAMOS; NAVAS, 2019, p. 197).

2 FRATURA E CENSURA: TEMAS INCONVENIENTES

A bem da verdade, cada um de nós é o abismo,
o horror e a beleza de todos os seres mortais.

Stella Maris Rezende

Um lobo devora uma menina e sua avó. Mães abandonam ou mutilam seus filhos. Um homem esquarteja suas esposas e coleciona ossos; A morte, a miséria, a fome, o incesto e todo tipo de mazelas vividas também pelas crianças são encontradas nas narrativas clássicas servidas a elas. Importamos essas histórias, com as quais embalamos muitas gerações, em adaptações menos ou mais açucaradas e com intenções mais ou menos educativas. A literatura infantil produzida no Brasil teve seu ponto alto no final dos anos 1970, com a aumento de publicações e o aparecimento de escritoras que ficaram conhecidas como “as filhas de Lobato”, ou “herdeiras de Lobato”. As amigas e então cunhadas Ana Maria Machado e Ruth Rocha são exemplos. Mirando o interesse desse mesmo público consumidor de histórias, poetas e escritores já consagrados entre o público adulto, como Cecília Meireles e Mario Quintana, o que é confirmado por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009, p. 124): “não é, assim, de se estranhar que, mais do que em qualquer época anterior, nos últimos anos, em particular na década de 1970, a produção literária infantil brasileira conte com tantos autores e títulos [...]”. E, por que não seria de se estranhar? Historicamente falando, o Brasil atravessava um de seus períodos mais terríveis, e a literatura, o espaço eleito para se brincar (e resistir) com as palavras tornou-se um lugar possível de luta, que a censura não alcançava, visto que, muitas vezes, os censores não compreendiam as “trapaças”, simplesmente não eram capazes de traduzir a linguagem metafórica ou simbólica, que até então não era comum na literatura infantil e juvenil. Certamente, se acaso desconfiassem, teriam censurado muito mais e impedido que livros que mudaram a vida dos leitores naquela época chegassem a nós. Os criadores de ficção infantil driblaram a censura, mesmo com toda a dificuldade que houve para os trabalhadores da cultura no Brasil, com direito, como sabemos, a casos de exílios e prisões, como aconteceu com os escritores Ana Maria Machado e Joel Rufino dos Santos, que escreveu, de dentro da prisão, cartas a seu filho Nelsinho para não apenas lhe dar notícias de seu paradeiro, mas contando fatos da História do Brasil. As cartas depois foram reunidas em um livro, que contém, ainda, os desenhos feitos por Santos.

Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo.
 Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil trabalhar.
 Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo, eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou (SANTOS, 2000, p. 9).

Um bom exemplo de livros que conseguiram ser lançados sem serem notados, e se tornaram clássicos da literatura infantil brasileira, é a série dos Reizinhos ou a Tetralogia (de livros) dos Reis, nos quais, nas palavras de Nelly Novaes Coelho, a escritora Ruth Rocha,

utilizando o milenar recurso da sátira ou da paródia que contestam pelo riso (não pela dor ou sofrimento), a prepotência dos fortes que escravizam os fracos ou desvalidos, [...] cria naquele momento uma divertida situação exemplar (em que o reizinho mandão é totalmente ridicularizado) e, com ela, em plano mais amplo, mostrava que os dias da ditadura militar no Brasil estavam contados (COELHO, 1995, p. 1002).

No texto “Panorâmica das literaturas juvenis portuguesa e brasileira: um olhar sobre a contemporaneidade”, as professoras Ana Margarida Ramos e Diana Navas indagam: “existe uma obra especificamente juvenil? O que a distingue dos textos destinados às crianças e aos adultos?” (RAMOS; NAVAS, 2019, p. 137). Nesse texto, no qual as autoras destacam produções brasileiras e portuguesas, elas citam as principais vertentes da atual literatura juvenil: as narrativas de fantasia, que revisitam contos de fada, universos maravilhosos, histórias populares; e as realistas, grupo no qual estão as “obras que contam histórias verossímeis, que ‘poderiam ter acontecido’, no âmbito do que denominamos ‘real’ ou possível. Estas são também subdivididas em correntes menores. Há as narrativas que apresentam situações do dia a dia, cujos conflitos são resolvidos por meio do diálogo; em um segundo grupo, estariam histórias com foco em conflitos de ordem político-social, mostrando a realidade de forma direta, “sem idealizações”. Estas tramas políticas estão sendo consideradas pelas autoras como temas fraturantes, já que poucas vezes se envolvia os jovens nestes debates ou deixava chegar até eles esse tipo de preocupação ou se levava esses temas para a ficção. Elas ressaltam que, hoje, os jovens estão cada vez mais expostos à informação e, por isso, temas sérios, como o nazismo, as ditaduras e as guerras, já são uma tendência na literatura contemporânea, no Brasil e em Portugal. Além disso, elas reafirmam que a literatura não deveria ser um campo de alienação sob o risco de desinteressar plenamente alguns leitores.

Conforme discorre o professor Gregorin Filho (2011), há pelo menos uma década a tendência é que a escola precisou acompanhar as mudanças de suporte para a literatura, com o avanço da tecnologia, mas também teve de abrir espaço para temas que, de fato, possam interessar às crianças e aos jovens, e não que os afastem dos livros. O vínculo existente entre a escola e os livros para crianças e jovens é incontestável, mas urge buscar o diálogo com estudantes. Entre os temas que podem ser pautados, o professor Gregorin Filho destaca:

[...] a literatura para crianças e jovens de hoje pode trazer para discussão temas anteriormente ocultados na educação, como a violência e suas múltiplas manifestações, a densidade cultural do povo brasileiro, a sexualidade, as consequências do uso de drogas [...] (GREGORIN FILHO, 2011, p. 46).

É sempre relevante retomar as reflexões da estudiosa de teoria, análise e didática da literatura infantil Nelly Novaes Coelho (2000) que, há 20 anos, observando a invasão da informática na sociedade, já provocava: haverá lugar para a literatura, seja infantil, juvenil ou adulta? Em seguida, ela própria respondia que sim, haveria lugar principalmente para a literatura infantil, considerando sua tarefa fundamental de servir como agente de formação humana.

É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas, e até apocalípticos, acerca do futuro do livro (ou melhor, da literatura), nesta nossa era da imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca. (COELHO, 2000, p. 15).

2.1 Temas indesejados para quem?

Tem que ter coragem, muita garra, muita alegria, muita liberdade,
muito respeito, muita fome, muita sede, de justiça e dignidade

Stella Maris Rezende

Neste capítulo, pretende-se problematizar questões relacionadas aos temas fraturantes que estão presentes na literatura juvenil hoje, ainda que a própria Há livros “classificados” como infantis e juvenis que trazem enredos com questões temáticas com as quais nem o público adulto sabe como lidar, que incomodam. São histórias que abordam a morte, violenta ou não; o racismo, velado ou explícito, característico da construção da sociedade brasileira; a sexualidade e seus diversos temas afins, como as relações homoafetivas e as questões de gênero e as tantas dificuldades de relacionar-se com o diferente, aliadas à necessidade de

justificá-lo, adequá-lo, bem como tantos outros temas complexos, tão incontáveis que não há como listá-los todos aqui. Como adverte a professora Rosa Maria Cuba Riche (2010, p. 150), “poucas publicações conseguem atingir uma qualidade literária ao tratar temas tão delicados como a morte, a separação dos pais, a nova organização familiar, a perda, o assassinato, o estupro, a pedofilia, a gravidez na adolescência, entre outros”.

Percebe-se que esses temas são considerados impróprios e inadequados não pelo leitor a quem a obra se destina. Em uma sociedade conservadora como cada vez mais a brasileira tem se mostrado ser, infelizmente acompanhando outros países que regidem a governos conservadores em todos os aspectos sociais, esses livros são etiquetados pelos pais como perigosos ou, no mínimo, não aconselhados para seus filhos.

Certos livros e seus autores tendem a ser escondidos no alto das prateleiras, esquecidos das listas de adoção nas escolas e das compras por programas governamentais para bibliotecas públicas. Um exemplo de livros que tratam de determinados assuntos malvistas por alguns grupos sociais é o Movimento Escola Sem Partido. Diz o site do Movimento: “Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar”.

O programa Escola sem Partido é uma proposta de lei – federal, estadual e municipal – que torna obrigatória a afixação, em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio, de um cartaz com os seguintes deveres do professor:

1 – O professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias. (ESCOLA SEM PARTIDO, 2019, n.p.).

A questão é que a leitura vai muito além do programado. Cada leitor, com suas referências de mundo, suas experiências, sua comunidade de familiares e parentes têm uma leitura própria a fazer, conforme a pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique, na França Michèle Petit compartilha no livro *Os jovens e a leitura*. A ideia de uma leitura única, padronizada, pronta é enganosa e perigosa.

Deixo o interior da França e gostaria de avançar com vocês um pouco mais nessa segunda vertente da leitura, a do diálogo entre o leitor e o texto. Eu lhes dizia que o leitor encontrava palavras, imagens, para as quais dava outros significados, cujo sentido escapava, não somente ao autor do texto, mas ainda àqueles que se esforçavam em impor uma única leitura autorizada. O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve, altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo (PETIT, 2009, p. 29).

A mocinha do Mercado Central traz à tona alguns enredos complexos, e este trabalho vem defender abertamente que os jovens tenham acesso aos livros que descortinem quaisquer assunto e tenham direito a ler, como defende Candido, mas que tenham oportunidades de ter acesso à literatura mediada, ou seja, apoiada em conversas, em trocas colegas, seus pais e professores de forma a construírem suas ideias, opiniões, concepções, construções embasadas e que possam seguir se questionando, perguntando, elaborando e mudando de opinião conforme lhes seja pertinente, afinal, ainda estamos longe de termos uma sociedade livre de preconceitos e ideias engessadas. É preciso ler, resistir e persistir.

Ao serem indagados sobre seu interesse por literatura, seja como leitores, seja como produtores de textos literários, muitos jovens afirmam que não se identificam com os livros que leem ou a forma como são demandados a escreverem um texto em sala de aula ou como dever de casa, que pode ser chamado de composição, de redação, dissertação-argumentativa e de tantos outros nomes. Evidentemente em algumas escolas o ensino de literatura é desenvolvido sob um foco menos pedagógico e mais artístico, ainda assim existe uma relação frágil e desconfiada entre o jovem e os livros. Não podemos do que nos lembra a professora Nely Novaes Coelho (2000, p. 16): “a escola é um espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro, um espaço em que são lançadas as bases para a formação do indivíduo, e que, portanto, deveria apresentar o conteúdo tão diverso quanto o ser humano”.

Evidentemente as literaturas infantil e juvenil são uma realidade institucional, mas é preciso mediar com seriedade, se interessar, presentear com livros e lutar contra a censura que quer impor um só tipo de leitura ou, pior, excluir as leituras não autorizadas (por instâncias de poder governamentais) ou mesmo rejeitadas (por influencers ou pais, em mídias sociais). “Transmitir o amor pela leitura é um desafio para o professor?” (PETIT, 2009, p. 154).

O que podemos fazer sabendo que

a compra governamental de obras literárias destinadas às bibliotecas de todo o país é organizada de acordo com os níveis de ensino (Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio); os catálogos das editoras também são organizados geralmente por níveis de ensino e/ ou temas transversais. Muitos livros são acompanhados de fichas de leitura. Nos sites das editoras, na internet, há espaços reservados para professores, inclusive com dossiês pedagógicos, sequências didáticas e toda sorte de orientação sobre como utilizar o livro em sala de aula (DIAS; SOUZA, 2015, p. 85).

Segundo as professoras Ana Crélia Dias e Raquel de Souza e Souza (2015), o material produzido pelo mercado para atender às professoras que vão trabalhar com os livros em sala de aula é o que termina por pautar o mercado, fazendo com que “sua realidade propriamente literária” seja colocada em questão, primeiro pelo que já falamos: a literatura para crianças e

jovens renasce, no Brasil, nos anos 1970, em plena ditadura militar, a partir de uma reformulação na educação que visava a superar a “crise da leitura do alunado brasileiro”. O mercado entra no jogo para supostamente “atender a esses leitores em potencial (os estudantes)”, iniciando-se uma parceria não com a instituição escolar, mas que, na prática, enquadra o escritor às regras dos mediadores que estão entre o livro e o leitor, ou seja, a escola e o mercado.

Este destinatário pré-determinado acaba por selecionar temas (como aqueles relacionados às ideias de mutação e conflito: relação com a família e com o outro em geral, descoberta do amor e da sexualidade, inserção na vida social, construção da identidade) e formas (como a narrativa em primeira pessoa – não raro aproveitando-se do gênero diário – e a presença de adolescentes como protagonistas), o que, além de contrariar o princípio da liberdade criadora, flerta com certo didatismo e responde à lógica capitalista de segmentação do mercado (DIAS; SOUZA, 2015, p. 85).

Certos escritores e ilustradores absorvem essas limitações impostas como desafios para sua criação literária e se dizem satisfeitos com o resultado estético de suas obras. A escritora Stella Maris Rezende já afirmou diversas vezes que o mercado não pauta seus livros e que ela não reluta em abordar os assuntos aos quais é chamada “por suas personagens” e que não costuma ser afetada por demandas ou censuras.

Alguns autores, como relatam Dias e Souza, se recusam a atender cegamente às demandas mercadológicas ou a restringirem seus livros a uma faixa etária.

O discurso praticamente homogêneo dos escritores quanto à busca pela qualidade literária em suas obras independentemente do público pode ser visto como uma forma de resistência a todas as injunções externas que colaboram para a depreciação da literatura infantil e juvenil no sistema literário.

Um dos argumentos mais utilizados por estes escritores (e também por parte da crítica acadêmica) é o de que uma obra de qualidade, rotulada de infantil ou juvenil, pode, ainda assim, promover prazer estético no adulto e, por isso, o rótulo seria dispensável (DIAS; SOUZA, 2015, p. 88).

Muitas vezes, os leitores não conseguem se afeiçoar às leituras demandadas pela escola. Ainda que suas pesquisas tenham ocorrido com jovens na França, alguns conceitos e conclusões da antropóloga Michèle Petit (2009) valem para jovens do século XXI nascidos em qualquer país. No capítulo “O papel do mediador”, Petit toca em questões importantes. Ela relata que, em certa ocasião, deparou-se um cartaz colado na vitrine de uma livraria em frente a seu escritório. “A leitura de um livro proibido, a portas fechadas, em uma noite de neve, é um dos maiores prazeres da vida” (PETIT, 2009, p. 147). A frase, segundo ela, foi atribuída a Lin Yutang. Mas, afinal, por que livro precisar ser proibido? Proibido por quem e para quem?

Por que motivo? A quem interessa proibir que um livro seja lido, distribuído ou publicado? São questões que já estão sendo discutidas há décadas.

As histórias, os devaneios dos romancistas, sobretudo, são incontáveis e, portanto, assustadores para aqueles que querem ter controle de tudo. Os fundamentalistas desejam ter o monopólio absoluto do sentido. E as histórias são inquietantes porque as palavras têm essa característica peculiar de escapar de qualquer controle dos signos, a partir do momento em que cada um pode carregá-las de seu próprio desejo e associá-las, a seu modo, a outras palavras [...] (PETIT, 2009, p. 114).

Muitos narradores de histórias contam que os temas chegam sem que eles próprios tenham controle, embora seja da escolha de cada um decidir se irá desprezá-lo ou desenvolvê-lo. Em relação à sua forma de estruturar uma trama, Stella Maris Rezende revelou, sobre o processo de escrita do romance *A mocinha do Mercado Central*, quando ela descobre os rumos com que a história estava evoluindo:

Quando eu escrevi *A mocinha do Mercado Central*, em determinado momento aconteceu esse drama – eu não sabia que ia acontecer – aconteceu o estupro, aí a personagem principal é filha dessa situação, ela é filha dessa violência, ela nasceu dessa violência. Aí eu me assustei. Nossa! Que assunto que apareceu aqui! Porque, a princípio, o que me parece é que não fui eu quem trouxe o assunto, o assunto vem. Que assunto é esse que eu não tinha imaginado, né? Depois veio o assunto do suicídio da Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto, que era tão corajosa... Esse suicídio também me deixou preocupada... Mas se surgiu, é porque a vida é assim... (ANEXO A).

Antes de tirar um livro do alcance de um leitor, é possível e desejável recorrer aos mediadores para que cumpram o papel de serem ponte entre o leitor jovem ou infantil e o livro. O professor é, sem dúvida, um mediador indispensável na vida de um leitor em formação ou de um leitor com dificuldade em se interessar por qualquer leitura. Cada leitor pode ter suas preferências, há vários fatores que o auxiliam nessa escolha, e podem defender seu direito como leitor, como listou o escritor francês Daniel Pennac (1993) em seu livro *Como um romance*. O direito de não ler; o direito de ler só uma parte; o direito de reler; entre outros. Nem todos os jovens terão as mesmas experiências na posse dos mesmos livros. O mediador precisa ter consciência de seu papel em uma sociedade tão complexa e desigual como a nossa, e isso abrange a parte material, e também a parte emocional, psíquica, social do leitor. Enquanto algumas crianças já nascem com uma biblioteca montada por seus pais, com livros da melhor qualidade literária, outras só terão a primeira oportunidade de folhear um livro quando chegarem à escola. Além disso, enquanto alguns ouvem histórias desde que chegam ao mundo, outros passam sete anos ou mais sem nunca ouvir uma história. Tocamos

neste tema, do leitor jovem, das dificuldades do mediador e do papel da escola, neste trabalho, porque a literatura é um espaço, para muitos leitores, convidativo a um diálogo em seu universo interno conturbado e subjetivo. Para Gregorin Filho,

[...] apoiada que é por leis e propostas pedagógicas governamentais, a literatura para crianças e jovens de hoje pode trazer para discussão temas anteriormente ocultados pela educação, como a violência e suas múltiplas manifestações, a diversidade cultural do povo brasileiro, a sexualidade, as consequências do uso de drogas, entre outros (GREGORIN FILHO, 2011, p. 46)

Observa-se que a questão dos temas fraturantes na literatura para crianças e jovens é bastante abrangente, uma vez que o que pode causar incômodo em uma determinada cultura, em outra pode ser tolerada e aceitável. Olhando pelo retrovisor do que já foi considerado um assunto pedregoso e o que, hoje, são temas vistos como ameaçadores, Ana Margarida Ramos (*II ENLIJ...*, 2021) nos lembra que o sistema literário sempre evoluiu numa sucessão de movimentos e de rupturas e que posteriormente se consolidaram, como as vanguardas, os movimentos literários que romperam com o sistema literário vigente. Há temas que se iniciam como inovadores e que depois de discutidos na sociedade são absorvidos, como os temas ambientais ou os que abordam questões familiares já superados socialmente, como o divórcio, que já desagradaram à Igreja, por exemplo, mas que hoje são tratados mais abertamente na literatura para crianças e jovens.

A linguagem é outro tema relacionado pelas professoras Dias e Souza para o desinteresse dos jovens pela literatura. A partir de um questionamento simples, elas tentam mapear os problemas enfrentados pelos escritores de literatura para jovens, afastando-se um pouco dos temas fraturantes: “Quantos leitores juvenis podem se afastar da literatura de qualidade quando entram em contato com livros inadequados para sua idade?” (DIAS; SOUZA, 2015, p. 88), não por conterem temas considerados “problemáticos”, mas por conterem problemas reais, como um conteúdo moralista ou enfadonho, a linguagem verbal ou não verbal (ilustração e projeto gráfico.) toscas, baixa ou nenhum teor literário. Esse filtro do que é adequado e estimulador para o jovem leitor pode e deve ser realizado pelo mediador adulto.

Conforme abordou a professora Ana Margarida Ramos, em sua conferência de abertura do *II ENLIJ / I CILIJ* da UERJ, em 30 de setembro de 2021, via transmissão online pelo YouTube, e cujo título foi “Temas fraturantes hoje: sobre a necessidade de uma literatura que incomoda”, os países que tiveram livros censurados em uma ditadura oficializada, como

foi o caso de Portugal e do Brasil, ficaram marcados social e culturalmente por muito tempo. São marcas que perduraram “muito além do fim desta mesma censura” (II ENLIJ..., 2021)

A pesquisadora relembra que há formas de censurar explícitas e implícitas, assim como há preconceitos que são declarados, embasados em racismo pelo ódio ou pelo desejo de suprimir um povo por razão da cor de pele ou por sua orientação religiosa, e preconceitos que são implícitos, que se traduzem na forma do medo de sofrer uma violência ou até uma ameaça de morte, por exemplo.

No caso da literatura para crianças e jovens, há ainda o agravante de os livros que chegam até as crianças e os jovens passam pelo crivo de um mediador, um adulto – seja pela família, pela escola ou pelo próprio mercado –, que atende os interesses dos grupos que detêm o capital para adquirir tais livros, ou seja, na censura, escritores também sofrem, quando precisam atender às demandas do mercado, como já foi mencionado.

Há uma polarização vigente entre os que insistem em manter os modelos em vigor e os que tendem a questioná-los, subvertê-los. O que ocorre na prática é que livros considerados altamente recomendados pela crítica literária não chegam às mãos dos jovens. No entanto, esse mesmo público tem acesso a livros que nem sempre atendem a critérios estéticos, ou seja,

o que chega de forma rápida e eficiente às mãos ávidas desses leitores em formação são as obras produzidas no polo oposto, o da indústria cultural, e com uma característica importante: em sua maioria, são obras importadas, de sucesso comercial em escala global, que contam com uma infraestrutura de mídia e marketing sem precedentes (DIAS; SOUZA, 2015, p. 91).

Por outro lado, há um critério dos intermediadores, em sua “determinação em controlar o jogo das palavras” (PETIT, 2009, p. 114), que limita o acesso a livros por sua própria incapacidade leitora. Um exemplo recente foi o livro *O menino que espiava para dentro*, de Ana Maria Machado, que teve sua interpretação totalmente distorcida e foi ameaçado de banimento dos espaços escolares em que estava sendo lido. Em 2018, a mãe de um menino de oito anos fez uma postagem na internet em que afirmava que seu filho havia perguntado se era verdade que poderia ir ao mundo da imaginação se engasgasse com uma maçã. A publicação viralizou, ou seja, foi compartilhada em grupos de WhatsApp e nas redes sociais (DINI, 2018).

No caso da literatura para crianças e jovens, há um agravante: são os adultos que fazem essa intermediação. Eles exercem o papel de censores, uma vez que são eles os responsáveis por editar, selecionar para escolas e programas e comprar livros para o público a quem os livros se destinam.

Em março de 2023, mais um caso de tentativa de banir um livro da lista de livros adotados no Colégio Abel, uma escola tradicional de ensino religioso católico, em Niterói, no Rio de Janeiro, foi noticiado pelo jornal *O Globo*, na coluna *Fome de quê*, da jornalista Ana Cláudia Guimarães. No dia 26 de março de 2023, o mesmo jornal divulgou uma nota com o posicionamento da escola. O livro que um grupo de pais tentou censurar é o *Pequeno manual antirracista*, de Djamila Ribeiro, que integraria um projeto interdisciplinar sobre as culturas afro-brasileira e indígena. Segundo a nota, o título de Djamila causou insatisfação de alguns responsáveis, mas o colégio manteve o livro na lista do projeto.

Ainda que sejam conceitos distintos, há um diálogo que pode ser estabelecido entre os temas fraturantes e os temas censurados, pois ambos tratam da incapacidade dos mediadores de tratarem de determinadas temáticas com as crianças e os jovens. A nosso ver, essa intransigência e cegueira por parte de alguns grupos sociais são totalmente incompatíveis com o papel da literatura nas nossas vidas.

2.2 Quem tem medo do lodo?

Tem que saber ouvir a mentira, a insídia, o desespero e o abandono.

Stella Maris Rezende

Um dos trabalhos que nos serviu de base para a análise do livro foi a tese de doutorado sobre a obra da escritora Stella Maris Rezende elaborada por Daniela Aparecida Francisco, com orientação do professor José Ceccantini. A pesquisadora discorre sobre as temáticas que já fizeram parte dos enredos criados por Rezende. Abordaremos os temas fraturantes, mas não podemos deixar de mencionar os temas que “são considerado clichês, vinculados à indústria cultural”, como amor à primeira vista, namoro e desilusão, a iniciação sexual, a amizade, os sonhos, a incerteza do futuro, a confusão de sentimentos, os conflitos familiares e a escola. (FRANCISCO, 2019, p. 139) que também permeiam a literatura da escritora Stella Maris Rezende. A escritora, porém, posiciona-se sobre a questão de trazer temas espinhosos às suas histórias da seguinte forma:

A vida das crianças também [é assim]. E a gente não pode poupá-las disso, porque isso seria poupá-las de viver, poupá-las de ter mais cancha para lidar com as dificuldades da vida. Por meio da literatura é que se pode ter a maneira mais bonita,

mais artística, mais humana, mais generosa de fazer com que as crianças e os jovens entendam as dificuldades da vida e possam lidar com essas dificuldades. De uma maneira encantadora, emocionante, que faça rir, refletir, sonhar, que atice a imaginação, a coragem de lutar, de mudar as coisas. A literatura tem essa força. Como toda arte tem. A literatura tem uma importância maior que todas as outras artes, porque é uma conversa mais íntima com a complexidade da alma humana. (ANEXO A).

Alguns temas que foram listados pela pesquisadora Daniela Aparecida Francisco são:

[...] a morte, o estupro, a velhice, a vingança, o abandono pela família, a orfandade, o preconceito, o suicídio, o incesto, o parricídio, as drogas, a homossexualidade. O ato sexual aparece em algumas tramas, às vezes de maneira alusiva e metafórica, assim como também se dá com a homossexualidade. Porém, a sexualidade está destituída da culpa (FRANCISCO, 2019, p. 139, grifo de Daniela Aparecida Francisco).

Stella Maris Rezende revisita os temas do abandono em muitas de suas histórias. Em *O demônio do rio* (1986), sabe-se que dona Mundica cria sozinha a filha Mirinha, após ser deixada pelo marido. A mulher assume a responsabilidade na criação dos filhos em *A coragem das coisas simples*, que apresenta a costureira dona Laurentina como uma mulher que “simplesmente trabalhava muito” (REZENDE, 2015, p. 5), e, mais à frente, complementando sua caracterização, como a mãe que “tinha sido abandonada pelo marido, assim que o filho nasceu. O ingrato se engraçou com mulher muito mais velha, azulou no mundo, nunca mais deu notícia” (REZENDE, 2015, p. 29). O narrador enfatiza que sua experiência com casamento tinha deixado nela marcas de descontentamento, sendo o filho sua única fonte de alegria.

Em *A guardiã dos segredos da família* há novamente a figura de homem que deixa de cumprir a função da paternidade. Após o falecimento da mãe, no parto de seu quinto filho, o pai das crianças abandona o lar, legando o cuidado das crianças a outra mulher, sua irmã Delminda. Francisco enumera outras obras em que o padrão da personagem se repete.

A falta do pai, por motivos diversos – abandono, morte, doença, desconhecimento –, também está em *Os nomes do amor* (1993), *Cabelo de fogo* (1998), *O artista na ponte num dia de chuva e neblina* (2003), *A filha da vendedora de crisântemos* (2008), *A mocinha do Mercado Central* (2011), *A guardiã dos segredos da família* (2011), *As gêmeas da família* (2013). Com poucas personagens que fogem à regra, a figura do pai como provedor e protetor da família, munido de uma autoridade validada pelo seu papel social não é comum (FRANCISCO, 2019, p. 142).

A figura da mulher que é abandonada e sofre preconceito por este motivo, ou é maldita pelos próprios filhos, aparece no já citado conto “O último dia de brincar” e *As gêmeas da família*. O texto de *Justamente porque sonhávamos* já tinha sido publicado em 1992 sob o

título *O espelho da alma*. Na trama, os jovens nascidos em Ponta Escura foram abandonados à própria sorte por seus pais.

No teatro que fazia, a ponta clara era sempre Ponta Escura, um lugar pequeno e umbroso do centro-oeste de Minas. Um povoado onde os pais abandonavam os filhos, sem mais nem menos. Um ermo de bernas em que moças e rapazes viviam sozinhos, tinham que trabalhar ainda bem jovens, fazer uma coisa ou outra que lhes garantisse o sustento. Muitos morriam cedo, não faltavam doenças, chuvas de insetos, procissões de cobras, tertúlias de ratos, apareciam problemas biológicos e psíquicos, faltavam recursos e condições de tratamento. (REZENDE, 2017, p. 14)

Apresentadas, de forma panorâmica, algumas obras de Stella Maris Rezende vinculadas à abordagem dos temas considerados inconvenientes e, por isso, censurados, passamos à análise do romance alvo de nossa investigação.

3 UM OLHAR PARA A MOCINHA DO MERCADO CENTRAL

Pequeninha, magrinha, ela é a mocinha do Mercado Central.

Stella Maris Rezende

O que nasce primeiro? A personagem, a trama ou o tema? Em entrevista concedida para a escrita desta dissertação, a escritora Stella Maris Rezende revelou que, frequentemente, uma frase ou palavra que ela escuta, muitas vezes, pode levar ao tema de uma história que ela está começando a escrever ou apontar o nascedouro de uma personagem. As personagens podem ser trazidas pelo chamado das palavras. No caso da escrita de *A mocinha do Mercado Central*, o livro iniciou a partir das palavras “imagina” e “mágico: “Foi com essas palavras que eu comecei essa história. Essas palavras trouxeram a Maria e a Valentina Vitória” (ANEXO A).

Primeiro livro de uma série de seis títulos dedicados ao leitor juvenil, e o primeiro a ser publicado por uma grande editora, *A mocinha do Mercado Central* é o menos extenso, contando 111 páginas, enquanto *As gêmeas da família* tem 158 páginas; *A sobrinha do poeta* tem 182 páginas; *Justamente por que sonhávamos* tem 215 páginas; *A valentia dos personagens secundários* tem 140 páginas. E por último, o romance publicado em 2022, *A casa mágica* tem 239 páginas.

Conforme sublinha Lilian Rosa Aires Carneiro (2015) em sua dissertação de mestrado,

a estrutura narrativa da obra *A mocinha do Mercado Central* (2011) se faz imponente nesse contexto, uma história dentro de várias outras, abordando o cotidiano, com espaços reais, onde de repente e de maneira natural, o mágico entra. Em meio a essa tessitura literária, desponta a figura de Maria Campos, mocinha do interior em busca de oportunidades cognitivas além dos ensinamentos da mãe e das tarefas domésticas.

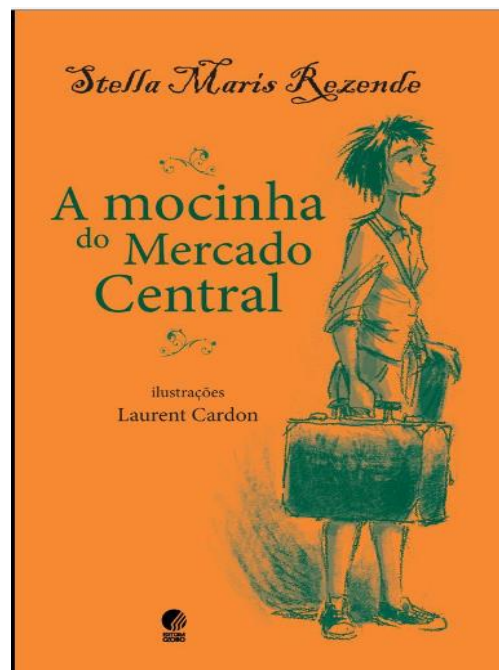
Maria foi também uma aventureira literária, descobriu nas palavras de Fernando Pessoa uma beleza desconhecida, um lugar encantado e ganhou um amigo que agora sempre a acompanhava de braços dados. Inventora de nomes descobriu que aquele autor e ela possuíam gostos similares, inventavam muitos nomes para eles mesmos. (CARNEIRO, 2015, p. 9).

A pesquisadora conclui que a narrativa aborda, principalmente, a busca da protagonista Maria Campos para se estruturar como ser humano, na viagem que ela faz, ela se questiona, aprofunda o conhecimento do que está sentindo, interage com o outro, dentro do que julga ético, desafia a si mesma e se lança, mas confia em si mesma e não cessa de sonhar.

O enredo literário de Rezende permeia o universo artístico, mencionando outros setores das artes como cinematográfico, teatral e poético. Cada capítulo converge para as aventuras da protagonista, desse modo, a história é narrada por meio de uma perspectiva centrada na personagem, Maria. Trata-se de uma narração com traços mais particulares, mais intimista e introspectiva. Faz com que o leitor reconheça nas ações e reflexões do personagem sua própria voz. A descrição das emoções, sentimentos e sensações da personagem bem como a abordagem de conflitos familiares, a presença de questões polêmicas como a morte, o suicídio, o estupro, a dor, a solidão e o amor são temas presentes na vida atual do jovem e permanecem na narrativa sem uma visão adultocêntrica. (CARNEIRO, 2015, p. 26).

A capa do livro (Imagem 6) evidencia uma personagem em trânsito: uma mala na mão, o corpo direcionado para a frente, os pés como se estivessem em movimento, o olhar provavelmente vislumbrando futuro. A imagem nos remete para uma identidade móvel, também ela em trânsito, construída pelos espaços de deslocamento físico-social, no tempo, a que aderem experiências vividas e reflexões realizadas, implicando amadurecimento da personagem.

Imagem 6 – Capa de *A mocinha do Mercado Central*.



Fonte: REZENDE, 2011.

O título do livro traz dois elementos que frequentemente ganham destaque na obra de Stella Maris Rezende e, por escolha da escritora, são fundamentais para compor as personagens e até para ajudar a contar a história. A primeira é a presença de uma figura feminina no título: a mocinha (do Mercado Central); a sobrinha (do poeta); as trigêmeas de *As gêmeas da família*; a vendedora (de crisântemos). Outros romances não revelam personagens

femininas em seus títulos, mas se desenrolam em torno delas ou lhes dão destaque em seus enredos.

Outro elemento trazido em muitos títulos de Stella Maris Rezende ne que se repete neste livro é a presença espaço. Como aponta a pesquisadora Daniela Aparecida Francisco (2019), vários romances da escritora trazem o espaço principal em que a história se passa em seus títulos, como *O demônio do rio*, *O túnel do amor*, *O artista na ponte num dia de chuva e neblina* e *A mocinha do Mercado Central*.

Além da ilustração da capa, há três ilustrações e uma fotografia antes do início do livro propriamente dito. A linguagem do cinema, uma das referências de Maria Campos, é evocada nas ilustrações do francês Laurent Cardon, artista radicado no Brasil e que, não por acaso, construiu uma sólida carreira como diretor de arte de filmes de animação, trabalhando por longos anos na Europa e na Ásia. Lá, aprimorou a técnica de construir uma sequência de desenhos fixos, em que decompõe os movimentos e as emoções das personagens, que no caso da animação irão orientar as filmagens, etapa denominada *storyboard*. Como o próprio artista ressalta em entrevista à revista *Ilustrar* sobre seu estilo de desenhar (ANTUNES; CARDON, 2011, n.p.), a observação o leva a um traçado rápido, sem tanta preocupação com a finalização, uma vez que foi a animação que o levou a descobrir o traço próprio, que dá importância ao movimento, imprimindo-o no desenho. Este olhar cinematográfico pode ser notado nas ilustrações de *A mocinha do Mercado Central*, destacando-se os ângulos, a iluminação e as sombras, que terão mais valor do que o traço realista, os detalhes. Nas ilustrações de Cardon, nota-se uma descontinuidade no traçado, um desalinhamento proposital, que confere, justamente, uma perspectiva de ação, embora haja a predominância de cenas realistas, dialogando com o texto escrito.

Em relação à utilização de cores, Lilian Carneiro Aires Carneiro (2015) analisa, em sua dissertação, as três que compõem nas ilustrações, o laranja, o verde e o preto, a partir das simbologias mencionadas por Chevalier e Gheerbrant (2012 *apud* CARNEIRO, 2015), no *Dicionário dos símbolos*. Segundo os autores, "o primeiro caráter do simbolismo das cores é a sua universalidade, não só geográfica, mas também em todos os níveis do ser e do conhecimento" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 275 *apud* CARNEIRO, 2015, p. 38). Na visão de Carneiro, as cores verde e preto, predominantes no miolo, refletem a atmosfera de transformação e de descobertas vividas pela personagem. Enquanto o verde contém reflexos de esperança e renovação, as sombras remeteriam aos sonhos e o preto das letras revelaria a autoanálise (CARNEIRO, 2015, p. 38).

3.1 Apenas Maria Campos

Eu quero a cena de um artista de cinema
 Eu quero a cena onde eu possa brilhar
 Um brilho intenso, um desejo, eu quero um beijo
 Um beijo imenso, onde eu possa me afogar
Dominguinhos

Para se chegar a um perfil da protagonista Maria Campos, avaliamos ser necessário ter de ler todo o livro, uma vez que Stella Maris Rezende optou por não trazer toda a sua caracterização em um só parágrafo, tampouco em um só capítulo. O que se sabe, logo no início, é que Maria é uma atriz, que está no camarim do teatro se preparando para entrar em cena. A narrativa inicia-se em um tempo futuro com relação aos principais acontecimentos do enredo. Mirando-se no espelho, ela relembra o seu passado longínquo, mas também se nota uma intranquilidade, pois “pensava nessas coisas, pensaria nessas coisas pelo resto da vida” (REZENDE 2011, p. 13), mas precisava se concentrar em outras questões. “Penteava o cabelo, mas não penteava o cabelo. Via o espelho, as muitas lâmpadas pequenininhas formando um retângulo todo iluminado, mas não via as lâmpadas, não via o espelho. Era só ele que ela via” (REZENDE, 2011, p. 13). Esse recurso linguístico de afirmar e negar uma ação feita demonstra a confusão mental de Maria. A cena só será retomada ao final da narrativa, levando o leitor a concluir que todo o livro se passa na mente da atriz, por meio de suas lembranças do passado.

Quanto ao perfil da personagem, sabe-se que Maria é filha de Bernardina, uma mulher simples, traumatizada, cozinheira na cantina de uma escola, e que criou a filha sozinha por 18 anos. Com a mesma idade, ainda virgem, Bernardina já era órfã de pai e de mãe, sentia-se perdida e resolvera fazer uma viagem para São Paulo. No ônibus, sofre um violento assalto, que culmina em um estupro e uma gravidez. A filha não questiona a escolha da mãe de ter permanecido em Dorcas do Indaiá, mas ao chegar aos dezoito anos, a maioria penal por lei, determina-se a buscar o que considera importante para se preparar para a fase adulta da vida, alegando que sempre quis saber como seria resolver os problemas que surgissem ou lidar com estranhos sem a presença da mãe. Maria é apresentada como uma jovem com senso de independência, responsabilidade, capacidade de argumentação e emocionalmente equilibrada.

Disse-lhe que acabara de completar dezoito anos, havia sido uma aluna razoável, mas ainda não sabia que curso faria dali em diante; disse que que voltaria quando chegasse a hora do regresso, que a hora de voltar a gente descobre de repente, num momento crucial; disse-lhe também que a amava, que sentiria saudade, mas o mais premente naquela fase da vida era ser todas as moças que ela pudesse ser; a partir dos nomes que ela mesma escolhesse para si, no intento de ser mais senhora de si (REZENDE, 2011, p. 20).

Como qualquer jovem dessa idade, Maria fantasia “romances docinhos com atores de cinema”, lembrando a expressão “paixão docinha” (REZENDE, 2011, p. 64), que o narrador emprega quando a protagonista assiste ao filme *Lisbela e o Prisioneiro* e afirma estar apaixonada pelo ator do filme. Ao mesmo tempo, ela não se habilita a ficar à espera de um príncipe encantado. Categoricamente, afirma que “vai se encontrar com ele! Com o Selton Mello” (REZENDE, 2011, p. 55). Nesta passagem, nota-se que apesar de imaginosa, Maria é uma moça com forte personalidade, pois é completamente ridicularizada por Valentina Vitória, mas se mantém altiva, com certa dose de ironia.

Valentina Vitória adorava fazer a caveira de Maria, e então perguntou:

— Vai contar pra ele que você é preguiçosa? Que é bagunceira? Que é plasta? Que enfia o dedo no nariz pra tirar meleca? Que só estuda na véspera da prova? Que passa mais de cinco dias sem lavar o cabelo? Que rói unha? Que é egoísta? Que é invejosa? Que nunca aprendeu a fazer conta de dividir com mais de dois números? Que tem vergonha do cabelo pouco e ralinho? Que é jeca da roça? Que é pobre-pobre de marré-derci?

— Vou dizer que me apaixonei por ele, e depois vou me afastar toda louçã, e a vida terá sido esplêndida.

Maria afirmou, sorrindo, e ficou tomando o suco de laranja bem devagar.

Valentina Vitória meneou a cabeça.

— A vida terá sido simplesmente mágica.

E com o canudinho bebeu rápido, de uma só vez, o suco de laranja. (REZENDE, 2011, p. 55-56)

Maria Campos não é uma personagem com contornos assaz definidos. Nota-se que seu único sobrenome é Campos: “Não mais que Campos. Embora fosse plural, não um campo só, eram infinitos campos talvez” (REZENDE, 2011, p. 19), indicando os vários campos (o real e o sonhado, o plano material, as várias cidades, e o espiritual, que também a visita) por onde ela transita. Ao atingir a maioridade, ela decide se rebatizar e fazer “dos nomes escolhidos as vidas escolhidas”. (REZENDE, 2011, p. 18).

E Maria foi arquitetando a ideia de se chamar de outros nomes, muitos nomes, no intento de ser muitas pessoas, outras pessoas, de viver muitas vidas, de ter todas as experiências que lhe fossem dadas neste mundo velho de água chamado Terra. (REZENDE, 2011, p. 19).

O Quadro 1, abaixo, é um resumo das identidades da personagem Maria Campos desde a sua saída de Dolores do Indaiá até o seu retorno. Como está especificado, conforme viaja, Maria vai escolhendo um novo nome a partir de seu significado e de quem pretende ser, por alguns dias. Em alguns momentos, o tempo é suspenso enquanto ela elabora algumas passagens de sua vida, em sonhos e/ou devaneios. Zoraida, a mulher cativante, sedutora sonha com Brasília dos anos 1960, sua construção presenciada por sua avó Duca. Na cidade mineira de São Francisco, Maria é Teresa, a mulher que carrega as espigas e acompanha os sofrimentos de crianças em um hospital, mas é amparada por Vinícius, com quem troca beijos e despede-se sem amargura, com esperança. Simone, aquela que escuta, trabalha como vendedora no centro de São Paulo e atravessa momentos de perigo, mas é protegida por sua própria intuição. Em Belo Horizonte, Miriam vai encontrar um rapaz de quem nunca mais se esquecerá e se aproximará de alguém que a ajudará a rememorar sua aventura; Marta, sua tia, irmã de sua mãe Bernardina, que a fará mudar o rumo de sua viagem. No Rio de Janeiro, ela é Nídia, “pássaro recém-saído do ninho”, mas que começa a tomar o rumo para voltar. Em São João Del Rey, a última paragem, ela intui que a viagem chegou ao fim ao encontrar um diretor de cinema que tem seu passado revelado por Luzia, a dona da pousada em que Maria (ou Gilda) está hospedada.

Quadro 1 – Identidades da personagem Maria Campos

Nome (identidade)	Significado	Espaço / marcos temporais	Ação	Outras personagens
Maria Campos	A escolhida, A senhora	Dolores do Indaiá	Ideia, decisão e comunicado da viagem	Valentina Vitória Bernardina Campos
Zoraida	Mulher cativante e sedutora	Ônibus / estrada Brasília / 23 de abril de 1960	No ônibus, ela sonha com a inauguração de Brasília	Vó Duca Inês Homens no bar
Teresa	A que carrega as espigas de milho	São Francisco (Norte de Minas Gerais)	Foram noites e dias difíceis. Teve que aprender a lidar com vários tipos de sofrimento.	Vinicius Tadeuzinho Sandra
Simone	Aquela que escuta	São Paulo	Sofre assédios sexual e moral. Sonha com o pai.	Zelador Wagner Tânia

Nome (identidade)	Significado	Espaço / marcos temporais	Ação	Outras personagens
Nídia	Pássaro recém-saído do ninho	Rio de Janeiro	Conhece Sérgio e se apaixona. É nomeada “A mocinha do Mercado Central.	Selton Mello Anselmo Artista de rua que escreve nome no grão de arroz
Nídia	Pássaro recém-saído do ninho	Rio de Janeiro	Realiza um sonho e descobre que, como ela, há um poeta que inventa nomes para si próprio.	Selton Mello Anselmo Artista de rua que escreve nome no grão de arroz
Gilda	Aquela que pode se sacrificar	São João Del Rey pode ter sido o lugar mais importante daquela viagem.	Conhece Eugênio e se aproxima de forma impulsiva. Telefona para Valentina Vitória	Eugênio Luzia
Selma/Maria Campos	A amiga da paz	Dores do Indaiá	Recebe a notícia do suicídio de Valentina	Bernardina

Fonte: A autora, 2023.

Um dos principais temas trazidos por Stella Maris Rezende para o livro, e que cercam a personagem Maria, é a violência contra a mulher, sendo o episódio em que sua mãe é violentada retomado várias vezes durante a narrativa, sob óticas diferentes. É notável que a própria personagem não tenha uma carga de rancor carregada. Ao contrário, ela narra o episódio com sentimentos de compaixão e empatia pelo homem que atentou contra ela. Esta característica se reflete em Maria, quando ela encontra o pai na pousada.

Mas antes, bem antes, o que havia era uma certidão de nascimento, só uma certidão de nascimento, e ela era só Maria Campos. Filha de Bernardina Campos pai desconhecido. A mãe fora violentada durante um assalto a um ônibus em que viajava de Belo Horizonte para São Paulo. Os sete bandidos encapuzados, silenciosos e estarrecedores; o chefe exigiu que um deles molestasse a única moça que havia no ônibus. O motorista e os passageiros gritaram, pediram clemência, mas os bandidos, cada um com a sua tarefa, foram todos cruéis.

‘Eu fui profundamente ofendida, mas só eu sabia que ele não era um moço tão cruel assim.’

Esse ele era seu pai. (REZENDE, 2011, p. 17).

Na segunda vez em que o episódio é lembrado, o ponto de vista narrado é o da mulher violentada:

Bernardina também com apenas 18 anos. Já havia perdido os pais, sentia-se totalmente sem rumo, e então quisera conhecer São Paulo. Estivera com a única irmã, mais velha, que morava em Belo Horizonte, que dizia que viajar faz bem, e decidira passar uns dias na maior cidade do Brasil. E estava naquele ônibus. Cochilara um pouquinho. Sentia-se alegrinha. De repente, a freada brusca. O susto, o pavor.

Minutos depois, enquanto os outros esvaziavam sacolas, bolsas e malas de mão, o mais jovem dos bandidos olhou para ela.

Hesitou por um breve instante.

E obedeceu à ordem do chefe.

Cometeu o crime. (REZENDE, 2011, p. 21).

A terceira menção se dá em um diálogo entre Maria Campos e Valentina Vitória, mas o ato criminoso não é mencionado nem por uma nem por outra personagem.

— Quando foi que descobriu que o mundo não existe em função da madame?

— Quando a minha mãe me contou a história dela, quer dizer, a parte mais triste da história dela, e que eu sou o resultado dessa parte triste.

— Por favor, Maria, não me conte essa parte. (REZENDE, 2011, p. 27)

Na quarta ocasião, o episódio é reforçado por meio da lembrança de Maria, narrado pelo narrador onisciente:

Lembrou-se da mãe, de nome Bernardina. A mãe que era firme e resistira. Engravidara de um bandido que a deixara em pânico, que a forçara a ficar quieta para que ele fizesse o que lhe fora mandado fazer. Cometeu-se crime, então. Ela não registrou queixa numa delegacia, teve medo e vergonha, naquele tempo não havia delegacia de mulheres. Mas Bernardina preferiu levar a gravidez adiante. Quando soube que seria uma menina, resolveu que lhe daria o nome de Maria e a entregaria para Nossa Senhora. A filha seria afilhada de Nossa Senhora. Portanto, não mais seria o resultado de uma violência, de uma crueldade. Seria também uma consagração à Nossa Senhora.

A mãe lhe dizia essas coisas essas coisas, vez ou outra. Era bom ouvi-la dizer que ela era afilhada de Nossa Senhora, uma protegida da Mãe Santíssima. Embora não entrasse nas igrejas, gostava de rezar em voz alta ou em silêncio, gostava de saber que sua madrinha era Nossa Senhora; Nossa Senhora que também tinha muitos nomes: Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Lourdes, do Pilar, das Dores do Sagrado Coração. (REZENDE, 2011, p. 43).

Em um diálogo imaginado por Maria com sua mãe, alguns novos detalhes sobre sua concepção violenta são revelados.

— Fala de novo sobre o meu pai.

— Pra quê, minha filha?

— Pra eu ouvir.

— Já te contei tantas vezes...

— Conta de novo, mãe.

— Eu fui profundamente ofendida, mas só eu sabia que ele não era um moço tão cruel assim.

— Conta do começo, mãe, por favor.

Então Bernardina respirou fundo olhou para a filha com uma expressão de bonomia e depois continuou fitando o Cristo Redentor. Contou a história desde o começo, mas aos poucos:

— O ônibus já estava na metade do caminho. Não estava lotado, tinha umas dez cadeiras vazias. O motorista dirigia bem. Eu estava cochilando um mucadinho.

Que coisas poderiam acontecer numa estrada que vai de Belo Horizonte a São Paulo? Todas as coisas.

— De repente, o motorista freou. Freou de um jeito esquisito. Um carro com bandidos tinha acabado de fazer sinal pra ele parar. Tinham colocado um tronco de árvore bem grande na estrada. O motorista teve que parar o ônibus.

Nídia podia imaginar o pânico, o pavor dos passageiros. O rosto assustado do motorista. Os gestos terríveis dos bandidos.

— Eles entraram com capuzes, só os olhos apareciam um pouco. Três empunhavam armas e outros três foram logo abrindo as carteiras, as bolsas e as sacolas. Tudo em silêncio. Não diziam uma única palavra.

No entanto, o sétimo bandido, que era o mais jovem, ficou parado na porta, sem roubar nada, sem apontar nenhuma arma, apenas olhava a cena, debaixo do capuz. Ali estava o pai de Nídia.

— Então um deles, certamente o chefe, fez um gesto pro bandido que estava parado na porta, o que não tinha arma e nem estava assaltando a gente. O moço, o mais novo do que os outros, o moço disse que não, que não, ele disse que não com a cabeça.

O chefe dos bandidos apontara para a passageira mais jovem, a Bernardina. Com o gesto, estava dando uma ordem ao bandido mais jovem.

— O moço ficou dizendo que não com a cabeça, então o chefe chegou perto dele e apontou a arma pra ele. Empurrou ele na minha direção. E com a arma, exigiu:

— Você, que ainda é um franguinho, que ainda não sabe o que é mulher, vai aprender com essa mocinha do ônibus, anda, agora, depressa senão eu te arrebento os miolos.

Os passageiros pediram clemência, pelo amor de Deus, por tudo quanto era mais sagrado, não fizessem mal à moça. O rapaz poderia ter preferido morrer a violentar a moça que o olhava apavorada.

— Ele tremia muito. Eu quase morri de medo e de dor. Quando acabou, ele me olhou com pesar. De repente, fingiu que estava me empurrando e me batendo, debruçou um pouco sobre mim e disse baixinho, só pra eu ouvir: “Perdão”.

Com certeza, Bernardina vivera ali os momentos mais terríveis de sua vida.

— Eles saíram do ônibus, entraram num carro e sumiram no escuro de uma estrada de chão. Os outros passageiros me acudiram, me ajudaram a ficar mais calma. Ficaram todos dizendo que aqueles sete bandidos mereciam apodrecer na cadeia, que eles eram todos uns monstros, que eles tinham ajuda do capeta, porque a estrada fiou vazia enquanto agiam, que não tem mais segurança na estradas, que a polícia rodoviária precisa agir com mais competência, essas coisas.

Dias depois, Bernardina poderia ter ido a uma delegacia, para denunciar o crime. O justo era que exigisse investigação, julgamento e pena. Mas teve medo e vergonha.

— Mãe, os passageiros ficaram revoltados com o crime, ficaram dizendo que a senhora tinha sido profundamente ofendida.

— Eu fui profundamente ofendida, mas só eu sabia que ele não era um moço tão cruel assim.

— Ele preferiu a vida, a violência da vida, à morte. (REZENDE, 2011, p. 74).

Ainda que se possa refletir sobre a questão da violência contra a mulher, que é cada vez mais grave no Brasil, o enredo não alcança o tema contíguo do aborto.

Sobre a relação de Maria Campos e Valentina Vitória, as duas amigas têm perfis em que se diferenciam nas condições sociais, nos aspectos físicos e psíquicos, bem como na forma que uma enxerga a outra, que, por vezes, pode ser enganosa. Isso quer dizer que embora Maria Campos aparentemente nutra gratidão e admiração por Valentina Vitória, em alguns momentos percebe-se uma dose de ironia.

E a filha da imagina, a Valentina Vitória, sabia de cor inúmeros significados de nomes de pessoas, vivia falando os tais significados, dizia que o nome de certa forma determina o destino do dono do nome, a Valentina Vitória querendo provar que sabia muitas coisas sobre as pessoas porque sabia o significado do nome de cada uma; imagina, ter uma amiga assim, facilita muito a vida, pensava, com um risinho incontrolado. (REZENDE, 2011, p. 15)

Stella Maris Rezende também dá contornos de ambiguidade à sua personagem Valentina Vitória, ainda que haja momentos em que emerge uma atitude de superioridade dela perante Maria, como na cena em que as duas se conhecem:

— Eu me chamo Valentina Vitória.
Retomou a vizinha nova, ajeitando um nada na blusinha verde-crê.
— E o meu nome todo é Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto.
Ela completara, e depois a fitou firmemente, como certa de que a moça idiota ficaria dilaceradamente triste, traumatizada, angustiada, qualquer coisa assim psicológica.
A moça idiota parecia hesitante.
Então a vizinha quis apressar o drama:
— O seu nome significa “a escolhida”, “a senhora”. Belos significados. Muito lindos mesmo. E mágicos. Eu ficaria muito feliz se me chamasse Maria. Mesmo que fosse apenas Maria Campos como você.
E continuou com um ar mais solene:
— O meu nome significa “forte vencedora”. Ou seja, como eu tenho dois nomes, Valentina Vitória, e Valentina significa “forte” e Vitória, “vencedora”, eu...
— Muito interessante. Gostei disso. Ou seja, dona do nome Valentina Vitória, “você é uma forte vencedora. Que maravilha.
A moça não era idiota? Dissera essas últimas palavras num tom de felicidade do tamanho do Brasil. Havia ironia também em cada sílaba que pronunciara?” (REZENDE, 2011, p. 18)

É este diálogo, em que Valentina vai de cima a baixo tentando entender Maria, que deflagra na protagonista uma espécie de *insight*, como o desejo de crescer, de se aventurar pelo desconhecido, levando-a a ter vontade de viajar, provocando o desejo de se experimentar sutil e profundamente. Ao se tornar amiga de Maria, Valentina refaz uma pergunta que toda jovem se faz: “quem é você?” REZENDE, 2011, p. 17).

Por outro lado, Valentina, “a que achava que já possuía toda a riqueza desse mundo, exclusivamente por ter nome duplo e sobrenome comprido” (REZENDE, 2011, p. 19), se atém ao significado do nome e não percebe o ser que veste de fato aquele nome. Já Maria consegue enxergar o outro muito além do nome que o outro recebe, ou até da imagem que ele

possui, e tem a capacidade perceber que muitas diferenças também podem existir apesar dos nomes. Ela se diverte e se imaginando.

A narrativa distende-se por nove capítulos, cada um apresentando um conto novo, com personagens que se apresentam e se despedem, levando o leitor a acompanhar o deslocamento de Maria por várias cidades do Brasil, por vários cenários, na maioria deles urbanos. Na viagem de três meses, ela vai encontrando pessoas com quem tem de aprender a conviver, trabalha, namora, enfrentando dificuldades, apaixona-se, descobre novos prazeres, flerta com o perigo, escapa, se apaixona, experimenta, sonha, realiza, evoca e conversa com espíritos, se surpreende, auxilia, conta com a sorte às vezes até de forma um pouco exagerada e retorna a Dores do Indaiá. O final da narrativa não é fechado, e fica para o leitor imaginar os caminhos das personagens.

No entendimento de Angelina Cristina de Moraes (2018, p. 88),

Já a sobreposição de nomes da personagem protagonista reflete o amadurecimento nas dimensões humana, cultural, social, psicológica e intelectual favorecido pelas transformações, superações e interação com outros personagens com as quais encontra e convive. Enfim, remete às experiências adquiridas a cada novo nome que, conseqüentemente, desdobra-se em um novo sujeito, contribuindo, assim, para a construção de sua identidade e para a sua emancipação.

Maria Campos tem dezoito anos, portanto não está mais na faixa etária que define criança bem como não seria mais considerada adolescente, mas é uma jovem mulher com todas as suas incertezas e inconstâncias. Na visão de Gregorin Filho (2011, p. 15), “não existe, [...], uma categorização fixa de faixa etária para a juventude. Ela começa no período transitório da puberdade, mas se apresenta como uma representação social, um ideal das sociedades, e abarca uma intrincada rede de valores”.

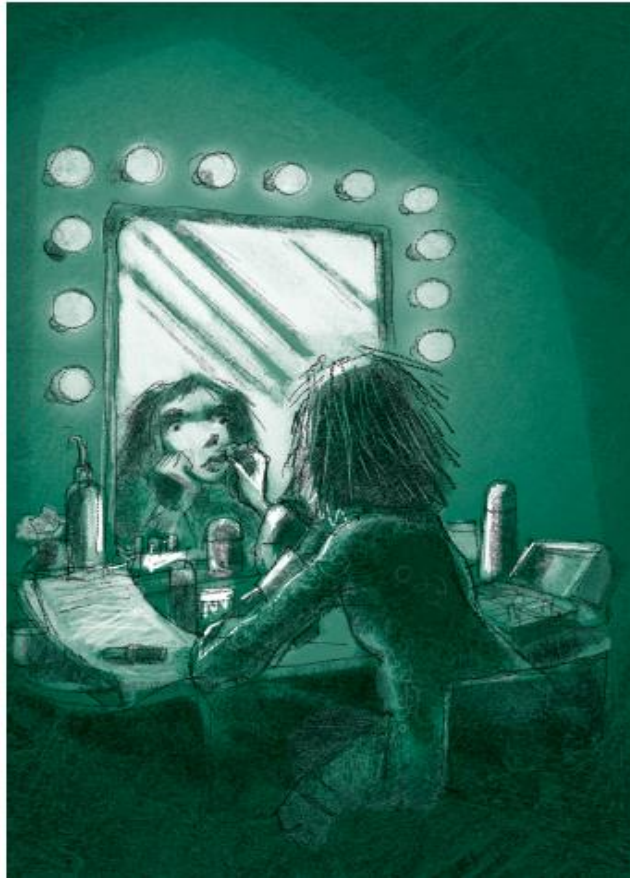
O início da vida adulta é, frequentemente, marcado pelo anseio de se ter novas experiências distante dos olhos dos pais. Maria decide se afastar da cidade em que vive com sua mãe exatamente com a mesma idade que a mãe tinha quando foi violentada, mas os desfechos da mãe e da filha são diferentes, o padrão das jovens de duas gerações diferentes não se repete. Porém, o drama de Bernardina repercute em Maria. Sua mãe teve uma experiência que lhe deixou um trauma a ponto de ela nunca mais querer saber de homens (REZENDE, 2011, p. 107). Já Maria “gostava de beijar, mas tinha o trauma e o drama de ir além dos beijos, ficava só nos beijos, diferentemente da maioria das mocinhas da idade dela” (REZENDE, 2011, p. 107).

Conforme Gustavo Bernardo (1999, p. 143) afirma, é na ficção que o leitor tem contato consigo (“na dor lida”), não aquela que eles já tinham anteriormente à leitura, mas “outra – aquela que ainda não tinham e que, por um efeito de perspectiva empresta sentido à dor primeira, à dor que não fazia sentido”. Este é o caso da personagem Valentina Vitória, que “tinha tudo para não abrir mão da vida” (REZENDE, 2011, p. 13), como afirma a narradora na primeira linha do livro, o que, embora não adiante se a personagem realmente agiu no sentido de dar fim à vida, faz o leitor elaborar a dor da protagonista com o desfecho da amiga. A escritora mescla, na mesma ideia, valentia e covardia, vitória e derrota.

O livro inicia com Maria Campos mirando-se refletida em um espelho de um camarim (Imagem 7), um espelho com muitas lâmpadas pequenininhas, enquanto visita, mentalmente, o passado. Diz a narradora: “Maria pensava nessas coisas, pensaria nessas coisas pelo resto da vida, porque de fato a Valentina Vitória era só um dos mais belos e mais terríveis mistérios” (REZENDE, 2011, p. 13). Valentina joga os feijões mágicos nas mãos de Maria Campos, e ela parte de casa em busca de suas histórias.

Na linha temporal do livro, a atriz que se olha no espelho, na ilustração de Laurent Cardon, da página 12 (Imagem 7), não é mais a Maria Campos que saiu de Dores do Indaiá e se transformou em outras a partir de novos nomes, mas a atriz que vai continuar brincando de ser outras.

Imagem 7 – Maria Campos frente ao espelho.



Fonte: REZENDE, 2011, p. 12.

Segundo Jung (2007, p. 30),

Quem caminha em direção a si mesmo corre o risco do encontro consigo mesmo. O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente o que quer que nele se olhe; ou seja, aquela face que nunca mostramos ao mundo, porque a encobrimos com a *persona*, a máscara do ator. Mas o espelho está por detrás da máscara e mostra a face verdadeira.

A escolha de outros nomes, configurando identidades diferentes vivendo vidas alternativas, pode exemplificar a busca da protagonista por autoconhecimento, ratificando o significado do espelho no começo da obra.

O tempo da narrativa não é linear. No início do livro, Maria está num futuro com relação aos principais fatos que conduzem o enredo, está pensando “nele”, enquanto deveria estar pensando em outras coisas (REZENDE, 2011, p. 13).

O jogo narrativo proposto por Stella Maris Rezende faz com que o leitor se pergunte: O que será que teria acontecido a Valentina Vitória? Embora não fique claro que houve o suicídio, logo no início do livro, o tempo verbal (passado) no qual Maria Campos se recorda

da amiga demonstra que a narrativa não obedece a uma formalidade cronológica. Muitas vezes acompanhamos as lembranças de Maria que vão determinar suas ações no tempo presente da narrativa. Carneiro destaca o papel da fantasia no capítulo “A entojada e a idiota”, quando “através do jogo da ambiguidade sobre a realidade, a autora intercala o real e o imaginário” (2015, p. 26). No capítulo citado, Inês, a dona do restaurante em que Zoraida trabalha, é uma figura onírica, mas que dialoga com a protagonista. Maria sonha para elaborar. E vai abrir mão de algumas certezas, motivada pela narradora. O fato de o livro ser todo narrado em terceira pessoa leva-o a crer que se trata de um narrador onisciente e onipresente, que não participa da trama como personagem; porém a revelação da identidade da narradora se dá na página 107, quando Marta fala na primeira pessoa:

Posso muito bem imaginar tudo o que se entremeou no coração e na cabeça de Maria naqueles momentos cruciais. Com toda a certeza, lembrou-se da mãe, sentiu de novo o drama e o trauma de Bernardina; ao contrário de mim que casei, enviei e, vez ou outra, namoro, a minha irmã nunca mais quis saber de homem nenhum (REZENDE, 2011, p. 107).

Valentina Vitória pode ter entrado na história apenas para cumprir esse papel, o de provocar e proporcionar a mudança na protagonista. Ela será lembrada durante toda a aventura vivida por Maria, seu papel no enredo foi direcionar, entregar um amuleto mágico em forma de conhecimento, mas não seguir com Maria. Relaciona-se também com a núcleo de Valentina a palavra “imagina”, que é uma parte potente da narrativa, que caracteriza fortemente Maria.

Valentina Vitória era filha da “Imagina”.
Mas antes havia a mãe da Valentina Vitória, que qualquer coisa que fosse dizer começava com imagina. Era muito engraçado. Para a mãe da amiga – nunca perguntara o nome dela, que falta de educação –, tudo começava com imagina.
“Imagina, vou chamar a minha filha, eu gosto muito da amizade de vocês.”
“Imagina, acabei de assar um bolo de chocolate, vocês vão merendar.”
“Imagina, a sua mãe está boa?”
“Imagina, sabia que a gente morava num lugar onde ventava o tempo todo?”
“Imagina, pode entrar, ela já vem” (REZENDE, 2011, p. 15).

Esta marca da oralidade da mãe de Valentina Vitória (que não por acaso não tem nome) recebe a função de nomear a personagem, torna-se nome:

E a filha da imagina, a Valentina Vitória, sabia de cor inúmeros significados e nomes de pessoas, vivia falando os tais significados, dizia que o nome de certa forma determina o destino do dono do nome, a Valentina Vitória querendo provar que sabia muitas coisas sobre as pessoas porque sabia o significado do nome de cada

uma: imagina: ter uma amiga assim facilita muito a vida, pensava, com um risinho incontinente (REZENDE, 2011, p. 15).

Para a “filha da imagina”, a escritora ainda guarda um segredo: “O melhor de tudo, o mais divertido mesmo, era que a filha da imagina era mágica. [O segredo é] “a mágica de imaginar” [...]. “Cada nome tem a sua magia”, diz Valentina Vitória (REZENDE, 2011, p. 15). Com os nomes que escolher, ela vai poder sentir, experimentar, “fazer de conta que era outras pessoas” (REZENDE, 2011, p. 16). Novas identidades trariam novos significados para si e para sua vida. Porém, a amiga que a inspira não foi capaz de segurar o significado do próprio nome.

A partir de conversas com Valentina Vitória, Maria

“foi arquitetando a ideia de se chamar de outros nomes, muitos nomes, no intuito de ser muitas pessoas, outras pessoas, de viver muitas vidas, de ter todas as experiências que lhe fossem dadas neste mundo velho de água chamado Terra” (REZENDE, 2011, p. 19).

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall distingue três tipos de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, que é o que se tem hoje, em uma sociedade globalizada.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana, como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência, de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 10-11).

O sujeito do Iluminismo, segundo Hall, era usualmente descrito como “masculino”, individualista. Já o sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno, ou seja, ele nos lembra que conviver em sociedade é se relacionar com “outras pessoas importantes para ele” que “mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 11).

O autor nos traz as concepções “interativas” de G. H. Mead e C.H. Cooley, chamados “interacionistas simbólicos”, nomes à frente da sociologia que elaboraram a concepção “interativa” da identidade e do eu, que seria a concepção sociológica clássica dessa questão, segundo Hall (2006, p. 11). Para os interacionistas, a identidade é formada na interação entre o sujeito (eu) e seu entorno social. Nas palavras de Hall (2006, p. 6), “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que estes mundos oferecem”.

Ainda segundo ele, ao intercambiar modos de ser e de estar no mundo, outras culturas, visões diversas, dentro desta concepção, o sujeito cria um diálogo entre seu mundo interior e as experiências do mundo exterior que se apresentam. Afinal, não vivemos sozinhos, mas trocas, aprendizados e diálogos acontecem em relação com o outro. Diz Hall (2006, p. 12):

O fato de que projetamos a nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos, reciprocamente, mais unificados e predizíveis.

No entanto, Hall adverte que isto está mudando, que o sujeito é composto não de uma identidade apenas, mas de várias, algumas delas contraditórias ou não resolvidas. Este fenômeno da pós-modernidade se dá porque "[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado". Segundo ele, o próprio processo de identificação com outras culturas tornou-se fluido, impermanente, "variável e problemático", fazendo com que o sujeito pós-moderno não tenha uma identidade fixa. A identidade se torna uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987 *apud* HALL, 2006, p. 13).

Somos seres em contradição. E os jovens ainda mais, pois estão formando sua identidade em que as comparações e temores de rejeição e não aceitação são evidentes. Na literatura para crianças e jovens, na era pós-lobatiana, a criança é a dona das melhores ideias, a que dá as soluções, a que questiona o *status quo* e a que propõe a revolução. A fada Clara Luz⁵, famosa personagem da literatura infantil nos anos 1980, diz que um mundo sem novas ideias não se desenvolve, não avança. Quando Bernardina indaga "que ideia é essa, minha filha?", ela revela o medo que tem de romper com o padrão, pois desconhece as consequências para sua vida e a da filha. Por mais que haja dores, quando elas são nossas conhecidas, tememos arriscar e ter de encarar doses ainda mais profundas. O desconhecido assusta. No entanto, Stella Maris Rezende mostra que uma das principais funções da literatura é fazer despertar para caminhos diferentes, avançando na história. "Maria argumentou que

⁵ Clara Luz é a personagem título do livro "A fada que tinha ideias", de Fernanda Lopes de Almeida, que fez muito sucesso na geração das crianças dos anos 1980, tendo o livro sido adaptado para a televisão e o teatro. Trata-se da história de uma fada questionadora, que não queria repetir as velhas mágicas e defendia o direito de pensar diferente, criar novas mágicas.

passar um tempo fora da casa materna seria bom, diferente, aventureiro, e com certeza daria a ela Maria muitas oportunidades de aprender muitas coisas que a pia cheia de louça e a mãe sozinha não podiam ensinar” (REZENDE, 2011, p. 20).

O sociólogo, filósofo e pensador da modernidade, Zygmunt Bauman, em entrevista ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, analisou o conceito de identidade do ponto de vista coletivo e do ponto de vista individual.

“O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo”, adverte, “cheio de promessas e premonições vagas de uma esperança ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, nem-um-nem-outro” torna-se, a longo prazo, uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. (BAUMAN, 2021, p. 34).

Como a Fada-mãe, personagem também de *A fada que tinha ideias*, mãe de Clara Luz, que vivia sentindo falta de ar a cada nova ideia que a filha tinha, Bernardina deixa uma travessa cair no chão e se transforma em uma estátua, “uma mulher com a espuma de sabão escorregando pelos braços” (REZENDE, 2011, p. 21). As lembranças de quando ela, uma jovem de também ‘apenas dezoito anos’, já órfã de mãe e de pai, decide passar uns dias na maior cidade do Brasil, São Paulo, e é estuprada dentro do ônibus, atravessam-na. “De repente a freada brusca. O susto. O pavor” (REZENDE, 2011, p. 21).

A narradora expõe o conflito interno de Bernardina e se coloca empática com a figura da mãe. “Sua filha correria riscos? A estátua se moveu apenas para continuar o trabalho de lavar as vasilhas” (REZENDE, 2011, p. 21). A jovem está decidida a transpor a adolescência, e não resta à mãe nenhuma objeção a fazer quanto ao desejo da filha de crescer.

3.1.1 Nem feia nem bonita: sonhadora

O sonho é uma boa prática

Stella Maris Rezende

Realidade e sonho se misturam neste capítulo. Zoraida, primeiro nome escolhido por Maria, trabalha no restaurante de Inês, namora o João “porque quis, porque gostava dele”

(REZENDE, 2011, p. 23), enquanto homens recém-chegados de todas as partes do Brasil estão decididos a construir a capital da esperança (REZENDE, 2011, p. 23).

Fui te vendo e pensando: essa aí é gente é gente boa, vai me ajudar na lida, vai ser gentil com os fregueses, vai ser uma boa amiga. Você explicou que tinha perdido a carteira de identidade, que precisava ganhar dinheiro pra poder voltar pra casa, disse isso com tanta verdade, tanto empenho que eu pense: essa moça merece minha atenção (REZENDE, 2011, p. 24).

A Brasília visitada por Zoraida está em outro tempo e em outro espaço. Espaço do sonho que Jung ([196-], *apud* SILVEIRA, 1981, p. 103) definiu como “aquilo que é, inteiramente e unicamente aquilo que é, não uma fachada, não é algo pré-arranjado, um disfarce qualquer, mas uma construção completamente realizada”. No sonho de Zoraida, a nova capital ainda seria inaugurada, como mostra o diálogo entre as duas personagens:

- E a nova capital, hem, Inês? Vai ser inaugurada daqui a oito dias...
- 21 de abril de 1960. Essa data vai ser muito importante. E nós duas estaremos aqui testemunhando tudo.
- O Juscelino vai descer de helicóptero, ouvi dizer.
- Conforme for, eu vou aparecer lá na hora...
- O Guido vai levar um mundaréu de gente na caminhonete dele. Pede pra ir na boleia, boba.
- Vou fazer isso, sim. Não vou perder a inauguração de Brasília de jeito nenhum. E você? Vai ficar aqui sozinha?
- Vou aproveitar pra imaginar o que vai ser de Brasília daqui a 30, 50 anos. Vou ficar só imaginando. Foi tanto serviço esses dias que eu deitava na cama e ferrava no sono, quase que não pude imaginar nada, sabe?
- Pra que ficar imaginando? Ainda mais sobre um tempo que ainda vai demorar tanto a chegar!
- Eu gosto de imaginar. Vou ter que me esforçar bastante, pensar em tudo o que pode acontecer dentro de 30, 50 anos.
- Pode acontecer tanta coisa, eu hem.
- Vou ficar imaginando, uai. (REZENDE, 2011, p. 24-25).

Nesse momento da história, Zoraida se lembra de Valentina Vitória, a amiga cujo nome significava “vencedora e forte”, mas era, na verdade, frágil e medrosa. A protagonista parece espelhar o que a leitora do livro possivelmente está pensando: ““Que moça vencedora e forte é essa que não dá conta de ouvir uma parte triste de uma história?” depois se lembrou: ‘Ela explicou que o nome não garante tudo, que complicação, ai, ai’” (REZENDE, 2011, p. 27).

Muitas vezes, há dúvida sobre em que tempo ela está, em que espaço, em que camada (se real, imaginação, lembrança ou sonho) está se passando a cena. A não linearidade faz a protagonista e também o leitor parar para refletir, para imaginar, para sonhar e para duvidar.

Depois ela baixou os olhos para os pés enfiados em sandálias de dedo. Tirou as sandálias, esquadrinhou os pés, virou-os, atentou para as solas encardidas, rachadas, horrorosas.

Não, não estava de sandálias de dedo. Estava de tênis, seu velho tênis bom e barato, e estava num ônibus, viajando sozinha. Brasília acabara de ser a primeira cidade que visitara apenas em sonho, enquanto dormia no ônibus, mas o sonho é uma boa prática, ela dissera [...] (REZENDE, 2011, p. 25).

Em uma segunda parte do sonho, chegam os resquícios da realidade ao sonho – homens bêbados que dizem coisas obscenas não seria projeção do bando de homens que atacou o ônibus em que viajava sua mãe, Bernardina?

Maria outra vez se lembrou de Brasília, o lugar de que a vó Duca tanto falava. Num sonho ela viajara para Brasília, a cidade que nasceu de um sonho.

Num sonho. Numa lembrança.

Com o nome Zoraida.

Uma nuvem de poeira foi baixando.

E virou um redomunho.

Zoraida viu que um dos homens do outro lado da rua já estava completamente bêbado e dizia coisas obscenas, olhando para ela (REZENDE, 2011, p. 18).

A aventura se passa em uma Brasília sonhada em um tempo e um espaço não diegético, tempo e espaço do sonho. Nota-se que a personagem Maria Campos entende que “o sonho também é uma boa prática” e, segundo a narradora onisciente, percebe que “dissera uma frase complicada, mas que fazia parte dela Maria, filha de uma cozinheira e de pai desconhecido, uma frase que era a sua alma” (REZENDE, 2011, p. 25). Nota-se aqui o tempo e o espaço não diegéticos da narrativa, ou seja, Zoraida não percebeu que estava sonhando.

Muitos símbolos, imagens, questionamentos ocultos, camadas. Muitos temas complexos. E, ao mesmo, uma personagem muito atraente, destemida, moderna, esperta, atrevida, apaixonada, encantada, ingênua.

Encontrou a avó com um terço na mão, ajoelhada diante de Nossa Senhora do Loreto. Que dizia para ela:

— Duca, não tem cabimento terem construído a minha igreja de costas pra Morada Nova. Me puseram de costas pra cidade, olha só que povo mais ignorante.

Ela iria atrapalhar a conversa das duas. Mas já estava na hora de se deitar e dormir.

— Desculpa, vó.

Dona Duca não se incomodou, dando prosseguimento à conversa com Nossa Senhora do Loreto, que era a padroeira de Morada Nova⁶.

— Mas minha Nossa Senhora, o que eu posso fazer quanto a isso?...

— Providencie um abaixo-assinado! Faz a cidade inteira pedir pra mudar a frente da igreja! É bem melhor eu ficar de frente pras pessoas, não acha?

Zoraida sorriu. E ajeitou o lençol na cama (REZENDE, 2011, p. 19).

⁶ Morada Nova é município vizinho à Dolores do Indaiá, no centro-oeste de Minas Gerais.

3.1.2 A prestimosa e o atencioso

Eu quero um beijo de cinema americano

Dominguinhos

São Francisco da Califórnia, não dos Estados Unidos, mas de Minas Gerais, é o destino seguinte da protagonista. Nessa etapa da viagem, Maria decide se chamar Teresa, “a que chega aos lugares trazendo as coisas de que as pessoas mais precisam” (REZENDE, 2011, p. 31). Teresa consegue um estágio em um hospital público e é obrigada a lidar com todo tipo de sofrimento, sob a supervisão da enfermeira-chefe Sandra, cujo nome significa “mulher que ajuda a humanidade”. Os sofrimentos vividos por Teresa não aparecem apenas como um substantivo abstrato, mas são listados e detalhados pela narradora.

Foram noites e dias difíceis. Teve que aprender a lidar com vários tipos de sofrimento. Era aquela mulher que chegou para dar à luz e acabou morrendo no parto; o neném ficou no hospital, sem que ninguém viesse buscá-lo, até que um dia apareceu uma tia-avó que o levou, não sem antes reclamar que já criava quatro filhos e agora teria mais uma boca para alimentar. Era aquele velho que gemia baixinho quando a dor aumentava. Era aquela menina que sabia que ia morrer brevemente, a madrastra batia nela todo dia e dessa vez tinha cravado uma tesoura nos olhos dela, o ferimento virou uma infecção que não sarava, e, então, ela repetia: “Não nasci pra durar muito, Deus precisa de mim lá no céu (REZENDE, 2011, p. 35).

Em contrapartida, há um encontro significativo para ela. Nesse capítulo, Maria, na pele de Teresa, vai viver o seu primeiro relacionamento amoroso: “Ficou amiga e depois virou namorada de um rapaz chamado Vinicius, ‘aquele que está nascendo’”. (REZENDE, 2011, p. 31.) Vinicius é tímido, desajeitado, tem tiques nervosos, mas tem senso de humor e um coração generoso. Os dias e as noites podem até ter sido difíceis, como anunciara o título do capítulo – “Dias e noites difíceis –, mas “foram muitos os encontros entre os dois jovens, narrados com muitos detalhes, na hora em que trocaram de turno. Houve muitos beijos”. (REZENDE, 2011, p. 32). Stella estabelece a antítese entre as dores dilacerantes presenciadas por Teresa e os momentos calorosos vivenciados pelo jovem casal.

O episódio é marcado por um drama pesado. Nem os personagens nem os leitores são poupados. Mas a vida nem sempre nos entrega aquilo de que precisamos, e a literatura, como afirmou Todorov (2009), nos ajuda a viver e a elaborar os fardos e as dores, que não podemos evitar na realidade.

O menino Tadeuzinho, de apenas oito anos, vem a óbito em uma noite que Teresa não está de plantão, mas, quando ela retorna, o fantasma “não saía de perto dela” (REZENDE, 2022a, p. 33). O capítulo mostra a relação de Teresa com o plano sobrenatural, podendo ela dialogar pela primeira vez com seres que não fazem parte da realidade. Ao ser questionado por ela sobre por que ainda o vê ali, se sabe que ele já morreu, Tadeuzinho pede para ouvir uma história, a última. A imagem do menino é descrita pela “narradora”:

[...] menino de macacão de brim vermelho, a a camiseta por baixo era listradinha de azul e amarelo. Vestia roupas novas. E parecia ter acabado de sair do banho.

[...]

Ela então se conformou. Enquanto cuidava dos outros pacientes, contou uma história longa, triste e bonita. O Tadeuzinho ficou satisfeito. Os outros pacientes também gostaram muito de ouvir a narrativa triste e bonita (REZENDE, 2011, p. 33).

Como nos lembra Candido (2011, p. 176), a literatura está presente em todas as civilizações, e “não há povo, e não há homem que possa viver sem ela, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. A história longa, triste e bonita o curou e o apaziguou. Com isso, o poder de uma história contada surge como medicação para a alma e antídoto contra o sofrimento do menino. Ela fez a morte desaparecer para sempre, as histórias não morrem.

Já os relacionamentos, mesmo os bons, chegam ao fim. As personagens se despedem com pesar, mas sem sofrimento.

Um dia, teve que se despedir do Vinicius.

— Até não sei quando, viu?

Ele limpava os óculos na flanelinha azul. Recolocou os óculos e fitou-a com pesar.

— Vai embora mesmo?

— Preciso ir. Imaginei isso mesmo, que eu ficaria aqui algum tempo, e depois eu iria embora.

— Vai conhecer outro lugar.

— Pois é...

— Vou sentir sua falta.

— Também vou sentir sua falta.

— Eu agradeço por tudo. Com você eu descobri que não sou tão tímido, como eu pensava que fosse.

— Eu agradeço pelos beijos! (REZENDE, 2011, p. 35).

3.1.3 Um favor muito importante

Fechar os olhos
fugir do perigo

No capítulo “O perigo e a proteção”, a aventura se dará no centro da cidade de São Paulo. Simone, cujo significado, segundo a narradora, é aquela que escuta, “alugara um quartinho num prédio cinzento” (REZENDE, 2011, p.36), em um prédio simples, em que só trabalhava um zelador, que se dirige a ela com más intenções. Nesse capítulo, há temas como a subordinação no ambiente de trabalho, o assédio moral e sexual, vividos pela personagem. Ao se instalar na cidade, Simone é assediada sexualmente, mas consegue se desvencilhar de maneira rápida e sagaz, porém a narradora não hesita em compartilhar seu descontentamento com a situação e seu sentimento de repugnância (REZENDE, 2011, p. 36).

— Bom dia, mocinha séria...
 — Bom dia.
 — Esqueci o seu nome...
 — Simone.
 — Simone... Sabe que é bonita demais, não sabe?
 — Com licença, preciso ir.
 Ela corria para o trabalho com o estômago embrulhado. (REZENDE, 2011, p. 36).

Simone, “aquela que escuta”, escuta bem que o falso “elogio”, o adjetivo “bonita” foi empregado em uma tentativa de assediá-la sexualmente sem a sua permissão. Ao afirmar que Simone “corria para o trabalho com o estômago embrulhado porque a cara do zelador era repugnante” (2011, p. 36), ela reforça a percepção de que o galanteio era na verdade ameaça vivenciada pela jovem.

Um aspecto observado curioso, que ainda não havíamos abordado, é que algumas situações vividas pela personagem dão ao leitor a impressão de que estamos no terreno do maravilhoso, mais do que plano da realidade (realidade da ficção). Um exemplo é a facilidade com que a jovem consegue trabalho em grandes capitais como São Paulo, como se ainda estivesse em Dores do Indaiá ou outra cidade do interior, onde todos se conhecem na rua. Ou ainda, em outro tempo.

Como a ordem da narrativa não segue a ordem dos fatos, conforme já observado, muitas vezes a narradora sai do presente, vai ao passado, intermeia com um pensamento ou uma lembrança, tudo isso sem muitas explicações, o que torna a leitura menos fluida, mas pode ser um ponto positivo para leitores mais experientes.

— Não costumo dar emprego pra uma pessoa que acabei de ver na vida.
 O homem, alto e gordo, comentou, assim que ela se aproximara dele e dissera, sem mais nem menos, que precisava trabalhar.

Ele a fitara demoradamente. Mas Simone não viu nenhum interesse escuso, apenas uma intenção de avaliar se podia confiar naquela mocinha de estatura pequena, cabelo ralinho amarrado para trás e olhos castanhos enormes (REZENDE, 2011, p. 38).

Surge, nesse capítulo, outra personagem feminina, Tânia, com quem Simone interage. Ao contrário do capítulo anterior em que ela conheceu um rapaz amoroso e acolhedor, a personagem Tânia não se mostrará tão amigável a Simone. Trata-se da vendedora que trabalha na banca de joias da rua 25 de Março, rua movimentada de São Paulo, onde Simone é empregada pelo proprietário do comércio. A narradora sublinha que a protagonista ficara atenta ao significado dos nomes dos dois novos companheiros: Wagner, “fabricante de carruagens”, e Tânia, “rainha das fadas” (REZENDE, ano, pp. 36-37). Sobre Wagner, embora seja caracterizado como um bom homem, a narradora apresenta uma ressalva: era exigente com seus empregados, que claramente exerciam mais de uma função, em outras palavras, Stella Maris Rezende aborda outro tema: o assédio moral no ambiente de trabalho.

Trabalhou duro em São Paulo. Seu Wagner era um homem bom, mas exigente, seus ajudantes não podiam ficar parados, tinham que limpar, organizar, mostrar, gritar, de preferência vender, dizer eu que agradeço, volte sempre, em que posso ajudar, escolha à vontade, nossa bijuteria é de primeira, apareceu na novela, todo mundo está usando, bom dia, boa tarde, aceita um brinde-surpresa? Basta fazer uma compra a partir de trinta reais (REZENDE, 2011, p. 38).

A denúncia do machismo aparece na relação entre as personagens Tânia e Wagner. A funcionária é apresentada a Simone com uma fala depreciativa do próprio Wagner, que lhe diz: “Ajude a Tânia aqui... Ela está toda atrapalhada [...]” (REZENDE, 2011, p. 38). Quanto à caracterização física, a vendedora mais antiga é assinalada como alta, magra, com uma franja espessa e lisa, “que ela vivia jogando para trás, num gesto ágil e exibicionista” (REZENDE, 2011, p. 38), o que demonstra que, inicialmente, Simone enxerga Tânia como uma mulher segura de si. Em outra conversa entre as duas mulheres, Tânia tenta macular a imagem do patrão, afirmando que é explorador, que é rico, mas quer sempre ganhar mais. Quando Simone estranha a maneira como ela se refere ao dono da banca, Tânia dá um recado: “Você é ingênua demais, Simone! Ainda não sabe nada de cidade grande!” (REZENDE, 2011, p. 39). Por meio das personagens Tânia e Wagner, Stella Maria Rezende denuncia o machismo da sociedade, que atinge as mulheres. A partir da cena a seguir, começa a se perceber uma mudança sutil no posicionamento e na atitude de Simone, a partir da que ela ouve e vê.

Seu Wagner a chamou, tomando-a pelo braço em direção a uma lanchonete do outro lado da rua.

— Vem cá, Simone.

Ela o acompanhou. Seu Wagner pediu dois cafés.

Ficaram de pé diante do balcão da lanchonete. Ele cruzou os braços, pendendo os ombros para frente, e disse:

— Preciso de um favor seu, **menina**.

Ela tomou o primeiro gole do café. Estava totalmente sem açúcar, como preferia, no intento de não engordar. Mas havia emagrecido demais em São Francisco, então dessa vez resolver colocar pelo menos duas colherinhas de açúcar. Em seguida, tomou o segundo gole.

— Um favor muito importante.

Simone é caracterizada como ingênua por Tânia e tratada como *menina* por Wagner, termo que a rebaixa, porém o diálogo contradiz essa ideia, mostrando o gradual amadurecimento da protagonista.

Seu Wagner falou, depois de colocar seis colherinhas de açúcar e tomar o café todo de uma vez.

Simone então disse:

— Pode pedir, Seu Wagner. Estou às ordens.

Seu Wagner bebeu o restinho do café. Olhou para ela, detidamente. Depois ponderou:

— Acho que posso confiar em você.

Simone sorveu o terceiro gole do café. E disse:

— Não tenha dúvidas sobre isso.

Ele ajeitou o boné preto puxando-o mais pra trás.

— Vão entregar uma mercadoria amanhã. Às onze da manhã em ponto. Quero que você receba e guarde pra mim.

— O senhor não vai estar aqui?

Ela perguntou, engolindo o finzinho do café.

Ele explicou:

— Vou estar o dia todo ocupado, cuidando de outras coisas. Preciso de uma pessoa de confiança pra receber essa mercadoria e guardar pra mim. Guardar direitinho, e depois de amanhã colocar na minha mão, com toda a segurança.

— Sim, senhor. Pode contar comigo. (REZENDE, 2011, p. 40).

A partir daí, pode-se acompanhar, a partir da descrição dos elementos narrativos, a continuidade da transformação da personagem por meio de suas reflexões e lembranças. “Enquanto voltava de metrô para o prédio onde o zelador tinha uma cara que era exato um copo de **vitamina** de abacate podre, Simone fica assuntando as palavras do Seu Wagner, misturadas com as palavras de Tânia” (REZENDE, 2011, p. 41, grifos nossos). A escritora compara as palavras que se misturam na mente de Simone com os ingredientes de uma vitamina. Em seguida, traz uma sucessão objetos que são descritos pela narradora com a intenção de sobrepôr as imagens e os pensamentos de Simone, ampliando-se a ideia original de vitamina: “O metrô entupido de gente de todo feitio, gente com tudo quanto era modelo de roupa, de sapato, de mochila, de bolsa, de sacola, de cheiro, de feição, de solidão, de cansaço, de desânimo (REZENDE, 2011, p. 41). A narração aponta o estado de ansiedade em que a personagem se encontra, mas revela também suas qualidades de firmeza emocional e coerência interna, contrastando com as falas de Tânia e Wagner.

Simone perdurou a bolsa no espaldar da cadeira encostada a uma pequena mesa de fórmica. Na mesa, um caderno, um lápis com borracha, uma garrafa de água morna, um pão com manteiga dentro de um saquinho de plástico, bem fechadinho, para não entrar formiga. Ela comeria o pão com manteiga mais tarde. Agora, precisava pensar um pouco mais (REZENDE, 2011, p. 41).

Nesse processo de autoconhecimento e reflexões profundas vivido pela protagonista, Stella Maris Rezende traz a figura da mãe aliada à figura de Nossa Senhora, o que remete à religiosidade presente na cultura mineira especialmente à das cidades do interior em que a prática religiosa é ainda mais latente. Ao apontar que Bernardina preferiu levar a gravidez adiante em uma época em que não havia delegacia de mulheres na cidade por medo e vergonha, Stella Maris Rezende faz referência à realidade de muitas mulheres. Observa-se que ela insere a religiosidade de sua personagem como uma característica cultural brasileira.

A mãe lhe dizia essas coisas, vez ou outra. Era bom ouvi-la dizer que ela era afilhada de Nossa Senhora, uma protegida da Mãe Santíssima. Embora não entrasse nas igrejas, gostava de rezar em voz alta ou em silêncio, gostava de saber que sua madrinha era Nossa Senhora; Nossa Senhora que também tinha muitos nomes: Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Lourdes, do Pilar, das Dores, do Sagrado Coração. (REZENDE, 2011, p. 43)

Outro tema trazido no capítulo “O perigo e a proteção” é o assédio sofrido no ambiente de trabalho. A personagem Simone descobre que a relação entre o chefe Wagner e a vendedora Tânia ultrapassa os limites profissionais, no entanto, como ela não inquire, o texto não deixa claro se havia exploração sexual por parte do patrão ou se o relacionamento era consentido por Tânia. Entretanto, verifica-se uma tentativa de assédio moral praticado por Wagner contra Tânia e contra a própria Simone. Segundo a cartilha de prevenção ao assédio moral, elaborada pelo site do Tribunal Superior do Trabalho⁷, “assédio moral é a exposição de pessoas a situações humilhantes e constrangedoras, no ambiente de trabalho de forma repetitiva e prolongada no exercício de suas atividades”. A cartilha informa que o assédio moral pode ser praticado por comportamentos, palavras, atos, gestos ou escritos que podem trazer danos à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pondo em perigo o seu emprego ou degradando o ambiente de trabalho.

⁷ Cartilha retirada do site Tribunal Superior do Trabalho, disponível em [573490e3-a2dd-a598-d2a7-6d492e4b2457 \(tst.jus.br\)](https://www.trt1.jus.br/assedio-moral).

3.1.4 A filha desejada voa

Calçada cheia de gente
A passar
E a me ver passar

Antônio Maria

Neste capítulo da dissertação, optamos por juntar as identidades Miriam e Nídia, pois elas estão interligadas.

O Rio de Janeiro descrito no capítulo “A oitava visitante” se opõe ao Rio de Janeiro exposto tanto nos cartões-postais, aquele cuja beleza é extravagante, quanto o das páginas dos jornais, em que frequentemente a cidade surge repleta de fraturas.

Antes mesmo de chegar ao Rio, Nídia se lembra das aulas de História do Brasil. “Ainda no ônibus, quando faltavam duas horas para chegar à cidade onde a família real portuguesa aportou em 1808, ela começou a pensar nisso, que já fazia duzentos que a corte chegara ao Rio de Janeiro” (REZENDE, 2011, p. 59).

A aventura carioca traz elementos contemporâneos, como a experiência da personagem em usar como meio de transporte “metrô de superfície”⁸, o evento literário Primavera dos Livros⁹, a confeitaria *Tratteurs de France*, o que nos situa nos anos 2000. Logo no início do capítulo, quando se dá a chegada da protagonista à cidade, acompanhamos um turbilhão de sentimentos, “que são os mesmos sentimentos que ainda temos por aqui, ela pensou” (REZENDE, 2011, p. 59). Ainda na estrada, Nídia não pensa na festa de *reveillon* mais famosa do mundo, ao contrário, ela imagina a corte de dom João e dona Carlota e seus tripulantes com suas cabeças infestadas de piolhos, sofrendo com o calor dos trópicos. Ela está chegando à chamada cidade de mil encantos, mas sua mente está imaginando os sentimentos contraditórios dos tripulantes das naus portuguesas, com quem talvez mais se identifique: raiva, saudade, nojo, medo, solidão, expectativa, exploração, domínio, revolta, roubo, injustiça, violência, vingança, miséria.

⁸ O metrô de superfície é na verdade, um ônibus do tipo frescão que faz parte da linha 1 do Metrô Rio. Segundo o site metrorio.com.br, o passageiro pode embarcar em uma das saídas de conexão ou em uma das estações de percurso, e no período de 2 horas, só paga uma passagem. Desde 2016, essa conexão foi substituída pelo VLT (veículo leve sobre trilhos), que possui estação próxima à rodoviária. (METRÔ RIO, [202-]).

⁹ Feira de livros que existe há 20 anos e é organizada pela Liga Brasileira de Editoras (LIBRE), uma rede de pequenas e médias editoras independente. Atualmente acontece nos Jardins do Museu da República, no bairro do Catete. (LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS, 2023).

É interessante pausar na descrição automática do percurso que Nídia faz da rodoviária até a casa em que se hospedará naquele trecho de sua viagem demonstrando uma intimidade irreal com a cidade que ela acabara de conhecer. Isso pode ser interpretado como uma pista para o leitor atento, dada pela narradora, de que esta é alguém pertencente àquele lugar: “Na rodoviária, pegou um ônibus chamado de metrô na superfície, desceu na estação Largo do Machado e pegou o metrô de fato. Desceu na Arcoverde e caminhou até a rua República do Peru, quadra da praia” (REZENDE, 2011, p. 60).

O passeio pela cidade com muitas referências reais é alternado, ainda, com o pensamento de Maria, que recorda o momento em que fora provocada a mudar o destino de sua viagem.

A tia Marta tinha um quarto e sala num dos prédios ali, um pequeno apartamento com um terracinho de onde se via o Cristo Redentor.
Era um luxo aquilo. Ter uma tia que tinha um apartamento em Copacabana.
Tia Marta a surpreendera quando ela estava se despedindo, quando ainda era Miriam. Sorridente, de repente anunciou:
— Maria, quer dizer, Miriam, você mudaria o próximo destino? Iria pra uma aventura diferente do que havia planejado?
Miriam estranhou a pergunta, mas respondeu rápido:
— São Gonçalo do Abaeté tem um nome lindo, eu sempre quis ir pra lá, mas posso escolher outra cidade...
— Eu tenho um apartamentozinho no Rio! Comprei faz pouco tempo, pra investir, sabe?
Ela estava acabando de fechar a mala de couro antiga.
— No Rio de Janeiro. Não acredito, tia... (REZENDE, 2011, p. 60).

Pode-se dizer que *A mocinha do Mercado Central* flerta com o maravilhoso. Para a pesquisadora e professora Nely Novaes Coelho (2000, p. 177), faz parte do maravilhoso o “passe de mágica”, que soluciona os problemas mais difíceis ou satisfaz os desejos mais impossíveis. Maria não verbaliza diretamente que sonha com aquela viagem, porém a sequência de fatos a partir desse instante irá mostrar que esse foi, sim, um acontecimento mágico no destino da protagonista, que atenderia a sequência de fatos. (COELHO, 2000, p. 177).

Lilian Rosa Aires Carneiro (2015) nos chama a atenção para o fato de Nídia gostar de cinema, viajar e imaginar, mas sempre dizer “outra hora, tia” (REZENDE, 2011, p. 57), ao ser convidada a entrar no quarto-biblioteca de tia Marta, “aquele quarto cheio de prateleiras com livros de cima a baixo. (REZENDE, 2011, p. 57). Nídia chega a confessar que tem preguiça até de conversar com a tia quando ela está naquele quarto, demonstrando sentimentos de aversão e medo daquele “mundo de tia Marta, suas coisas, seus livros.” (REZENDE, 2011, p. 57).

A narradora separa mais um parágrafo para retratar o incômodo de Nídia com o universo dos livros, a maneira como ela se recusa a transpor a porta do quarto-biblioteca e o medo de ficar sozinha com eles. Observa-se a extrema curiosidade de Nídia, que compara os modos de Marta com seus livros com um relacionamento humano amoroso (“parecia que o livro era um namorado que ela ia abraçar e beijar”, REZENDE, 2011, p. 57). No trecho a seguir, a narradora apresenta Nídia como uma *voyeur* observando Marta.

Ela não entrava. Até parava um pouco, encostava metade do corpo na porta, olhava de esguelha para as prateleiras, via um ou outro livro de longe, via o jeito como a tia Marta segurava o livro que estava lendo, parecia que o livro era um namorado que ela ia beijar e abraçar; examinava o modo como ela se sentava com as cotas retas, os pés apoiados num banquinho, tia Marta sempre cuidadosa com a postura do corpo. Mas esse instante à porta daquele quarto não durava muito, Miriam ia depressa para o próprio quarto e continuava a imaginar suas coisas, sua vida. (REZENDE, 2011, p. 57).

Este capítulo reserva também o encontro de Nídia com o ator e diretor Selton Mello, do filme *Lisbella e o Prisioneiro* (2003), ao qual Maria Campos e Valentina Vitória assistem no cinema em Dores do Indaiá. Há no capítulo, dois encontros entre Nídia e Selton Mello, sendo um imaginado por Nidia e outro, “real”, dentro de um café.

Ao atravessar a avenida Atlântica, em direção à rua República do Peru, viu um rapaz de cabelo anelado que passou, de bicicleta: de súbito ele lhe lembrou o Selton Mello, embora fosse magro demais. Então Nídia ficou saboreando a paixão que sentia pelo Selton Mello, essa paixão docinha que veio junto com o filme *Lisbella e o Prisioneiro*. Um dia, ela veria o Selton Mello de verdade (REZENDE, 2011, p. 64).

Coelho (2000) aponta elementos que, com frequência, fazem parte da estrutura dos contos maravilhosos e dos contos de fada, entre eles um acontecimento mítico ou mágico e a força do Destino, um evento que já estava previsto e não podia ser evitado. São elementos que podem não ter lugar em narrativas predominantemente realistas, mas podem ser assim interpretados em *A mocinha do Mercado Central*, como os improváveis encontros que se realizam nos capítulos “A oitava viajante”, o mais extenso do livro (2011, p. 59-87) e “Os sinos” (2011, p. 88-95). Aqui fica evidente que Maria (bem como suas identidades) não só é capaz de transitar entre o mundo real e o mundo sobrenatural, conversando com pessoas que já estão mortas (como Tadeuzinho, a avó Duca e Valentina Vitória) ou que estão em outra cidade (caso de Bernardina); como também tem poderes para concretizar o que deseja e adivinhar acontecimentos futuros: “Sabia disso. Sabia.” (REZENDE, 2011, p. 64). Com essa

afirmação, a narradora joga o leitor devaneio adentro de Nídia, e ele passa a imaginar com ela:

E se deu conta, subitamente, de que nunca havia pensado no significado do nome Selton. Será que era um novo inventado? Um entrelaço de nome de nome com nome de pai, como por exemplo o nome da filha do farmacêutico em Dores, na rua Camanducaia: Maricéu. No caso, não era simplesmente um conjunto de mar e céu, tinha também o nome da mãe – Ceumira – e o nome do pai – Marino. O nome Maricéu carregava muitos significados: o nome Maria, o “mira”, de olhar, mais os tantos significados marinhos e celestiais. Decerto, o nome Selton era também uma elegante combinação de nomes que carregavam muitos e muitos significados. Ela começou a imaginar. Ton de Nililton? Cleiton? Ou Ton de Antônia? Sel de Selmara? Podia ser tanta coisa... Que vontade de descobrir, ela se atçou, e intimamente soube que um dia descobriria. Sabia disso. Sabia. (REZENDE, 2011, p. 64).

O devaneio, segundo o filósofo Gaston Bachelard (2006, p. 22), distingue-se do sonho, porquanto é “a atitude sonhadora do ‘sonhador diurno’, levando-o a poetizar-se, abrindo-se à imaginação criadora.

O sonho noturno é um sonho sem sonhador. Ao contrário, o sonhador de devaneios tem consciência bastante para dizer: "Sou eu que sonho o devaneio, sou eu que estou feliz por sonhar o meu devaneio, sou eu que estou feliz por graça deste lazer em que já não sou obrigado a pensar." (BACHELARD, 2006, p. 22)

Estudiosa de Bachelard, a multiartista e educadora Bia Bedran, no livro *A arte de cantar e contar histórias – Narrativas orais e processos criativos* afirma que o filósofo “trata a imaginação e os devaneios poéticos como hipóteses da vida que alargam a nossa vida, dando-nos confiança no universo” “no movimento constante da imaginação, a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens” (BEDRAN, 2012, p. 81).

Os sonhos, muitas vezes para nós superficialmente incompreensíveis, são espaços importantes para a elaboração de questões que estão em nosso inconsciente. Stella Maris Rezende quebra a narrativa teoricamente factual, integrando-a à linguagem dos sonhos. O leitor acompanha os sonhos que a protagonista Maria Campos tem nos trajetos entre um destino e outro de sua viagem. Isso pode levar o leitor a cogitar que toda a narrativa pode se situar no sonho ou na imaginação de Maria. Destacam-se, a seguir, dois sonhos: no primeiro, Maria sonha com seu pai, e no segundo sonho, com sua infância e sua mãe.

Maria acabara de sair de São Paulo a caminho de Belo Horizonte, trajeto inverso ao que sua mãe fez. Ela sonha que encontra o pai, que a liberta do peso da lembrança de seu passado. No sonho, ele salva a filha de um suposto incêndio que aconteceria no ônibus em que ela estava viajando. O sonho é descrito com muitos detalhes surrealistas, talvez simbolizando o quanto a mente da jovem está lutando para processar tudo o que viveu e o

quanto está buscando uma saída para as dificuldades e os sofrimentos de sua vida, porém “dando conta”, mesmo quando com algum desconforto.

E então Simone arregaçou o vestido até os joelhos, para poder alcançar uma das janelas e pular para dentro. Pensou, preocupada: “Eu estava de calça comprida, e agora estou com esse vestido largo que me atrapalha, eu nem sabia que eu tinha esse vestido!”. Mas deu conta de pular para dentro, embora o vestido fosse mesmo muito desconfortável. (REZENDE, 2011, p. 46)

O desconforto com o vestido pode ser interpretado como o desconforto com o modelo feminino que a oprime e a impede de correr atrás do que ela precisa e deseja. Esse mesmo desconforto, de não caber mais nesse papel da mulher restrita a um só espaço está presente também em outra passagem: “Ao se ver no interior da casa, sentiu cheiro de milho cozido. Ficou com a boca cheia d’água? Onde era a cozinha? A casa era pequena, mas ela não conseguia encontrar a cozinha. Tudo eram quartos. Muitos e muitos quartos” (REZENDE, 2011, p. 47). Em um desses quartos, está o homem que a avisa que o ônibus em que ela estava viajando vai pegar fogo. Esse homem está alertando Simone de que ela não precisa mais rever aquela história, aquela história já virou cinzas, não terá mais valor para ela: “Não volte pro ônibus” (REZENDE, 2011 p. 47), ou seja, não volte a pensar nessa história. Ela agradece e diz que não vai voltar e que vai avisar às outras pessoas que o ônibus vai pegar fogo. “Assim ela fez. Pulou a janela depressa, no intento de avisar a todos os passageiros. Iria evitar uma tragédia, graças a seu pai” (REZENDE, 2011, p. 47). Quando o sonho parece ter terminado bem, e ela olha para o ônibus, ele está em chamas, e não havia ninguém do lado de fora. Ela e todas as pessoas, sua mãe inclusive, estavam dentro do ônibus. A tragédia já tinha acontecido. Ela não podia fugir do que já acontecera. Ela não precisava mais voltar para o ônibus, mas a tragédia estava lá, incendiando. “Ela precisava de água urgentemente. Mas como encontraria água naquele lugar com um ônibus pegando fogo? Dentro da casa sem porta, seu pai não podia sair a cama. Não passava nenhum carro, nenhum outro ônibus. Tudo muito estranho” (REZENDE, 2011. 47). Ela é acordada do pesadelo. Stella reforça que: “Ela estava no ônibus, e tinha sede, muita sede. Não havia acontecido nenhum incêndio. Não usava um vestido largo. Não entrara em uma casa sem porta. Não havia encontrado o pai” (REZENDE, 2011. 47).

Simone (ou Maria) ainda está processando tudo o que está vivendo, tudo o que está aprendendo sobre si mesma e sobre o mundo. Esse sonho também pode ser interpretado como uma amostra de que Maria tem de atravessar vários planos e vários campos por meio da imaginação, de devaneios ou do plano do inconsciente.

No capítulo intitulado “O décimo sétimo andar”, nada se explica. Não se sabe se é outro sonho ou se é uma lembrança da mente Simone. O tempo da ação é a infância de Miriam, “a filha desejada” (REZENDE, 2011, p. 48). Ao encontrar a filha que estava perdida dentro de um centro comercial, Bernardina exclama: “Minha filha... Minha menina tão desejada... Essas pessoas tão boas me ajudaram a te encontrar... Eu quase morri de medo de nunca mais te ver!” (REZENDE, 2011, p. 51). Existem várias formas de se interpretar essa passagem. Não fosse o fato de Miriam ser uma identidade de Maria, ficaria a dúvida de quem é a autora do pensamento ou do sonho: Bernardina, Maria ou outra pessoa. Se for lembrança, talvez Maria esteja recordando o que aconteceu na infância, coisas que Bernardina diz a ela ou, ainda, o medo e o desejo de ela de ter sido imposta a Bernardina, e não fruto de uma gravidez desejada. Mas pelo desfecho, entende-se que foi um sonho: “Mas eles já haviam ido embora, a mãe e o menino, bonitos e estranhos, naquela tarde em Belo Horizonte” (REZENDE, 2011, p. 56).

Esse capítulo é o que mais mescla o plano real e o plano mental/psicológico da personagem. Na passagem subsequente, há outra cena de infância em que aparentemente Maria está se lembrando de quando estava com a mãe em Belo Horizonte: “Tinha a rua da Bahia. Tinha os bairros Calafate, Carlos Prates, Prado, Gameleira, Amazonas, Pompeia, Funcionários. Tinha a Praça Raul Soares”. (REZENDE, 2011, p. 50). Nessa passagem, elas conversam. Primeiro, diante de uma barraca de feira, a mãe mostra à filha uma maçã, segundo ela, “fruta de rico” (REZENDE, 2011, p. 51). Chama a atenção que Bernardina repete isso duas vezes. A maçã, que na religião católica representa o fruto do amor entre o primeiro homem e a primeira mulher, pode estar aqui simbolizando o fruto de um amor que foi negado a Bernardina, já que ela foi violentada. O rico, que Bernardina menciona, pode ser a pessoa que teve direito ao amor. Bernardina frisa a frase, e em seguida, Maria faz um comentário crítico à religiosidade castradora da mãe:

Não é pra nós. Ela esmiuçara. Não é pra nós. Exagerara porque maçã não é uma fruta barata, tudo bem, mas também não é uma coisa que não existisse para elas. Bernardina tem essa mania de afiançar que a gente só pode ir até ali, só até aquele ponto. Deus me livre de tanto amém, ainda bem que a Maria é mais sonhadora (REZENDE, 2011, p. 51).

Maria é sonhadora e desprovida de moralidades e preconceitos. Ela gosta da vida, gosta de olhar para fora e admirar as pessoas, olhando-as nos olhos. Então a cidade de Belo Horizonte reserva para ela um primeiro encontro mágico, a vivência do amor “à primeira vista”, “a matinê verdadeira” (como canta Dominginhos, na música “Lisbela”, da trilha

sonora do já mencionado filme *Lisbela e o Prisioneiro*. Para o leitor, a cena se revela um reencontro, pois o personagem já apareceu no primeiro capítulo do livro. A título de confirmação, destaco os trechos a seguir das páginas 13 e 51, respectivamente:

Acontecesse tudo, a casa fosse levada pela enchente, telhas e móveis carregados pelas águas barrentas; ou a mãe enlouquecesse e ela tivesse que visitá-la num sanatório, escutá-la dizer mil vezes que tem três filhas, uma se veste de fé, roupa azul, a outra de esperança, roupa verde, a outra de caridade, rosa; ou ela, a única filha de fato, nunca mais comesse biscoito de queijo com café quentinho, essa sim, a maior das tragédias, ainda assim, não esqueceria **aqueles olhos negros, aquelas mãos inteligentes, aquela voz rouca**. (REZENDE, 2011, p. 13, grifos nossos)

Estava na praça Raul Soares. Avistou um rapaz claro, de bermuda xadrez e camiseta listrada, com uma prancheta sobre os joelhos, sentado num banco de cimento. Aproximou-se. Ficou observando o desenho que ele fazia.

O rapaz não parecia se aborrecer com a presença dela. Continuava com os traços decididos com o giz de cera.

— Está ficando interessante. (REZENDE, 2011, p. 51)

O capítulo desvenda ao leitor o motivo de o título ser *A mocinha do Mercado Central*, que tem origem nessa cena e retrata o primeiro flerte entre a mocinha do Mercado Central e o rapaz da praça Raul Soares:

Ela deu as costas para ele, durante um certo tempo. Ficou observando outras coisas na praça Raul Soares. Depois tornou a fitá-lo. E perguntou:

— Fala português?

O rapaz sorriu, fitando-a com **os olhos mais negros que ela já vira**.

— Falo mineres. Serve?

Ela também sorriu.

— Me desculpe... É que hoje estou confusa com Belo Horizonte... Queria uma informação.

— Pode perguntar.

Ele disse, voltando a fazer os traços no papel.

— **Onde fica o Mercado Central?** Sei que é aqui perto, mas...

— Está pertinho. É ali mais à frente, entre a Augusto de Lima e a Goitacazes. É só seguir em frente. Quando comer um biscoito de queijo, lembra de mim. É o meu preferido lá do Mercado Central.

— Muito obrigada, viu? Boa sorte.

Ela falou, não sem antes dar uma espiada no novo desenho. Estava aparecendo o rosto de um homem velho, de olhos enrugados e tristes.

O rapaz a fitou com aqueles olhos que ela nunca mais esqueceria.

— Ouvir e ver **uma mocinha** tão compenetrada me desejar boa sorte já foi muito boa sorte pra mim. Muito obrigado.

A voz dele era rouca, de uma rouquidão macia, agradável de se ouvir.

Ele ficou olhando para ela.

Ela ficou olhando para ele.

Miriam nunca mais esqueceria aqueles **olhos negros**, aquelas **mãos inteligentes, aquela voz rouca**, aquele rosto de um homem velho, de olhos enrugados e tristes, aquele rapaz que criava aquele velho, aquela praça, aquele dia em Belo Horizonte. (REZENDE, 2011, p. 54, grifos nossos)

Sem que as personagens sejam nomeadas, Stella cria conexões entre as duas cenas pelas palavras *olhos negros*, *voz rouca*, *praça Raul Soares*, *mocinha do Mercado Central*. Stella Maris Rezende aborda novamente a característica sobrenatural de Maria, que afirma que sabia que o reencontro aconteceria. O tempo da narrativa não acompanha o tempo do acontecimento da história. O livro começa com o beijo longo, esperado por um tempo não definido, não conhecido. Aquele beijo entre amantes, que faz o chão desaparecer por alguns instantes, que paralisa o mundo à nossa volta “Todas as coisas podem acontecer, a partir de uma imagem.” (REZENDE, 2011, p. 15). Pode-se entender essa imagem de várias maneiras, inclusive o desenho do homem velho e triste, que foi o que atraiu a mocinha para perto dele. Mas pode ser também que a imagem a que ele se refere seja a dela, que permaneceu na lembrança dele por muitos anos e que foi reconhecida por ele quando ele viu a foto dela no cartaz da peça. Apesar da dose inegável de realidade, a história da mocinha do Mercado Central reconhece a imaginação, a mágica, o maravilhoso com pontos não divergentes da realidade, mas essenciais para a vida, para as pessoas: “Todas as coisas podem acontecer a partir de uma imagem (REZENDE, 2011, p. 15) e a partir da imaginação do artista.

No capítulo intitulado “Olhos verdes”, a narradora retoma o encontro entre Sérgio e Maria no camarim do teatro, na noite da estreia de uma peça na qual ela é a protagonista e ele é o cenógrafo. Toda a cena em que Maria se olha no espelho é repetida com diferenças sutis, informações adicionais. No início do livro, o período que se refere ao nervosismo de Maria por ter encontrado seu grande amor inicia com “Penteava o cabelo, mas não penteava o cabelo. Via o espelho, as muitas lâmpadas pequenininhas formando um triângulo todo iluminado, não via as lâmpadas, não via o espelho, era só ele que ela via” (REZENDE, 2011, p. 13). No desfecho do livro, Sérgio vai ao camarim da atriz para lhe retribuir o desejo de boa sorte. A narradora mostra as últimas peças do quebra-cabeça que estavam faltando:

Numa noite de estreia, penteava o cabelo, mas não penteava o cabelo.
Via o espelho, as muitas lâmpadas pequenininhas formando um retângulo todo iluminado, mas não via as lâmpadas, não via o espelho. Era só ele que ela via.
Bateram na porta. Sabia que era ele.
— Sérgio, pode entrar...
“O guardião” girou a maçaneta e entrou, com os braços dobrados para trás, mas fitando-a firmemente:
— Vim te desejar muita merda! (REZENDE, 2011, p. 102)

Uma observação: sabemos que *A mocinha do Mercado Central* não é declaradamente um livro autobiográfico, mas considerando-se a informação de que Stella Maris Rezende morou quando criança em Belo Horizonte, fica a incerteza se essa passagem dialoga ou não

com as reminiscências da escritora, que escreve em *Esses livros dentro da gente*: “A memória tem labirintos, portas trancadas, feridas abertas, mas também tem atalhos, pontes e asas. A memória é, talvez, o mais caro recurso do escritor” (REZENDE, 2022, p. 38).

Em seguida, voltamos a “A oitava visitante”, capítulo dedicado às artes, em que a narradora cita vários eventos disponíveis gratuitamente na cidade do Rio de Janeiro, como é o caso da feira de livros que estava acontecendo no jardins do Palácio do Catete e do artesão de rua, cujo trabalho inusitado é escrever o nome das pessoas em grãos de arroz, o que parece remeter metaforicamente ao próprio romance *A mocinha do Mercado Central*, ou ao próprio laborar paciente e detalhista, característico do ofício do escritor.

São notados dois pontos de vista da narradora, o de turista e o de guia de turismo, em uma sequência quase didática ao visitante com uma observação quanto à forma mais segura de circular pela cidade, infelizmente conhecida pelas falhas na segurança:

Levou apenas a chave do apartamento e um dinheirinho para água de coco, dentro do bolso da bermuda branca. Estava de blusinha branca e sandálias de dedo. Sabia que no Rio é melhor a pessoa andar com muita simplicidade, para não atrair assaltantes. Sabia também que isso vale para qualquer cidade grande (REZENDE, 2011, p. 63).

As caminhadas da jovem pelo Rio de Janeiro surgem como uma brisa refrescante em meio à aridez dos temas trazidos por Stella Maris Rezende no romance. Para a narradora, desfrutar na cidade é uma oportunidade única, “uma maravilha e tanto”. (REZENDE, 2011, p. 62). Trata-se também de um momento de o leitor embarcar em mares mais navegáveis e sorver ares mais respiráveis na leitura: “Ainda mais no Rio de Janeiro, com aquele calçadão de Copacabana, aquela curva de praia tão linda e famosa”, (REZENDE, 2011, p. 63.)

Além de flunar, termo trazido por Baudelaire, pela Zona Sul da cidade, Nídia depara-se com estátuas de famosos escritores mineiros, como o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade¹⁰ e o jornalista Otto Lara Rezende¹¹ e inicia, de certa forma, sua relação mais próxima com as palavras escritas. É curioso nos lembrar novamente da Pequeninhinha, de *A coragem das coisas simples* (2015), personagem que virava estátua ao ouvir uma palavra diferente. Aqui, acontece o oposto. Depois de ver as estátuas, é que Nídia vai se voltar para o universo dos livros, vai descobrir a conexão entre a poesia, a imaginação, o teatro, o cinema, a

¹⁰ A estátua do poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade foi inaugurada em 2002, em comemoração ao seu centenário e está localizada na Praia de Copacabana, na altura do posto 6 da orla da Zona Sul.

¹¹ A estátua do jornalista e escritor Otto Lara Rezende está localizada no cruzamento das ruas Jardim Botânico e Pacheco Leão, no bairro do Jardim Botânico, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

vida. Tudo o que gosta está relacionado à literatura, e ela não sabia. No bairro do Jardim Botânico, Nídia lê a biografia na placa da estátua de Rezende e sente-se motivada a seguir adiante, tomando a decisão de mudar novamente o rumo de sua viagem e visitar a cidade dos sinos: São João Del Rey. “Uma das primeiras coisas que fez foi visitar a Biblioteca Otto Lara Rezende” (REZENDE, 2011, p. 88), que obviamente homenageia o ilustre são-joanense.

Na orla de Copacabana, a estátua de Carlos Drummond de Andrade chama a atenção de Nídia, porém inicialmente ela não se interessa em saber de quem se trata o homem de óculos que está sentado no banco da praia com quem muitos transeuntes param para serem fotografados. Em um primeiro momento, Stella Maris Rezende mantém sob mistério a identidade de quem está representado na estátua do homem magro, de pernas cruzadas e óculos em um banco do calçadão da Avenida Atlântica. Mais adiante, no capítulo intitulado “Os sinos”, em visita à Biblioteca Otto Lara Rezende, em São João Del Rey, a personagem que até então não se aventurava pelas páginas dos livros, “viu um livro dele [jornalista Otto Lara Rezende] que traçava alguns perfis, *O príncipe e o sabiá*; leu o perfil de Carlos Drummond de Andrade, ele que não sai daquele banco do calçadão de Copacabana” (REZENDE, 2011, p. 89).

Se em outros livros, Stella entrega toda a sua paixão pelas palavras, livros e bibliotecas, em *A mocinha do Mercado Central*, ela cria uma personagem que tem apenas imaginação como norte em sua vida. Parafraseando Stella Maris Rezende, *imaginar* também é uma prática. A prática de escrever na mente os textos que quiser para si mesma. E, mais uma vez parafraseando a mesma escritora, “imaginar tem parecença com ler”.

No Rio de Janeiro, ela encontra algo a mais do que imaginava. Seu plano inicial era ir para São Gonçalo do Abaeté, Marta oferece hospedagem em um novo apartamento que comprara “para investir” (REZENDE, 2011, p. 60). Acontece que, como boa leitora de livros, lhe pede para prometer que vai visitar uma biblioteca em troca da hospedagem. A partir da descrição da chegada de Miriam ao Real Gabinete Português de Leitura, observa-se que a imagem do lugar foi o primeiro ponto que chamou a atenção de Miriam. É pela imagem que ela vai se interessar primeiro, atraída pela beleza do prédio e pelos detalhes à sua volta.

Empertigou-se diante do prédio antigo com quase duzentos anos.

Achou-o bonito, extremamente bonito, majestoso, lembrando palácios e coisas do mar.

Subiu uma escada larga e de poucos degraus. Ergueu os olhos e viu uma abóboda muito bela. Baixou a vista e no chão viu um ladrilho também muito lindo. Continuou entrando [...] (REZENDE, 2011, p.79)

Ainda descrente no benefício que terá aquela visita, ela tem pressa de entrar e de sair dali. Mas algo acontece após ela preencher o formulário na entrada e escolher assinar Maria Campos, seu nome de batismo. Ela, que gostava de imaginar nomes e vidas diferentes para viver, decide, para aquela ocasião, ser ela mesma. A narração da cena é explícita para enfatizar o maravilhamento de Maria e a potência de sua imaginação perante a cena até ela imaginar que estava em um cenário de filme.

E de repente ela se viu tomada por uma atmosfera estranha e agradável. Ergueu a cabeça e espalhou o olhar pelas paredes altas e cheias de prateleiras de cima a baixo. Viu no alto a claraboia imensa, imponente, magnífica. Escadinhas de madeira firmadas nas prateleiras mais altas. Corredores lá em cima, por onde só podiam andar os funcionários. Sentadas diante de mesas de madeira muito bem cuidadas, havia sete pessoas debruçadas sobre livros. Ela se lembrou do filme do Harry Potter, o primeiro da série, o único que ela viu. Nele havia uma biblioteca parecida com essa. Nídia Miriam Simone Teresa Zoraida Maria Campos estava, de uma hora para outra, num cenário de filme. (REZENDE, 2011, p. 79)

A narração dessa cena é pontuada pela expressão “num cenário de filme” três vezes, reforçando o aspecto de magia que envolve cena. Os outros coadjuvantes (ou figurantes) estão congelados em cena, enquanto Maria, a oitava visitante, se move lentamente observando cada livro raro, precioso, que estava sob um tampo de vidro, só para ser admirado. Cada leitor está preso a seu objeto de desejo: “os sete visitantes estavam grudados nos seus livros, eram estátuas vivas, cada uma com o seu livro” (REZENDE, 2011, p. 80).

Naquele momento, a imaginação de Maria ganha força a ponto de ela acreditar que sua tia Marta é uma bruxa que a levou para aquele lugar encantado. O cenário de um filme. E, como tem certeza de que está enfeitiçada, se deixa ser atraída por um livro e começa a folheá-lo, imaginando a aprovação de sua tia assistindo à cena. Em seguida lê o nome do escritor: Fernando Pessoa. Lembra-se do significado do nome Fernando, “guerreiro destemido” e, sem temer mais os livros, começa a ler. “Foi lendo. Foi lendo” (REZENDE, ano, p. 81). O leitor também lê o que Maria leu, suas reações e interjeições, sua surpresa com as palavras, e, ao contrário do que elas faziam com os outros atores da cena, que paralisavam, estáticos, Maria “não dava conta de parar de ler” (REZENDE, ano, p. 81). Se antes a mágica se passava dentro de Maria, agora a mágica se passa fora dela também, pois o livro que a atraiu para ser manuseado e lido, o primeiro livro a ser tocado e a tocar Maria, fala sobre ela e com ela, sobre a vida dela. O poema é publicado cortado pelos pensamentos de Maria.

*Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.*

*Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.
De tanto ser, só tenho alma.*

Não dava conta de parar de ler.

*Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho eu desejo
É do que nasce e não meu.*

O que eram essas palavras, minha Nossa Senhora?

Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só
Não sei sentir-me onde estou.

Isso já existia e ela não sabia?

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.

Foi lendo, foi lendo.
Voltou ao primeiro verso;
Não sei quantas almas tenho.
(REZENDE, 2011, p. 81-82, grifos da escritora)

Depois de ler páginas e páginas e descobrir pontos em comum com o escritor Fernando Pessoa, que ela sequer havia escutado falar, Nídia, recém-saída do ninho, como seu nome determinava, podia voar. De braços dados com Fernando Pessoa, ela caminha pelo centro do Rio de Janeiro, tomando consciência da vida real, da miséria, da violência, da lavagem cerebral feita por um falso profeta, que prega para crianças que usam drogas, mas continua impregnada pela voz de Fernando Pessoa, como se ele sussurrasse o que ela já intuía: não admitia um só papel, um padrão único, ainda estava se descobrindo experimentando viver outras vidas, a partir de personagens que criava para si. “Não sei quantas almas tenho” (REZENDE, 2011, p. 83), sussurra Fernando Pessoa para Maria que caminha, “ainda com a sensação de que estivera em um cenário de filme” (REZENDE, 2011, p. 83).

A esta altura, o leitor já sabe que Maria gosta de imaginar e possui certos poderes especiais. Não é de causar espanto que, finalmente, se dará seu encontro com o ator Selton Mello, em um café francês que se localizava na avenida Nossa Senhora de Copacabana. A personagem da ficção se apaixona pelo ator real Selton Mello. O ator se torna um personagem do livro, mas antes de o ator da ficção encontrar a personagem, a escritora enviou os originais para Selton Mello, que se surpreendeu. Ele próprio está acostumado a viver vidas diferentes

por força de sua profissão, mas nunca tinha sido personagem de um livro para crianças e jovens antes. Stella enviou o texto cuja participação era, em princípio, quase uma figuração, mas que cresceu e ganhou duas páginas de diálogo a pedido do próprio ator. O ator escreveu um texto que está publicado como apresentação do livro, ao lado de uma foto de seu rosto que ocupa uma página inteira:

Escreveram meu nome no arroz.
 Só algumas pessoas, de vez em quando, devem querer parar um pouco, pegar esse grão de arroz e ver dentro dele o mundo inteiro, porque dentro dele existe um trabalho, uma ternura, um esforço.
 E foi assim que me vi personagem deste romance saboroso e inventivo, escrito por uma pessoa que sequer conheço, mas que me encantou com sua escrita inspirada.
 Essa pessoa escreveu meu nome no arroz.
 E eu vi um mundo inteiro lá dentro.
 Para um sonhador, isso não foi pouca coisa.
 E as aventuras da menina protagonista deste livro encheram meus olhos e minha imaginação.
 Espero que aconteça o mesmo com quem estiver lendo estas linhas.
 Em tempos anêmicos, essa leitura faz sonhar e encher o peito de alegria.
 Aproveite bem o que tem em mãos.
 Suspenda a correria e procure enxergar o que está escrito no arroz.
 A vida será bem melhor depois disso. (Mello, apud REZENDE, 2011, p. 11)

Nessa cena, são mesclados elementos da realidade, da ficção, do maravilhoso e da metalinguagem. O cenário corresponde a uma confeitaria que realmente existiu no Rio de Janeiro. A personagem da ficção Maria conversa com o personagem Selton e conta para ele sua história enquanto personagem de uma ficção, mas ele responde com um dado de sua vida real, como ator, cujo trabalho é viver várias vidas.

Já me chamei de Teresa, de Zoraida... Por causa de uma amiga que tenho, sabe? A Valentina Vitória. Ela me ensinou o significado de vários nomes. Daí eu resolvi viajar e viver todos os nomes que eu quisesse. Por exemplo, em São Paulo eu era Simone, “aquela que escuta”. Aqui no Rio eu sou Nídia, “pássaro saído do ninho”. O olhar dele, sempre cheio de mistério, pareceu gostar daquela história de muitos nomes.
 Selton Mello disse:
 — De certa forma, esse é o meu trabalho, você sabe.
 — Eu vivo todos os nomes que a vida me dá. (REZENDE, 2011, p. 86)

É notável que, em nenhum momento, o personagem do ator questiona o faz de conta enquanto a personagem considera a dúvida quanto ao que está se passando no plano da ficção: “Ela estava falando da vida e dos significados de vida que cada nome tem com o Selton Mello? Parecia mágica pura. Jamais imaginara uma coisa assim. Mas estava acontecendo” (REZENDE, 2011, p. 86). No desfecho da cena, a narradora afirma que Maria sabe que ainda pode revê-lo em outros filmes: “Ele apareceria para ela, de certo modo apenas para ela, em

outros filmes” (REZENDE, 2011, p. 87). Desse modo, Stella Maris Rezende faz o leitor crer que exista, de fato, um intercâmbio entre a ficção e a realidade.

3.1.5 Encontro com o maravilhoso

Reflita se viver é puro prazer

Stella Maris Rezende

Na cidade mineira de São João Del Rey, Gilda conhece Eugênio, um homem que tomará sua atenção, inicialmente sem um motivo aparente ou consciente: “Ela sentia vontade de conversar com ele e isso era muito estranho” (REZENDE, 2011, p. 90). O primeiro detalhe que chama a atenção na leitura é o advérbio “respeitosamente” utilizado para se referir à maneira como Eugênio olha para Gilda, com “aqueles grandes olhos verdes” (REZENDE, 2011, p. 91), lembrando que “olhos verdes” é o título do derradeiro e decisivo último capítulo do livro; e que verde é a cor que predomina nas ilustrações de Laurent Cardon. É um fato notável que os olhos ou a expressão do olhar masculino recebem sucessivas menções. Os olhos de Sérgio, Selton Mello e de Eugênio recebem comentários de Maria, talvez representando sua maneira de tentar ler o outro pelo olhar (para ela e para mundo, olhar físico e olhar simbólico), além da superficialidade, tentando alcançar seu interior. Assim como Bernardina, Maria ainda não confia nos homens, não passa dos beijos, como afirma Marta (REZENDE, 2011, p. 107). Ela olha para os olhos do outro buscando verdade, sinceridade, confiança.

O segundo fato que a deslumbra, de certa forma, é ele ser um diretor de cinema. Gilda adora cinema e teatro, é curiosa com o palco e as telas, não pelo glamour, mas pela possibilidade justamente de viver outras vidas. Quando Eugênio revela sua profissão, ela se emociona por estar conversando com um diretor de cinema. Mas mesmo esperando seu retorno por mais de meia hora, ela tem sentimentos contraditórios.

Gilda ficou na varanda, por mais meia hora. Tomou mais café, comeu uma fatia de bolo, chupou uma laranja.

Eugênio, o diretor de cinema que tinha grandes olhos verdes, não retornou à mesa do café da manhã.

Gilda sentiu uma tristeza esquisita. (REZENDE, 2011, p. 91)

Esse capítulo é investido de suspense. Maria passa a investigar baseada no que sente em relação ao estranho, confiando em sua intuição, mesmo sem entender. A narradora, pela primeira vez, apresenta ao leitor a informação de que Maria faz um diário de viagem, em que anota nomes e guarda objetos, como o “saquinho plástico onde guardava o grão de arroz com o nome Nídia. E com uma fita adesiva colou-o na página em que anotara o nome Eugênio. Fechou o caderno e o guardou na mochila” (REZENDE, 2011, p. 91).

Nídia procura a dona da pousada para colher informações sobre Eugênio. Novamente o sentimento de tristeza é mencionado e, diferentemente de outros momentos em que ela apostou na certeza do reencontro, com Eugênio ela experimenta a certeza da perda, a certeza de que não irá ter uma outra chance. Porém, dona Luzia surge como a portadora da boa notícia para atiçar sua imaginação, para lhe encher de esperança aproximando-a novamente de Eugênio, através dos fatos que ela lhe conta sobre sua vida trazendo novamente a noção de que algo sobrenatural está se aproximando: “E então eram onze horas da manhã em ponto e todas as igrejas tocavam seus sinos” (REZENDE, 2011, p. 93).

A cidade dos sinos é também a cidade do jornalista e escritor que levou Maria a escolher outra direção, outro rumo. Dona Luiza vai contar uma história, mas uma história cuja fonte não é um livro de ficção, mas uma entrevista de jornal, um canal de histórias reais, não de histórias inventadas, imaginadas, criadas. Quem é o leitor para duvidar?

— Uma vez ele esqueceu uma folha de jornal na mesinha do quarto dele. Eu tinha entrado pra trocar a roupa de cama, sabe? Eu li a entrevista no jornal, com a foto dele. Ele dá entrevista de vez em quando, porque já é um diretor conhecido. Na entrevista, ele contou muitas coisas da vida dele, e confessou um crime que cometeu quando era mais novo. Difícil de acreditar, mas Seu Eugênio já foi bandido. (REZENDE, 2011, p. 93)

Após esta revelação, dona Luzia permanece em silêncio, mantendo o clima de suspense, e Maria também não se pronuncia sobre o que acaba de ouvir. Nem Maria nem a narradora. O que se percebe até o final do capítulo é que a protagonista está vivendo entre a ansiedade e uma urgência pelo retorno. Por duas vezes, ela tenta falar com Valentina Vitória e imagina ter conseguido, mas novamente era a presença do sobrenatural na história, dessa vez sinalizando ao leitor o ocaso de Valentina Vitória, já anunciado no início do livro. Iniciará, então, uma série de retornos no último capítulo do livro até o desfecho da aventura das várias Maria Campos.

3.1.6 De volta a Dores do Indaiá

Muitas coisas podem acontecer a partir de um nome

Stella Maris Rezende

No retorno a Dores do Indaiá, há uma conversa entre filha e mãe, mas Bernardina já não reconhece em Maria a mesma moça que partiu: a que quer reescrever sua história, “essa vida de dor”, “a dor das palavras” (REZENDE, 2002a, p. 55). Ao pedir para ser chamada de Selma, cujo significado ela faz questão de dizer que é “a amiga da paz”, ela deixa registrada a sua transformação. A mãe se rejubila com o retorno, pede para que a filha narre o que viveu, os lugares que conheceu, porém à filha só interessa o último ato da viagem. “Gostei de todos, mãe, Mas desconfio que o mais importante foi o último, São João Del Rey. A cidade dos sinos” (REZENDE, 2011, p. 98).

Antes de contar o encontro com o suposto pai, Maria busca por notícias de sua amiga, Valentina Vitória, agora, sim, entregando que temia (ou previa), assim como o leitor, uma notícia terrível. Sua reação à notícia do suicídio de Valentina (talvez o tema mais tenso de todo o livro) revela que ela sabe muito bem o papel que ela quer ocupar no mundo e tudo o que ela não deseja ser. Valentina Vitória, que se enquadrava em um padrão de conformidade e previsibilidade de modelo feminino, não soube lidar com a decepção frente ao que considerava ser a vida feliz para a qual toda mulher estava predestinada. Sua família era seu exemplo - pais só andam de mãos dadas, beleza padrão, com cabelos que chamavam a atenção, saúde em dia, mas sem nenhuma propensão a questionar o modelo, a se perguntar se era o que gostava, com medo até de ouvir uma história triste. Com essa personagem, Stella Maris Rezende denuncia a mulher que está fadada a viver coberta pelo véu do aparentemente perfeito e corroída por dentro. Maria não se conformava nem com o passado nem com o presente que estava vivendo, sai em busca de outras possibilidades para o futuro, que é o que resta, aceita a possibilidade dos riscos, aprende a se defender e a se relacionar, não teme o perigo e a morte, mas, sobretudo, não teme a vida.

Em vez de trágica, Valentina Vitória, que vivia falando em coisa mágica, poderia ter sido mágica. Por exemplo, poderia ter desembestado a ler poesia, de poetas diferentes, de épocas diferentes, com certeza teria ficado mais dona de seu nariz. Ou poderia ter começado umas aulas de dança. Ou ter ido ao cinema, várias e várias vezes. As histórias dos filmes diriam a ela que a maior mágica é a própria vida. Se todos morrem um dia, a maior mágica é a gente se encantar com a vida. Se quisesse

se vingar um pouco vá lá, podia ter mandado o conquistador barato pentear macaco, lamber sabão, e depois arranjasse outro namorado, isso sim teria sido mais condizente com o nome Valentina Vitória. Mas, não sei quantas almas tenho, que complicação. (REZENDE, 2011, p. 100)

Além de lançar um olhar sobre a condição da mulher, Stella Maris Rezende propõe uma reflexão sobre as contradições de uma sociedade doentamente conservadora e hipócrita. Se o estupro acentua o violador como um criminoso perante a lei, *A mocinha do Mercado Central* desconfigura esse paradigma, ao trazer o pai desconhecido de volta à história, mostrando que há muitas histórias por trás de uma história e que há vários pontos de vista num único acontecimento.

Ela relatou tudo o que ouvira de dona Luiza. Mencionou e frisou cada detalhe, como o dia e da hora do acontecido. Outro detalhe era que ele dizia que contava tudo isso nas entrevistas, no intento de que um dia a moça do ônibus soubesse que ele passará o resto da vida clamando seu perdão. (REZENDE, 2011, p. 101)

Voltamos, enfim, ao ponto em que o fim e o começo se interligam, conforme já exposto anteriormente, momento em que Sérgio deseja “merda” a Maria em sua estreia, seguindo a tradição do teatro, cuja origem é explicada pelo narrador, acompanhada de uma reflexão sobre o paradoxo que envolve o sucesso.

– Vim te desejar muita merda!
O cenógrafo anunciou em voz alta e rouca. Com aqueles olhos negros.
Ela riu. Quando ouvira pela primeira vez essa história de se desejar merda para os atores, levou o maior susto, mas depois aprendeu que isso é tradição do teatro, compõe a vida do teatro, que nesse caso o palavrão significa outra coisa, uma coisa boa mesmo, sucesso. No teatro, merda quer dizer sucesso, por causa do teatro de antigamente, que era nas ruas. Muita sujeira dos cavalos, sucesso. Ela adorou esse embondo de uma coisa fedorenta virar uma coisa que se imagina boa. Será que no fundo o sucesso não passa de uma coisa que fede muito? Uma coisa que é boa, mas que a gente tem que se livrar dela, da obsessão por ela, para de fato se sentir melhor? (REZENDE, 2011, p. 103)

Revela-se a identidade da narradora quando pela primeira vez ela fala na primeira pessoa do singular. Subtende-se também que Maria participou da escrita de sua própria história, com seu gosto por imaginar, tal qual explica a narradora.

Imagina como ficou a vida de Maria, a partir daí.
Eu posso muito bem imaginar.
De uns tempos para cá, ela me visita com mais frequência, entra no meu quarto-biblioteca, escolhe vários livros e leva, lê e depois me devolve. Nós dias passamos bons momentos, conversando sobre poesia, romances e contos, com cafezinho, biscoito de queijo que ela traz do Mercado Central. Pequeninha, magrinha, com o cabelo ralinho, ela é a mocinha do Mercado Central. (REZENDE, 2011, p. 102)

Stella Maris Rezende vai intermeando a cena do primeiro capítulo com os comentários de Marta sobre a continuação da vida de Maria, em São Paulo.

Ela o fitou com desvelo.
Sérgio a beijou na testa e saiu do camarim. Sabia que ela precisava ficar sozinha para o primeiro monólogo.
Mas Maria ainda ficou imaginando mais coisas, antes de se concentrar na personagem que interpretaria dali a duas horas. Imaginou, por exemplo, que ela e Sérgio sairiam para comer uma pizza num dos lugares mais tranchês de São Paulo. E depois da pizza, o que aconteceria? Será que teria coragem de “deixar de ser moça”? (REZENDE, 2011, p. 103)

A escritora traz à tona a questão dos traumas de Maria, não colocando um ponto final “mágico” na trajetória da personagem, o que poderia soar como incoerente. O livro também deixa em aberto se a história não é apenas fruto da imaginação das duas narradoras, que são peritas em imaginar, uma por cultivar o hábito de ler, a outra pelo gosto por interpretar outras vidas.

Ela gosta de imaginar tanto quanto eu. Foram tantas as “imaginações” dela que me deram vontade de escrever este livro. Nem sei se escreverei outros, “Liberdade é pouco, o que eu desejo ainda não tem nome”, como disse a Clarice Lispector, adoro mesmo é ler, vai ver que sou escritora de um livro único. Mas, imagina, foi mágico dizer que ela é amiga da paz, a que pode se sacrificar, a que acabou de sair do ninho, porque sempre nasce de novo, ela que é a filha desejada, a que escuta, a que carrega e entrega as espigas de trigo para quem precisa, a cativante, a sedutora, a senhora, a escolhida. A Valentina Vitória acrescentaria a preguiçosa, a invejosa, a egoísta, a fingida, que rói unha, a que tem vergonha do cabelo pouco e fininho, a que, bem, defeito é o que não falta; ter sido consagrada à Nossa Senhora não a livra de ter humanidade.

O que pode a literatura? Tudo. Parece que é isso o que Stella Maris Rezende deseja inculcar em seu leitor: não tenha medo de imaginar, não tenha medo dos sonhos, dos devaneios, de ser como se é, de não repetir padrões, sejam sociais, temáticos, mercadológicos. A literatura pode tudo, até mesmo sugerir um final para a história que deixa um incômodo no ar como se ultrapassasse mais um limite. Esperando o leitor ou não por esse final cinematográfico, Eugênio surge na plateia do teatro em que Maria acabara de se apresentar.

Sentada no chão do palco, Maria respirou fundo ao reconhecê-lo.
Era aquele homem de olhos verdes, sempre de camisa azul, sandálias franciscanas e calças jeans. O Eugênio. O seu pai.
Era a história da sua vida que de súbito se mostrava reaberta, num cenário que tinha tudo para revelar até o mais terrível segredo.
Então a vida podia ser assim tão mágica? Imagina”. (REZENDE, 2011, p. 104)

O diálogo entre os dois sobre a presença e a ausência (de um nome) é cabível também para pensarmos a arte de forma geral e a literatura, especificamente, como espaços que não darão, e nem precisam dar, todas as respostas, ou preencherão todas as lacunas. Nesse diálogo, é Maria quem traz a última reflexão, ao ser questionada por uma mulher sobre a atitude de sua personagem de escrever cartas anônimas, o que, segundo ela, “provocaria tumulto na vida das pessoas” (REZENDE, 2011, p. 108).

O significado, ou o sentido, não está apenas no nome, mas também na falta no nome. É instigante imaginar os muitos sentidos que existem na ausência de um nome. E, por outro lado, alguma coisa sempre se esconde, mesmo que se diga o nome. “Sob a pele das palavras há cifras e códigos”, disse o Carlos Drummond (REZENDE, 2011, p. 109).

Fazendo um paralelo com a literatura, o sentido de um texto não está apenas no literal, mas também no não dito, na não palavra. Além do escrito, alguma coisa sempre se esconde.

CONCLUSÃO

Em seu artigo “Da interface às interações entre oralidade e leitura”, a professora e doutora em Linguística, pela Universidade de Málaga, e em Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ), Eliane Yunes, relatou que ela e o contador de histórias Francisco Gregório Filho, que nos deixou no ano passado, viajaram pelo Brasil, entre 1992 e 1996, procurando parcerias para a Programa Nacional de Leitura (Proler), da Biblioteca Nacional. Na visão dos dois, “a vontade de ler estava encoberta pelo jeito que a escola adestrava para ler”, que o Brasil tinha vontade de ler para a vida, o Brasil desejava ler.

Como se sabe, “ler” é mais que saber decodificar o que está desenhado (as letras); ler é um ato político, um agir democrático, uma vez que por meio da leitura podemos ampliar nossas capacidades de refletir, criticar, pensar e de nos posicionar no mundo (YUNES, 2015, p. 42).

A escola tem importância primordial na vida dos brasileiros. Em termos de acesso a livros, “uns tão pouco, outros tantos com algum, mas a maioria sem nenhum” (Mauro Duarte e Paulinho da Viola), porém é na escola que se tem acesso tanto a livros e bibliotecas escolares, quanto a mediadores. Muitas crianças e jovens, estudantes em escolas espalhadas pelo Brasil profundo, tiveram suas primeiras experiências registrando o que liam e sentiam. Alguns demonstravam tanta vontade de se expressar por escrito que foram incentivados e começaram a sonhar em ser escritores. Esse foi o caso de Stella Maris Rezende.

Em seus romances encontramos rastros de suas memórias de infância, tanto as vividas em suas férias em Dorés do Indaiá, como as que foram colhidas das narrativas de seu pai e outros parentes que permaneceram no interior. Memórias visuais, culturais, gustativas, que a afetaram, positiva ou negativamente. Como nos dá conta a professora Eliane Yunes (2015, p. 42), é notável o papel e o impacto da oralidade sobre a cultura e o pensamento em quase cinco mil anos de história e de escrita. Ao ler Stella Maris Rezende, o leitor ouve as histórias que lhe chegaram através de vozes que vieram do passado. Ao se estar em Dorés do Indaiá, percebe-se a força das narrativas, das histórias contadas no portão de casa, na mesa do café da manhã, na praça pública. Porém, as histórias se transformam, é preciso ler, virar a página, não abandonar o livro, ler, não virar estátua, escrever para não desistir da vida. Assim conversa Stella com seu leitor. *A mocinha do Mercado Central* é uma ode à literatura como espaço de imaginação e de ação. Após a leitura, temos vontade de sair pelo Brasil, de escrever o nome no grão de arroz, de escolher novos nomes, casas, trabalhos, amigos, amores, de encontrar lugares e poesia, de

nos perder por cidades, de mudar o destino; e ter encontros mágicos, sejam em cafés, bibliotecas, hospitais, sacadas, praças ou comércios populares. *A mocinha do Mercado Central* nos pergunta se é tarde para reescrever nossa história.

Maria, a protagonista, é uma metamorfose ambulante, como pronuncia Raul Seixas. Ela muda enquanto caminha. Caminha para mudar. Desde o início, Maria confia em si mesma, mais do que sua mãe e sua amiga demonstram confiar nela. Maria se recusa a acreditar em uma única parte da história, ela tem a curiosidade de um jovem leitor, e a urgência de reescrever partes de sua vida, marcada pela ausência paterna e pelo marasmo da cidadezinha onde viu estacionar o trauma de sua mãe. Há certas coisas que a pia cheia de louça não iria lhe dar, ela compreendeu. Ao completar a maioridade, ela sai para descobrir o que ainda não sabe sobre ela. Sua certeza é a de que seus sonhos não cabem ali. O contraponto é Valentina Vitória, aparentemente uma moça bem resolvida, que não quer ouvir a parte triste das histórias e não percebe a tristeza que é a vida de alguém que tem apenas um ponto de vista.

Há tantas possibilidades de se enveredar por *A mocinha do Mercado Central*, que quase perdi de vista o fim dessa pesquisa. No início do caminho, houve um vírus, uma pandemia, um isolamento social. E, no meio, um acidente, uma fratura, um pouso forçado. Houve medo também de não andar. Mesmo sabendo que o pesquisador deve guardar um certo distanciamento de seu objeto de pesquisa, estamos certos de que essa dissertação só foi possível graças à quebra desse padrão. Não podemos ignorar que este é um trabalho sobre literatura. Sem envolvimento, não teria sido possível andar até o ponto final. A literatura, ao mesmo tempo que desconserta, costura e alinha o caminho. Foi o meu envolvimento como leitora de Stella e como escritora que me levou a escrever o projeto da dissertação e manteve firme a pena no papel.

Na capa do livro, vemos Maria segurando sua mala, olhando para um ponto indefinido, indo pegar um ônibus para o futuro, trabalhar, fazer amigos, pensar, sonhar, rir, avaliar, temer, aprender, mudar. Uma mulher jovem, sozinha, se despede de Dores (e de suas dores) e convida o leitor a viajar e a ressignificar as fraturas. Por mais dolorosas que elas sejam, vale a pena ter entusiasmo para enfrentá-las, nos diz Stella Maris Rezende, com sua escrita destemida, combativa, persistente e curtida na liberdade, tanto na forma, como no conteúdo, como abordamos no segundo capítulo.

É essa liberdade que nos conduz ao debate sobre os papéis da mulher e a temas delicados que podem ser tratados em livros para crianças e jovens, como a violência contra a mulher (o estupro de Bernardina e o assédio sexual sofrido por Simone), o sofrimento e a morte de Tadeuzinho e o suicídio de Valentina Vitória. Podemos enxergar Bernardina e

Valentina Vitória como representantes de um modelo que Maria Campos rejeita, mas que ainda vigora em algumas camadas da atual sociedade: o da mulher que é pautada segundo o interesse do homem. Bernardina desiste de se relacionar, dominada pelo trauma de ter sido violentada. Valentina se recusa a ouvir sobre a violência sofrida pela mãe de Maria, mas desiste de viver, ao ver a ilusão desmoronar.

Stella Maris Rezende também inova na estrutura, ocultando o narrador durante quase todo o livro, mesclando sonho e realidade, passado e presente, real e maravilhoso e até os planos de vivos e mortos.

Não sabemos se a opção de revelar o narrador no final foi uma escolha prévia. Analisando-se a entrevista com a escritora, é possível pensar que nem a própria Stella Maris Rezende soubesse que teve a ajuda de Marta e Maria para escrever *A mocinha do Mercado Central*. Afinal, a identidade da narradora só é revelada ao leitor quase na última página.

Durante o percurso-laboratório feito por Maria por se [re]conhecer, a personagem escolhe novos prenomes inspirada pelos significados aprendidos com sua vizinha Valentina Vitória: Zoraida, Teresa, Simone, Miriam, Nídia, Gilda e Selma. Futuro, passado, presente. Sonho, devaneio. Ficção, realidade até o retorno a Dores materna.

São vários os sentidos de uma obra de arte, de um texto, ou ainda os sentidos que há não só nas palavras, mas nos silêncios, ou seja, nas ausências, naquilo que não foi dito com palavras. Há também o que não faz, e nem precisa fazer, sentido. Como disse um “figurante” do livro, um senhor sem nome, “a única coisa que salva é a arte, ele disse, daí um grande silêncio perpassou a plateia e o palco” (REZENDE, 2011, p. 109).

O livro - e esta dissertação - termina com a sugestão não dita de se continuar imaginando, pesquisando, produzindo reflexões.

REFERÊNCIAS

15 PERGUNTAS para Laurent Cardon. *Revista Ilustrar*: revista brasileira de Ilustração, Arte e Design, n. 22, 2011. Disponível em: https://revistailustrar.com.br/wp-content/uploads/2020/12/revista_ilust_22.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

ABRAMOVICH, Fanny (org.). *O mito da infância feliz*. São Paulo: Summus, 1983.

AGÊNCIA FAPESP. Medidas simples ajudam a manter o coronavírus longe dos alimentos. In: UOL. *Viva Bem UOL*. São Paulo, 5 abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/04/05/medidas-simples-ajudam-a-manter-o-coronavirus-longo-dos-alimentos.htm>. Acesso em 10 set. 2021.

A MAIORIA SEM NENHUM. Elton Medeiros e Paulinho da Viola. Rio de Janeiro: RGE, 1966. Disco sonoro.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *De notícias & não notícias faz-se a crônica*. São Paulo, Cia. das Letras, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo: novos poemas*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CARNEIRO, Lilian Rosa Aires. *Espaço e identidade*: em A mocinha do Mercado Central de Stella Maris Rezende. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

AZEVEDO, Ricardo. Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro. In: SERRA, Elizabeth D'Ângelo (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens*: algumas histórias. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. *Aula*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BEDRAN, Bia. *A arte de cantar e contar histórias*: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BELINKY, Tatiana. Literatura temperada com emoção. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 20 fev. 1988.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-223. (Obras Escolhidas).

BERNARDO, Gustavo. O conceito de literatura. In: JOBIM, José Luís (org.). *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 135-169.

BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*: com a palavra, o escritor. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005. p. 9-24.

BERTRAND, Sara. *Patos e lobos marinhos*: conversas sobre literatura e juventude. Tradução de Cícero Oliveira. São Paulo: Selo Emília & Solisluna, 2021.

BOJUNGA, Lygia. *Livro: a troca*. 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lúcia Bojunga, 2004. Disponível em: <https://casalygiabojunga.com.br/livro-a-troca-2/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. Cartilha de prevenção ao assédio moral: pare e repare: por um ambiente de trabalho positivo. Disponível em: Materiais Educativos - TST. Acesso em: 26 fev. 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 51-81.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira*: séculos XIX e XX. 4 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, Marina. Como se fizesse um cavalo ou avaliando a minha dívida com a leitura. In: COLASANTI, Marina. *Como se fizesse um cavalo*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 18-44.

COLASANTI, Marina. *Abertura do Festival LER*. Rio de Janeiro, 2022. Anotação pessoal.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da literatura*: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Conceição Evaristo. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>. Acesso em 26 fev 2023.

CONFLITOS de família: contando histórias #18. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Stella Maris Rezende. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WMA6UpyNP1A>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CONTARDO Calligaris explica a adolescência e seus desafios no mundo moderno. In: BLOG DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO. Rio Grande do Sul, [2009]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/psicanalise/contardo-calligaris-explica-a-adolescencia-e-seus-desafios-no-mundo-moderno/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

CÔRTEZ, Flávia. *Fiando histórias, tecendo vidas: a literatura infantil na formação de leitores*. Orientadora: Regina Silva Michelli Perim. 2020. 104 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

DIAS, Ana Crélia; SOUZA, Raquel Cristina Souza e. Literatura juvenil contemporânea entre a empatia e o desconforto. *Caderno Seminal Digital*, ano 21, v. 1, n. 23, p. 85-108, jan./jun. 2015.

DINI, Aline. A história por trás do livro de Ana Maria Machado, que gerou a polêmica do engasgo com a maçã. *Revista Crescer*, Você precisa saber, 10 set. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/historia-por-tras-do-livro-de-ana-maria-machado-que-gerou-polemica-do-engasgo-com-maca.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ESCOLA SEM PARTIDO. Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar. In: ESCOLA SEM PARTIDO. [S.l.], 2019. Disponível em: <http://escolasempartido.org/programa-escola-sem-partido/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

FIÚZA, Rubens. *O diamante do Abaeté e outros contos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1988.

FRANCISCO, Daniela Aparecida. *A literatura juvenil de Stella Maris Rezende: muito além do gênero*. 2019. 374 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. São Paulo: Ed. 34, 1999. v. 2.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 2009.

LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS. Conheça um pouco mais sobre a nossa associação. *Libre*, Quem somos, c2023. Disponível em: <https://www.libre.org.br/quemsomos/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

LISBELA. Intérprete: Dominginhos. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Dominginhos – Tema. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aXtisd3RLEc>. Acesso em: 9 mar. 2023.

LITERAFRO. Eliana Alves Cruz. *Literafro*, Belo Horizonte, Autoras, 14 dez. 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1159-eliana-alves-cruz>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *O menino que espiava pra dentro*. Ilustração de Flavia Savary. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MARIA. In: *Dicionário de nome próprios*. Matosinhos, Portugal: 7graus, 2008. Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/maria/>. Acesso em 25 mar 2023.

METRÔ RIO. Metrô na superfície. [202-]. Disponível em: <https://www.metrorio.com.br/Estacoes/MetroSuperficie>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MICHELLI, Regina. Nas trilhas do maravilhoso: a fada. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, [S. l.], v. 26, p. 61-72, dez. 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25161>. Acesso em: 27 nov. 2022.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1984.

MORAES, Angelita Cristina de. *A representação feminina na obra A Mocinha do Mercado Central, de Stella Maris Rezende (2011): uma proposta para a educação literária*. 2018. 164 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procopio, 2018.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PONDÉ, Glória. *O renascimento de Vênus: a mulher na literatura*. São Paulo: Sesi-SP, 2018.

QUEIROZ, Daniela Nascimento Andrade. *A Mocinha do Mercado Central: uma leitura bakhtiniana*. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Franca, Franca, 2018.

RAMOS, Ana Margarida. Temas fraturantes hoje: sobre a necessidade de uma literatura para a infância que incomoda. In: ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL/JUVENIL, 2.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL/JUVENIL, 1., 2021, Rio de Janeiro. *Anais...* [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (113 min). Publicado no canal EnLIJ-Uerj. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T6lCYCDU9aQ&t=562s>. Acesso em: 2 dez. 2022.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. *Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico*. São Paulo: EDUC, 2019. *E-book*.

REZENDE, Stela Maris. *O demônio do rio*. São Paulo: Moderna, 1986.

REZENDE, Stela Maris. *Último dia de brincar*. Belo Horizonte: Miguilim, 1987.

REZENDE, Stela Maris. *Alegria pura*. São Paulo: Scipione, 1988.

REZENDE, Stela Maris. *A terra dos mais belos desejos*. Rio de Janeiro: Paulus, 2002a.

REZENDE, Stela Maris. *Esses livros dentro da gente*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

REZENDE, Stella Maris. *A guardiã dos segredos de família*. Rio de Janeiro: Edições SM, 2011a. (Coleção Barco a Vapor).

REZENDE, Stella Maris. *A mocinha do Mercado Central*. Ilustração de Laurent Cardon. São Paulo: Globo, 2011b.

REZENDE, Stella Maris. *A sobrinha do poeta*. São Paulo: Globo, 2012.

REZENDE, Stella Maris. *As gêmeas da família*. São Paulo: Globo, 2013.

REZENDE, Stella Maris. *Missão Moleskine*. São Paulo: Globo, 2014.

REZENDE, Stella Maris. *A poesia da primeira vez*. São Paulo: Globo, 2014b.

REZENDE, Stella Maris. *Justamente porque sonhávamos*. São Paulo: Globo, 2017.

REZENDE, Stella Maris. *A valentia das personagens secundárias*. São Paulo: Globo, 2019.

REZENDE, Stella Maris. *Esses livros dentro da gente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2021.

REZENDE, Stella Maris. *A casa mágica*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022a.

REZENDE, Stella Maris. Biografia. *Stella Maris Rezende: fada das palavras*, [S.l.], c2022b. Disponível em: <https://www.stellamarisrezende.com.br/biografia>. Acesso em: 1 dez. 2022.

REZENDE, Stella Maris. *Stella Maris Rezende: fada das palavras*, [S.l.], c2022c. Disponível em: <https://www.stellamarisrezende.com.br/>. Acesso em: 1 dez. 2022.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Ângelo (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas histórias*. Campinas: Mercado de Letras (Associação de Leitura do Brasil), 1998.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando eu voltei, tive uma surpresa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, Marriene Freitas. *Literatura juvenil: a dimensão argumentativa de narrativas ficcionais contemporâneas: A Mocinha do Mercado Central e Fazendo meu filme 1*. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SISTO, Celso. Sem título. Paty do Alferes, 6 mar. 2020. Facebook: celso.sisto. Disponível em: <https://shre.ink/ktAZ>. Acesso em: 13 mar. 2023.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

YUNES, Eliana. Da interface às interações entre oralidade e leitura. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taiza Mara Rauen (org.). *Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Univille, 2015. p. 41-49.

ZIRALDO. *O menino maluquinho*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

ZYGMUNT Bauman: O que é pós-modernidade? [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aCdUuQycl6Q>. Acesso em: 14 set. 2022.

ANEXO A – Entrevista com Stella Maris Rezende

Este anexo contém uma entrevista com Stella Maris Rezende, mediada por mim em 10 de junho de 2021, no evento *Encontros com o Autor*, promovido pelo Núcleo de Estudos de Literatura Infantojuvenil da UERJ, bem como reúne outras entrevistas realizadas entre a pesquisadora e a escritora ao longo da pesquisa.

Referência:

ENCONTRO com o Autor: Stella Maris. Mediação: Sol de Mendonça. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (86 min). Publicado pelo canal EnLIJ-Uerj. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYJtWDnhkU8&t=22s>. Acesso em: 1 dez. 2022.

Falando sobre as cidades em que você morou, qual sua relação com o Rio de Janeiro?

STELLA: A primeira vez que vim para o Rio, falei para mim mesma: vou morar nessa cidade. Mas me mudei para cá em 2007. Eu sempre tive a intuição de que se eu viesse para o Rio de Janeiro, eu iria escrever melhor. Por quê? Veja bem, eu já havia ganhado muitos prêmios importantes, enquanto eu morava lá em Brasília. Vários prêmios... O prêmio João de Barro, por exemplo, eu tinha ganhado três vezes. Meus livros já tinham o selo de Altamente Recomendável emitido pela FNLIJ. Eu tinha ganhado o prêmio Nestlé. Meus livros *O último dia de brincar* e *Alegria pura* já tinham ficado entre os 100 melhores livros do século. Isso tudo enquanto eu morava em Brasília. Então eu já tinha um nome consolidado nacionalmente, antes de vir para cá. Mas eu sentia que precisava morar no Rio de Janeiro.

E, de fato, assim que passei a morar aqui, assim que passei a andar pela cidade, principalmente pelas ruas do centro do Rio, fui me sentindo mais solta, mais livre, mais inspirada, parecia que estava retornando a um lugar em que havia sempre morado. Não sou espírita, não acredito em reencarnação, acho que a vida é só essa, mas parecia que eu estava voltando, certamente por estar realizando meu sonho. Na verdade, concretamente, eu estava realizando o sonho de morar aqui.

Nos primeiros meses, a partir de 2007, o que mais fiz foi andar pelas ruas, principalmente pelas ruas do centro. Andei muito em Copacabana também, pelo calçadão de Copacabana, praticamente diariamente eu andava ali. E por quê? Acho que uma das razões também é que eu gosto de cidade antiga. Dores do Indaiá é uma cidade antiga, com casario

colonial... Já tem muita coisa moderna também, mas Dolores do Indaiá ainda mantém algo de cidade do interior, de cidade pequena, de casas com alpendres, de pessoas que conversam na porta de casa.

Então, eu gosto muito de coisa antiga, de coisa *vintage*! Sou apaixonada por relíquias, coisas do passado. E gosto também de cotejar isso com coisas do presente, gosto muito de brincar com as duas realidades, de coisa bem antigas conversarem com coisas modernas. E o Rio me oferece isso. Brasília também me oferecia, porque é uma cidade moderna. Lá em Brasília eu conversava com o antigo, morando numa cidade moderna. E aqui no Rio, como eu sou apaixonada por esses casarios antigos, principalmente ali no centro... Poxa, me encantei, por exemplo, com o Real Gabinete Português de Leitura, né? Depois que eu conheci, voltei lá várias vezes. E o Real Gabinete Português de Leitura acabou aparecendo em uma das cenas d' *A Mocinha do Mercado Central*.

Comprei um apartamento na Rua Gomes Freire para meu filho, aí é que passei a andar bastante pelo Centro, primeiro para procurar o apartamento para ele, depois para visitá-lo. Eu dava muita entrevista no programa de TV Sem Censura, ali na rua Gomes Freire, então fui me apaixonando cada vez mais pela atmosfera da cidade, pelos endereços, pelo estilo das casas, dos prédios antigos... E sentia, assim, claramente, que eu ia ficando cada vez mais alerta, mais atenta, mais aberta a novidades, e certamente isso contribuiu para que eu escrevesse mais. Sempre escrevi muito, mas passei a escrever muito mais e com mais ânimo. O Rio de Janeiro me deu mais ânimo, mais coragem, mais alegria de viver.

Tenho uma ligação muito forte com Brasília também, porque foi lá que eu fiz o ginásio, foi lá que eu cursei Letras, meu mestrado... Amo Brasília também, minha família continua lá, mas o Rio de Janeiro me deixa mais no mundo, o Rio de Janeiro é o mundo. E quero estar no mundo, quero ler o mundo. Então, no Rio de Janeiro, me sinto mais próxima de toda a humanidade. É claro que em qualquer lugar a gente está mais próxima se a gente quiser, mas como o Rio atrai gente do mundo inteiro - Brasília também atrai... -, mas, aqui no Rio, sinto melhor este diálogo entre o antigo e o moderno. Aqui tem muito caos também, muita angústia, gosto de estar muito em contato com isso, isso é visceral e é inspirador para mim. Gosto do mar. Sou apaixonada pelo mar. Sempre brinco que como sou estrela do mar, ou seja, meu nome significa estrela do mar, tenho que morar perto do mar. Então, assim, essa felicidade de morar de frente para o mar também me dá mais alegria de viver, mais empolgação, daí escrevo mais. E como estou mais feliz, acabo escrevendo de uma maneira mais fortalecida. Foi quando comecei a ganhar os prêmios mais importantes da minha carreira.

Então acho que, resumindo, é a arquitetura do Rio, principalmente na parte antiga do Rio, a modernidade do Rio, por exemplo, o Museu do Amanhã, que me fez gostar daqui. Sou encantada pelo Museu do Amanhã, e outro detalhe importante é que aqui tenho amigas e amigos de diversas localidades do Brasil, e também amigos e amigas que já moram aqui há muito tempo, e que estão mais próximas da força da cultura. Porque tudo no Rio e em São Paulo ganha mais visibilidade. Você pode ganhar todos os prêmios em Brasília e talvez você não tenha o reconhecimento devido. O fato de morar no Rio também dá mais visibilidade. Não deveria ser assim, né? Em qualquer lugar do mundo, a sua aldeia é o mundo inteiro, mas morar perto de editoras, participar de encontros, de saraus, de lançamentos, de autores que já são mais conhecidos, tudo isso influencia. Ganhei mais visibilidade e mais alegria de viver aqui no Rio: pela arquitetura, por encontrar amigas e amigos mais antenados, pelos encontros, trocas de ideias e mais oportunidades. Eu, por exemplo, sempre tive vontade de conhecer a Lúcia Riff, que já é minha agente há dez anos. Aqui é muito fácil ver a Lúcia Riff, em qualquer evento posso encontrá-la. Então há dez anos ela me agencia, e eu já estava aqui no Rio quando a gente assinou contrato para ela me representar. O Rio me dá sorte!

O interessante é que a mineiridade permanece, acho que está cada vez mais forte, não abro mão dela, mas é uma mineiridade mais cosmopolita, mais do mundo, que conversa com o mundo inteiro. Porque o Rio, para mim, é o mundo: talvez eu possa resumir assim.

Outro detalhe importante de que ia esquecendo: minha paixão por Machado de Assis. Principalmente quando ando pelo centro, me lembro o tempo todo dos romances de Machado de Assis. Sou apaixonada pela obra dele. Eu me lembro de quando eu estudava lá em Brasília, no ginásio. Tenho um romance, eu até comentei sobre ele com você, um romance que aos 15 anos eu digitei na máquina de escrever. Quando eu o mostrei para o meu professor de Português, ele falou: “Stella, seu texto lembra Machado de Assis”. Quando ele falou isso, (risos) ele quis me elogiar, né? E eu já lia Machado de Assis, eu era encantada com as suas personagens, com a ironia e a complexidade da escrita dele.

Me fala sobre seu livro *A valentia das personagens secundárias*.

STELLA: Conta a história de uma família que se reúne durante a Festa do Rosário em Dores do Indaiá, minha terra, e, lá, dois irmãos filmam e fotografam cada membro da família para desvendar um mistério, algo que aconteceu há muitos anos e que será desvendado durante esse encontro da Festa do Rosário. Aí acontecem muitas coisas, segredos são revelados, preconceitos são revelados... Cada personagem toma seu lugar, e exerce sua voz, e fala sob seu olhar. Há uma multiplicidade de vozes, de pontos de vista acerca de uma

determinada questão. Há a revelação. Toda família tem seus segredos, mistérios, rancores, ciúmes e invejas.

Em 2021, este livro foi selecionado para o Clube de Leitura da ONU, olha que maravilha! Ele entrou na seção da identidade de gênero. Nesta seção, fala-se sobre a importância das personagens que são relegadas a um segundo plano, como a mulher. Fala muito sobre a importância da mulher, o papel da mulher. E algumas personagens secundárias deste livro que realmente têm um papel importante são mulheres.

Como você começa um livro?

STELLA: Não escolho previamente o leitor, nunca sei sobre o que vou escrever. Eu lembro de uma frase, lembro de alguma coisa que alguém disse, aí eu jogo lá a frase. Por exemplo, *Alegria pura* começou com a pergunta: “Alegria malsã?”, porque geralmente sou levada por uma palavra, uma frase, e a partir da uma frase, de uma palavra, eu vou construindo a história, ou a história vai se construindo aos poucos, à medida em que vou trabalhando com as palavras, aí vão surgindo as personagens... De repente, descubro uma tensão poética, um drama, um conflito. Aí a história vai se deslanchando. Então não sei se estou escrevendo para criança, se é para jovem, se é para adultos... Há um momento em que eu começo a pensar: ah, acho que esse livro é mais para criança. Tem mais ludicidade nele, tem mais brincadeira, tem mais esperança... Algumas coisas passam pela minha cabeça. Alguns temas são interessantes para os jovens, os jovens conversam sobre isso, eles vivenciam esse drama, essa polêmica... Ou: ah, não, esse é mais para adulto, porque esse assunto está muito complicado, muito sério. Não que a criança e o jovem não tenham acesso a assunto sério e complicado, eu trabalho com qualquer assunto. Eu não tenho medo, não tenho tabu nenhum relacionado a nenhum assunto, a nenhum tema, mas acho que o tom é o que diz se é para criança, para adultos, ou para jovem. Então há um determinado momento em que eu descubro que aquele tom é para aquele determinado público. Mesmo que o assunto seja complicado e polêmico, como em *A mocinha do Mercado Central*, que tem o tema do estupro, do suicídio... Mesmo assim, não sei para quem escrevo, vou descobrindo aos poucos. Às vezes a editora fala: “Stella, este seu livro é mais para adultos do que para jovens”. Mas vários estudiosos me dizem que meus livros são para todas as idades, eles atingem qualquer idade, os adultos gostam muito dos meus livros. E acho que o leitor sensível, que tem alguma habilidade, independentemente da idade, literatura é literatura, né, então, essa questão de infantil, juvenil ou para adultos, é uma coisa mais didática, pedagógica, cabe ao leitor descobrir que aquele livro é para ele. Tem criança de oito, dez anos, que lê um livro dito “complexo”, e faz a leitura dela. O que quero é fazer uma história que emocione, que encante,

que eu tenha liberdade para trabalhar a minha mineiridade, em que eu possa me jogar com as palavras, que as palavras sejam a preponderância, porque a literatura é, antes de tudo, linguagem.

Exatamente. E aí vamos falar de palavra, de silêncio, de entrelinha. E aí vou pegar seu livro *A poesia da primeira vez*, que tem uma personagem chamada Pequeninha. E vou ler um trecho aqui: “Junto com brincar de estátua, Pequeninha adora brincar de *primeira vez*. Por exemplo: sempre que ouvia uma palavra pela primeira vez, virava estátua. Aos poucos essa brincadeira foi virando a preferida.”

Você se diz uma apaixonada por palavras. Como é a sua relação com as palavras? E aproveita para falar um pouco da trilogia para crianças menores. Você tem uma brincadeira de jogar palavras novas para o público pelas redes sociais, buscar significados novos...

STELLA: Antes de começar a falar da Pequeninha, quero dizer o seguinte:

Nasci ali juntinho da Serra da Saudade
 Minas Gerais, Dolores do Indaiá
 Meu nome, Stella Maris
 Eu sou estrela do mar
 Estrela do mar de Minas
 Minas de mistérios
 Montanhas de histórias pra contar.

Gosto muito de falar esses versos, justamente por causa das palavras. O significante e o significado. O som da palavra, que encanta também a Pequeninha. E, de certa forma, eu me identifico muito com a Pequeninha. Sou pequeninha também no tamanho.

Essa personagem é uma menina que, sempre que escuta uma palavra pela primeira vez, vira estátua, fica petrificada, fica encantada com o som. A sonoridade das palavras sempre me encantou, desde novinha. Criei essa Pequeninha que faz essa brincadeira de virar estátua sempre que escuta uma palavra nova. Por exemplo, quando ela escuta a palavra “aliás”. Depois fui me lembrar que, quando escutei a palavra “aliás” pela primeira vez, eu também fiquei encantada. Na hora em que escrevi, não me lembrei disso, não liguei uma coisa à outra. Depois de muito tempo, quando fui reler, me lembrei. Ou seja, “as nossas personagens são pedaços de nós mesmos”, como disse Graciliano Ramos. E realmente eu me

encanto com a palavra, com o significante. Depois fico querendo buscar os diferentes significados. Porque uma palavra tem vários significados. Dependendo do contexto, dependendo do tom com que você fala a palavra... Isso tudo me encanta.

Há também a questão do silêncio que você mencionou. As entrelinhas, aquilo que fica ali subentendido, o não dito, a não-palavra também é muito importante num texto literário. E Pequeninha escuta os pais falando de um problema muito sério. Esta, então, é uma história que fala também de um problema sério na família, tem um conflito familiar. Tem a brincadeira com as palavras, e tem também um conflito familiar que vai sendo construído aos poucos. E a brincadeira da Pequeninha dá força a ela, dá coragem, dá alegria e expande suas amizades. Seus colegas acabam tendo um comportamento muito bonito no final da história.

O livro fala de amizade, de preconceitos, mas tudo isso eu vejo só depois que o livro está pronto. Não me proponho a escrever sobre um determinado tema, não. Meu encanto é com as palavras.

Na mesma trilogia, dedicada às crianças, há outro livro que traz a palavra como tema, mas você foca nas expressões da oralidade sob o olhar de uma criança. É o livro *A coragem das coisas simples*, que fala da atenção que o menino Queridinho dá ao modo de falar das clientes de sua mãe, que é costureira em Dores do Indaiá. Cada personagem tem um jeito característico de falar, e ele se diverte com isso. Mas ele também carrega uma dor. Quem nasce primeiro: o tema, o personagem ou a história?

STELLA: Olha que pergunta difícil! Acho que a personagem nasce primeiro, ela vai se impondo, vai determinando o fio condutor, vai se direcionando para o conflito. O nascedouro é a personagem, e as palavras vão trazendo a personagem aos poucos. E é uma personagem sobre a qual eu não sei nada no começo, ela está sendo levada pela palavra. Por exemplo, “imagina”, “mágico”, de *A mocinha do Mercado Central*. Foi com essas palavras que eu comecei essa história. Essas palavras trouxeram a Maria e a Valentina Vitória. Em *A coragem das coisas simples*, o Queridinho, que é o Arlindo, fica atento aos bordões mais repetidos das clientes da mãe dele. Porque todos nós temos os nossos bordões. E ele leva isso para a vida, para a escola, o que o professor mais repete, o que o colega mais repete. E começa a chamar as pessoas pela frase que ela mais repete. Então tem a “Dona Coisa”, o seu “Fique à vontade”, tem a “Vamos que vamos”, tem a professora de geografia: “Não afasto um milímetro da minha dignidade profissional”, esse é o nome dela; a “Assim não dá pra ser feliz...”. São frases que nós repetimos, né? Nas escolas que trabalham esse livro, os professores fazem esse trabalho com as crianças, e as crianças trazem as frases que elas mais

ouvem em casa. E cada uma fala sobre sua frase. Porque todos nós temos frases marcantes. Eu, por exemplo, tenho mania de falar “Ara, mas tá”, “Larga a mão”, “Bom demais da conta”. É uma história que tem muito humor, a sensibilidade, o olhar dele, a generosidade dele em ajudar a mãe, ele estuda e, à tarde, ajuda a mãe, prega botões. Ele observa os fregueses e as freguesas, que vão lá levar seus tecidos para serem costurados. Ele tem generosidade também com os colegas. Eu me diverti muito escrevendo essa história. E toda história tem um drama, um conflito, um problema. Porque a nossa vida é assim...

E a vida das crianças também é assim, né?

STELLA: A vida das crianças também. E a gente não pode poupá-las disso, porque isso seria poupá-las de viver, poupá-las de ter mais cancha para lidar com as dificuldades da vida. Por meio da literatura é que se pode ter a maneira mais bonita, mais artística, mais humana, mais generosa de fazer com que as crianças e os jovens entendam as dificuldades da vida e possam lidar com essas dificuldades. De uma maneira encantadora, emocionante, que faça rir, refletir, sonhar, que atice a imaginação, a coragem de lutar, de mudar as coisas. A literatura tem essa força. Como toda arte tem. A literatura tem uma importância maior que todas as outras artes, porque é uma conversa mais íntima com a complexidade da alma humana.

Você já é porta-voz da literatura desde os anos 1970 e 1980, quando interpretou duas personagens que divulgavam livros de literatura na televisão. Fale um pouco desta experiência. Como é que foi isso? Foi uma ideia sua?

STELLA: Havia o programa Carrossel, e eu assistia, havia personagens interessantes, então eu pensei: gente, tá faltando literatura nesse programa... Aí a atrevida aqui, a atrevida, a atrevidinha foi lá, falei com a produtora, eu já tinha dois livros publicados. Eu já tinha publicado *Dentro das lamparinas* e um livro de poemas, *Temporã*. Falei: “Olha, eu sou professora, eu sou escritora, tenho dois livros, gosto muito de contar histórias, gosto muito de ler em voz alta. Por que vocês não criam uma personagem que conte histórias, que fale sobre os livros?” Mostrei minha ideia, e minha ideia foi aceita. Foi maravilhoso!

E o roteiro, você que fazia, você que criava? Você fazia com esse seu jeitinho mineirinho...

STELLA: Tudo por minha conta. Eu ajudei a criar a música, fiz os versos, alguém fez a melodia. Eu entrava cantando: “Eu sou a fada Estrela Azul / Voando nas asas do Carrossel / trazendo a alegria de um mundo encantado / Que nasce da arte / A romper o véu.” Eu entrava cantando essa música, e em seguida eu contava ou lia uma história. Eu ajudei a criar a personagem. Eu tinha essa liberdade, foi muito bacana. Eu decidia que contaria até tal trecho, que deixaria um pedacinho sem contar, para deixar um gostinho de quero mais, e as crianças quererem ler o texto todo... E houve uma época em que a produtora viajou e ficou fora do Brasil durante dois meses, aí eu cuidei da produção do programa inteiro, fiz o *script* de tudo, de todas as personagens.

E incluiu literatura e o livro.

STELLA: Aí é que teve literatura! Se é por minha conta, vamos que vamos. Cheguei a promover concursos literários...

E falando em literatura. Quem são os autores de quem você é leitora, que você admira? Você costuma trazer trechos de livros, trazer os autores, versos de poemas... Por exemplo, em *Justamente porque sonhávamos* você usa um poema do Drummond, mas o leitor precisa desvendar; você traz também um romance que uma personagem está lendo (*Ciranda de pedra*). Fale um pouco dessas estratégias e quem são suas referências de escritoras e escritores.

STELLA: *Justamente porque sonhávamos* é um romance muito cheio de mistério, a história se passa na década de 1960, a cidade ainda vive a época da ditadura, os anos não passaram para essa cidade, Ponta Escura. Lá eles estão vivendo ainda sem nenhuma liberdade, há torturas, há muita perseguição política, então é uma história que trata de um tema que me impressiona muito, que me angustia muito, que é a ditadura, que é tortura, que é a ausência de liberdade.

Além disso, trabalho muito com a intertextualidade. Sempre converso com os autores que admiro, converso com Graciliano Ramos, com Carlos Drummond, com a Cecília Meireles, com a Clarice Lispector, vou entremeando versos, frases de autores e poetas, e às vezes eles são o mote. Eu não planejo isso antes, como falei, é no decorrer da construção da história que a intertextualidade acontece. Por exemplo, quando estava escrevendo o *Justamente porque sonhávamos*, de repente veio *Angústia*, do Graciliano Ramos, de repente veio o poema do Drummond, e aí entram outras intertextualidades, outras vozes, porque

escrever é conversar com tudo aquilo que já foi escrito. E essa história tem também uma outra paixão interessante, que é o teatro.

Nesse mesmo livro tem também uma personagem que está lendo um romance da Lygia Fagundes Telles, né, o *Ciranda de pedra*.

STELLA: Suzana está lendo *Ciranda de pedra*. Esse livro também faz parte da história. Então são esses autores que eu faço “questã”. Eu faço “questã”, como se diz lá em Minas, depois é que eu fico pensando que esta é uma maneira interessante de o jovem leitor ter acesso a esses autores. Vamos supor que o jovem nunca tenha lido Lygia, ou nunca tenha lido Graciliano Ramos, ele pode se interessar, procurar, conhecer, ler.

O seu romance *A sobrinha do poeta* também trata da obra de um poeta. A história se passa em Dorés do Indaiá. Seus personagens quase sempre estão em Dorés, ou voltando para Dorés...

STELLA: Dorés do Indaiá. Minha terra querida. A sobrinha do poeta se chama Leodegária, olha que nome mais gostoso. Ela é sobrinha do poeta Emílio Moura, que é um grande poeta lá de Dorés, importantíssimo, maravilhoso, ele era o melhor amigo do poeta Carlos Drummond de Andrade. Então esse livro é uma conversa, de certa maneira, é uma conversa com o poema “A casa”, de Emílio Moura. O poema “A casa” acaba aparecendo inteirinho neste livro, aparece em versos e, no final da história, a gente colocou o poema inteirinho. É uma homenagem ao poeta Emílio Moura. As personagens são figuras de uma cidade do interior, pois Dorés do Indaiá é uma cidade do interior. Dorés do Indaiá é considerada uma cidade do interior. É uma cidade grande, mas ela conserva aquelas casas antigas, aquele modo antigo, aquelas comidas gostosas, aqueles biscoitos de queijo deliciosos que ainda são feitos lá. Então, essas personagens, a Leodegária e o Emílio Moura estão entremeando a história, a história que tem um assassinato, tem o mistério de uma personagem que a gente só vai descobrir no final quem é, que toda noite, toda madrugada, vai à biblioteca e escreve em alguns livros. Na verdade, acho que a personagem principal do livro é a biblioteca. É a biblioteca que acaba revolucionando a cidade. No início do livro, só alguns alunos da Leodegária gostam de ler. E aos poucos, por causa do mistério, toda a cidade passa a gostar de ler. Então a leitura, ou seja, a biblioteca revoluciona a cidade, e a cidade se torna maior, se torna mais inteligente, mais sensível, mais aguerrida, por meio das leituras, por meio dos encontros com os escritores. É uma história que eu não planejei que fosse assim, mas

aconteceu, e veja bem, tudo parte da palavra, do silêncio e da entrelinha, do encantamento com a palavra. Há muita oralidade, muita mineiridade, como há em todos os meus livros.

Me fale sobre seu processo criativo. Seus livros são escritos de supetão ou há livros seus que você começa e o personagem pula para outra história, aquela história vai embora sozinha, depois ele volta pra um livro que já estava sendo escrito. Você começa um livro e termina?

STELLA: Eu escrevo vários livros ao mesmo tempo. Trabalho com um durante uns meses, deixo de lado, trabalho semanas com outro, pego outro texto, trabalho no mínimo dois anos para terminar cada livro. A maioria deles, eu demoro oito a dez anos para terminar. Consigo publicar muito porque escrevo muito.

É muito interessante você falar que leva dez anos num livro. Muita gente acha que o escritor baixa o livro.

STELLA: “A valentia das personagens secundárias” levou dez anos. Eu fiquei trabalhando nele, revendo, reestruturando, procurando uma palavra ou outra, trocando o nome da personagem. Porque eu quero dar o melhor de mim. Então eu não consigo fazer isso rapidamente. E também porque eu trabalho com vários. Eu gosto de burilar o texto. Essa hora de burilar o texto é uma delícia. Quero que haja aquela palavra que seja praticamente insubstituível, que ela tenha uma sonoridade especial. Para mim, cada palavra é importante, cada pausa, cada silêncio. Eu quero que o leitor preencha as lacunas do texto, que o leitor seja coautor, que ele faça a história junto comigo, eu deixo espaços para ele. Então isso leva tempo. Eu nunca fiz uma história que fosse assim e pronto. Para mim, é um processo de muita angústia e alegria. De muita alegria, mas de muita angústia também. Eu quero que seja uma coisa artística, que seja literatura, eu não quero só contar uma história. Eu quero contar uma história, claro, mas, principalmente, eu quero fazer arte literária. Eu quero trabalhar com a linguagem. Como eu disse no início: literatura é antes de tudo linguagem. Então esse trabalho com a palavra - essa carpintaria - , é o que me encanta. A história vai surgindo aos poucos. Tanto é assim, que eu digo no meu livro “Esses livros dentro da gente”: qualquer história pode ser sedutora, depende da maneira como ela for contada. O modo de contar é que seduz o leitor. Uma história, por mais simples, por mais banal que seja, se eu te contar de um jeito emocionante, de um jeito encantador, com palavras sonoras, com um tom, com uma tensão dramática, de um modo que encante, que emocione, que faça sonhar, que faça refletir,

é esse texto que vai encantar, independentemente se a história é simples ou complexa. É um modo de fazer. Como qualquer arte, é um modo de trabalhar. Por exemplo, dois artistas, dois atores que vão dizer o mesmo poema. Um pode dizer de maneira fria, seca, apenas lendo; outro que dê sua alma ao poema, que leia... Não precisa ler com uma voz impostada, uma coisa artificial não, é ler com emoção, ler dando a sua alma, o seu olhar, isso encanta o leitor. Então isso importa para mim.

Você começou a falar da sua paixão pelo teatro e pelo cinema. Tem várias personagens suas que são atrizes, tem a presença de um ator em *A mocinha*... Fale sobre essas personagens e sobre sua relação com teatro e cinema.

STELLA: Em quase todas as histórias há essa menção ao teatro e ao cinema. A Suzana e a Maria representam várias outras que têm paixão por teatro e cinema, podemos citar a Maria, que é apaixonada por cinema e por teatro. Em *A mocinha do Mercado Central*, a Maria, que é apaixonada por teatro, aos poucos envereda pelo cinema também. Ela é apaixonada por um ator de cinema e assistiu a um filme dele, então ela vai trabalhar com esse ator, quem sabe, né... Quem ler o livro todo vai descobrir; e a Suzana, de *Justamente porque sonhávamos*, é atriz, e com a arte ela também consegue transformar a cidade. A arte da Suzana também ajuda, também colabora com a transformação da cidade, que estava presa na ditadura, presa na perda da liberdade. Então a arte dela também é liberadora e transformadora. Essas duas personagens realmente têm tudo a ver com o teatro e o cinema, que são também duas paixões que eu tenho. Eu já trabalhei como atriz lá em Brasília, já escrevi peças de teatro que fizeram sucesso em Brasília, já atuei, cantei. Eu sou autora do texto e dirigi a peça “Corpo tenso, voz passiva”, cantava e atuava, com outros atores e atrizes. Então essa minha paixão pelo teatro sempre foi muito forte na minha vida, eu já pensei em ser atriz mesmo, profissionalmente. Assim como sou apaixonada por cinema. Tenho quase certeza de que ainda vou participar de um filme. Um dos trabalhos mais importantes da Agência Riff é para que um dos meus livros vire filme. Tenho paixão por isso. Mas a minha maior paixão é a literatura, o trabalho pela palavra escrita.

***A mocinha do Mercado Central* foi o primeiro livro para jovens a receber o Jabuti... Esse livro trata de temas considerados tabus. Na LIJ você acha que não deve haver censura para nenhum tema? Você acha que esse é um livro para crianças e jovens?**

STELLA: É um livro para pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos. Para crianças pequeninhas, talvez não. Mas a partir de 12, 13 anos, sim. Há inúmeras histórias de meninas de doze anos, às vezes até mais jovens, que passaram por esse problema de violência sexual, ou seja, as crianças já vivem esse tipo de drama. Então por que proibir esse livro para crianças e para jovens? Imagino que qualquer adolescente, e criança mesmo, que tenha habilidade de leitura, que já tenha lido bastante, pode ler *A mocinha do Mercado Central*. Digamos: não é um livro para adultos, ou para jovens, ou para crianças, é um livro para todas as idades, dependendo de uma boa mediação de leitura.

Como é sua relação hoje com o leitor? Como é sua relação com o editor? Você tem medo de perder leitores ou de ser censurada? Isso impacta você de alguma forma?

STELLA: Quando eu escrevi *A mocinha do Mercado Central*, em determinado momento aconteceu esse drama – eu não sabia que ia acontecer – aconteceu o estupro, aí a personagem principal é filha dessa situação, ela é filha dessa violência, ela nasceu dessa violência. Aí eu me assustei. Nossa! Que assunto que apareceu aqui! Porque, a princípio, o que me parece é que não fui eu quem trouxe o assunto, o assunto vem. Que assunto é esse que eu não tinha imaginado, né? Depois veio o assunto do suicídio da Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto, que era tão corajosa... Esse suicídio também me deixou preocupada... Mas se surgiu, é porque a vida é assim...

Como é sua relação com os personagens, você conversa com eles, eles ficam “falando com você”?

STELLA: Ah, ficam... Eu sou bem esquizofrênica, fico escutando as vozes das personagens, elas interferem, tem hora que penso que vai pra um lado, e é como se elas dissessem assim: “não, senhora, não é por aí não”. No meu livro *O sonho selvagem*, a personagem planeja se vingar do menino. Na verdade, ela é apaixonada por ele, aí quando pensei que ela fosse fazer alguma coisa contra ele, ela vai e pede um beijo para ele. Eu levei o maior susto: “Mas como assim, você não falou que odiava esse menino?”. Eu converso com ela: “Você pede um beijo? Como assim?”. Aí é como se ela falasse para mim: “Tudo bem, Stella, você pensou assim, mas eu tenho vida própria, eu quis esse beijo”. Ela queria mais era

namorar, né? Então, isso aí não é brincadeira, não é um chavão, realmente a personagem toma as rédeas da história. É ela que vai comandando, é ela que vai direcionando. Eu convivo com isso, entro em conflito, brigo com elas às vezes, sempre dando total liberdade para que elas tomem as rédeas da história, me deixo ser levada por elas. E acho isso tão bacana... Isso é tão gostoso... Você também sabe o que é essa convivência, essa troca. Porque, como o Graciliano Ramos disse e eu já repeti aqui, “nossas personagens são pedaços de nós mesmos”. Então, de certa forma, eu estou conversando com uma Stella que reside em mim e que, talvez, eu desconheça. Cada um de nós é uma biblioteca imensa, cheinha de livros, cheinha de mistérios, cheinha de perguntas, não é, Sol?

Você pode falar de seu livro *O demônio do rio*?

STELLA: *O demônio do rio* foi meu primeiro livro por uma grande editora. A personagem é a Mirinha. O rio é o São Francisco. Desde o início ela demonstra que é muito feminista. Ela luta pela mãe, luta pela vida, ela não quer deixar de viver de jeito nenhum, ela tem ali um drama, um conflito com a mãe, ela fala sobre o papel da mulher, que a mulher não deve se submeter às ordens do marido. Há um momento em que ela dialoga com a mãe, que a mãe fala assim: “Ah, eu tenho que obedecer, eu tenho que fazer o que ele quer, ele é meu marido.” Ela fala: “Não, essa história tem que acabar, isso não pode ser assim não.” Essa questão do feminismo, desde as minhas primeiras obras, aparece. *O demônio do rio* foi meu primeiro livro que abriu as portas para as grandes editoras, e foi um livro que me deu muitas alegrias. Eu já havia publicado dois livros independentes de editoras, eu tive que bancar do meu bolso, que foram *Dentro das lamparinas* e *Temporã*. A partir de *O demônio do rio*, eu disse: agora não vou querer pagar, não, agora vou querer que alguma editora acredite no meu trabalho. Aí mandei esse texto para várias editoras. E um dia uma grande editora, que foi a Moderna, quis lançar e a partir dele tudo foi se deslanchando, tudo foi se abrindo. Foi com *A mocinha do Mercado Central* que as coisas melhoraram muito mais.

O que mudou depois que você ganhou o prêmio *Jabuti* de Melhor Livro do Ano?

STELLA: Mudou muito. Como escritora, continuei com meu projeto estético, como eu gosto de falar; eu mantenho meu projeto estético, não abro mão dele, mantenho a mineiridade, a paixão pelas palavras, o assunto que vier é bem-vindo, eu não tenho nenhum tabu, não tenho nenhum medo. Eu posso levar um susto ali naquela hora, mas deixo rolar. Mudou na medida em que eu ganhei mais visibilidade, o livro foi publicado por uma grande

editora, apareceu em novela de televisão. *As gêmeas da família* também apareceu em novela, então o prêmio *Jabuti* foi inusitado. Foi a primeira vez que um romance para jovens ganhou o Jabuti do Ano, foi também uma vitória para a literatura juvenil, porque livro para criança já tinha ganhado, mas para jovem foi a primeira vez. Então foi uma conquista também da literatura juvenil. Meus colegas também falaram isso: Stella, nós estamos nos sentindo também premiados. Foi a primeira vez. Então me deu mais visibilidade, mais alegria, mais confiança de que eu tenho que continuar nessa linha, de que eu tenho que ser eu mesma. Todo autor tem que ser autêntico, tem que ouvir a sua voz, tem que ter a sua voz, o seu olhar para o mundo, a sua linguagem, a sua verdade ainda que precária seja. Que cada um diga a sua verdade.

Como é a sua relação com seus leitores? Que idade eles têm? De onde eles são?

STELLA: Eu bato papo até por WhatsApp com meus leitores. Eu tenho uma linda leitora que conheci quando ela tinha oito anos, a Anna Maysa, e até hoje ela acompanha as minhas *lives*, os meus lançamentos. Tem o Lucas Figueiredo Silveira, que eu conheci juvenzinho, quando eu lancei *A sobrinha do poeta*, e ele já é um grande poeta, está lançando um livro sobre Emílio Moura. Tenho um fã-clube aqui no Rio, com o Vinicius Vieira, Pedro Moura, a Stephanie, são os comandantes desse meu fã clube aqui no Rio. Eu converso com os leitores pelo WhatsApp, pelo Facebook, pelo Instagram, eu gosto muito. Eu recebia cartas de muitos leitores do Brasil inteiro, de cidade grande, do interior. Lá em Brasília eu tenho uma caixa cheinha de cartas. Hoje recebo e-mails e telefonemas. Vários dizem que eu desperto neles a vontade de prosaer, a vontade de conversar. Aí eu abro para isso, porque eu também gosto de conversar, embora eu seja muito introspectiva, muito tímida, eu gosto de conversar com as pessoas. É uma troca bacana porque também, de vez em quando, eles me falam sobre temas, assuntos, sobre angústias que eles vivem, alguns me falam sobre problemas familiares e problemas íntimos. Então tudo isso serve de material para mim. Não que eu pense: eu vou escrever sobre o que fulana me falou, não. Isso, no decorrer da minha vida, vai surgir num momento ou outro. Num momento em que uma palavra ou uma frase conversar com isso que me foi contado. Do mesmo modo quando eu estou no metrô, uma frase que eu ouvia iniciava uma história. Eu tenho vários caderninhos na minha bolsa. Eu anoto aquela frase e, de repente, a personagem vai me trazendo uma frase, uma lembrança. Eu trabalho muito com a memória, com os livros que eu já li, e é uma delícia. É angustiante, e ao mesmo tempo, é uma felicidade. É uma felicidade clandestina.

Eu estava conversando esses dias com você sobre a relação entre “Felicidade clandestina” e *A terra dos mais belos desejos*. E você estava me falando da sua surpresa. Foi uma grande surpresa mesmo. A personagem está esperando para ler um livro. O livro está sendo emprestado para vários colegas, depois é que vai para ela. Então ela fica ali naquela agonia esperando a hora de ela ler o livro, então ela fica pensando: “Ah, quando o Tarcísio ler, o que que o Tarcísio vai pensar? Ela fica sonhando com o momento em que ela vai ler o livro. E esse livro te lembrou o conto “Felicidade clandestina”, da Clarice, esse namoro que a menina tem, ela fica adiando o momento de começar a ler o livro, de tanto amor, de tanta paixão. Vai adiando um pouquinho para saborear mais devagar.

Você fez mestrado em Literatura Brasileira, estudou a literatura infantil de Graciliano Ramos. E você tem também oficinas de escrita. Onde você se encontra mais?

STELLA: Adoro estudar literatura. Adoro coordenar a oficina *Letras Mágicas*. Já viajei pelo Brasil todo, dando essa oficina, incentivando a leitura e a escrita, divulgando a literatura infantojuvenil brasileira, lendo vários livros de autores brasileiros, divulgando a nossa literatura. Adoro esse trabalho, adoro ser professora, adoro ser atriz, cantar, adoro teatro, adoro cinema, adoro ler, ler é tudo de maravilhoso, mas a hora em que eu me encontro mesmo com a minha vocação, com a minha paixão, encontro comigo e me divirto mais e converso mais com a humanidade inteira, é quando eu estou escrevendo, é quando eu estou criando. Para mim, é o momento mais gostoso, por mais difícil que seja, por mais dificuldades que eu enfrente, é o momento mais feliz, porque é criar um mundo, criar um universo simbólico... A literatura é um universo simbólico que fala de toda a humanidade, numa personagem há uma humanidade inteira. Há todos os medos, todas as coragens, todas as perguntas, escrever é perguntar. É a minha paixão maior, a minha vocação. Se me dissessem assim: disso você não pode abrir mão, eu escolheria escrever. E quando estou escrevendo, estou lendo. Escrever é ler ao mesmo tempo. Estou lendo as personagens, estou lendo um mundo, estou relendo aquilo que eu já li. Escrever e ler caminham juntos, estão interligados. Ler e escrever são um processo só.

A Jenny pergunta o seguinte: ela está lembrando os temas pouco abordados (na literatura infantil e juvenil). Como você pensa que deve ser feita a mediação da leitura de *A mocinha...* na escola?

STELLA: Olha, eu penso que qualquer professor apaixonado por literatura vai encontrar a maneira adequada de trabalhar esse livro, lendo alguns trechos, primeiramente,

encantando os leitores pela linguagem. Porque quando chegar aquele momento do drama, do assunto que vem, que aparece, a criança ou o jovem vai estar preparado, vai estar munido de generosidade, de carinho, de afeto. Os laços de afeto entre o mediador de leitura e seus leitores abrem caminho para qualquer tema. Nós convivemos com esses temas. A literatura dá conta de tudo isso. O bom texto literário não tem medo de tema nenhum. Veja *A pequena vendedora de fósforos*, do Hans Christian Andersen, um tema dramático, tristeza pura... No entanto, é um livro para criança. Por quê? Porque a maneira como a história é contada emociona, entristece, encanta, e ao mesmo tempo mostra a dimensão desse mundo, mostra toda a complexidade desse mundo, e, de certa forma, dá cancha para que a criança consiga viver com esses assuntos tristes. Então eu acho que o bom mediador de leitura, cada um, vai encontrar uma forma. Eu, por exemplo, quando dava aulas ou mediava minhas oficinas, lia trechos, eu escolho trechos a dedo, determinados trechos que vão tocar, que vão emocionar. Por meio daquela leitura, daquele trecho, eu posso abrir para qualquer assunto. Porque eles vão estar envolvidos pelos laços de afeto, por aquele carinho, pelo tom da voz. Então a literatura é a arte do encontro também. Desse abraço. Eu abraço cada leitor e falo: esteja aqui comigo, vamos conversar sobre qualquer assunto. Estamos juntos, vamos lá, não tenha medo. E se tiver medo: vamos vencer esse medo. Deus é alegria e coragem, né? Eu sou ateia, mas adoro essa frase do Guimarães Rosa: Deus é alegria e coragem.

É uma pergunta da (espectadora e conhecedora da obra de Stella Maris Rezende) Anna Maysa. Ela está perguntando: Stella, você afirma que um leitor vive muitas vidas antes de morrer?

STELLA: Que pergunta maravilhosa! Sim, porque você se identifica com as personagens. O leitor tem essa alegria de viver mil vidas. Assim como o escritor tem essa oportunidade de viver mil vidas. Tem a questão da alteridade, de se colocar no lugar do outro. Quando você lê uma determinada história, você vive o drama daquela personagem, você pode descobrir uma personagem que tem uma vida completamente diferente da sua, mas você tem alteridade, você se coloca no lugar daquela personagem, e você acaba sendo mais generosa com a humanidade, por isso que a literatura nos humaniza, a literatura tem essa mágica. É uma mágica, né? Essa mágica de ser uma conversa com a nossa intimidade, com a nossa complexidade, de nós termos mais amor pelas pessoas.

ANEXO B – Prêmios

Quadro 2 – Prêmios (continua).

LIVRO	PRÊMIO
<i>Alegria Pura</i> (3. ed.)	• Hour Concours Prêmio Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio 2021
<i>A valentia das personagens secundárias</i>	• Selecionado para o Clube de Leitura da ONU, projeto mundial que já acontece na Noruega, na Indonésia e na África. • Selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha 2020 • Prêmio Seleção Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio 2019 • Altamente Recomendável Para Jovens/FNLIJ
<i>Justamente porque sonhávamos</i>	• Selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha 2018 • Altamente Recomendável Para Jovens/FNLIJ
<i>A fantasia da família distante</i>	• Selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha 2017 • Prêmio Seleção Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio 2016 • Finalista do Prêmio Jabuti 2017
<i>A poesia da primeira vez</i>	• Selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha 2015 • Altamente Recomendável Para Crianças/FNLIJ • Finalista do Prêmio Jabuti 2015
<i>Missão Moleskine</i>	• Selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha 2015 • Altamente Recomendável Para Jovens/FNLIJ

Quadro 2 – Prêmios (continuação).

LIVRO	PRÊMIO
<i>As gêmeas da família</i>	• Prêmio Jabuti Melhor Livro Juvenil de 2014 - segundo lugar • Selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha 2014 • Melhor Livro Infantojuvenil de 2013/APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte • Altamente Recomendável Para Jovens/FNLIJ • Prêmio Brasília de Literatura 2014/categoria juvenil, segundo lugar
<i>A menina Luzia</i>	• Selecionado para o Catálogo da Feira do Livro de Bolonha 2013
<i>A sobrinha do poeta</i>	• Altamente Recomendável Para Jovens/FNLIJ • Prêmio Bolsa Para Autores com Obra em Fase de Conclusão - Fundação Biblioteca • Nacional, RJ, 2007
<i>A mocinha do Mercado Central</i>	• Prêmio Jabuti 2012 - O Livro do Ano de Ficção • Prêmio Jabuti Melhor Livro Juvenil de 2012 - 1º Lugar • Selecionado para a Revista Machado de Assis/Biblioteca Nacional/2013, com tradução de trechos em inglês • Programa Biblioteca na Escola/PNBE/FNDE/MEC • Selecionado para o Catálogo de Bolonha 2012 • Altamente Recomendável Para Jovens/FNLIJ • Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro/categoria juvenil, júri adulto/2008

Quadro 2 – Prêmios (continuação).

LIVRO	PRÊMIO
<i>A guardiã dos segredos de família</i>	• Prêmio Jabuti Melhor Livro Juvenil de 2012 - 2º Lugar • Selecionado para o Catálogo de Bolonha 2012 • Altamente Recomendável Para Jovens/FNLIJ • Prêmio Barco a Vapor 2010 • Salas de Leitura/Secretaria de Educação do Estado de São Paulo/2012
<i>Família contadeira de histórias</i>	• Prêmio Literatura Para Todos - MEC/OEI, 2008, Educação para Jovens e Adultos • 2 milhões de exemplares
<i>A filha da vendedora de crisântemos</i>	• Programa Biblioteca na Escola - PNBE/FNDE/MEC/2011
<i>Coração brasileiro</i>	• Prêmio Redescoberta da Literatura Brasileira/Categoria Contos – Revista Cult/2002
<i>O artista na ponte num dia de chuva e neblina</i>	• Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro/Categoria Juvenil, Júri Juvenil/2001 • Altamente Recomendável Para Jovens - FNLIJ
<i>Esses livros dentro da gente</i> (1. ed.)	• Altamente Recomendável Para Jovens – FNLIJ • Catálogo da Feira do Livro de Bologna/2003 • Obra selecionada pela FNLIJ para Brazilian Book Magazine/2003
<i>A terra dos mais belos desejos</i>	• Catálogo da Feira do Livro de Bologna/2003 • Obra selecionada pela FNLIJ para Brazilian Book Magazine/2003 • PNLD 2003/FNDE/MEC
<i>Matéria de delicadeza</i>	• Acervo Básico da FNLIJ • PNLD 2003/FNDE/MEC
<i>O seco e o amoroso</i>	• Acervo Básico da FNLIJ • Catálogo da Feira do Livro de Bologna/2000 • Obra selecionada pela FNLIJ para Brazilian Book Magazine/2000

Quadro 2 – Prêmios (conclusão)

LIVRO	PRÊMIO
<i>Amor é fogo</i>	• Altamente Recomendável Para Jovens – FNLIJ
<i>Pétala de fúria no vento da rosa</i>	• Catálogo da Feira do Livro de Bologna/1996 • Obra selecionada pela FNLIJ para Brazilian Book Magazine/1996

Fonte: REZENDE, 2022c.